

Dicastério para a Formação  
Dicastério para a Pastoral Juvenil

# Jovens Salesianos e acompanhamento

Orientações e diretrizes



Roma 2019

Jovens Salesianos  
e acompanhamento



Dicastério para a Formação  
Dicastério para a Pastoral Juvenil

# Jovens Salesianos e acompanhamento

Orientações e diretrizes

Roma 2019

Projeto gráfico:  
Andrea Marconi

Tradução: P. José Antenor Velho, sdb

Impressão  
a/c EDEBÊ – Brasília

Todos os direitos reservados  
à Sociedade de São Francisco de Sales  
(Salesianos de Dom Bosco)  
Edição extracomercial (2020)

Sede Central Salesiana  
Via Marsala, 42  
00185 Roma

# Sumário

**ABREVIACÕES**, pag. 9

**APRESENTAÇÃO**, pag. 11

**INTRODUÇÃO**, pag. 15

**PRIMEIRA PARTE - RECONHECER**, pag. 23

**1. O estudo do acompanhamento pessoal Salesiano**, pag. 25

**1.1 O processo**, pag. 25

**1.2 Elementos macroscópicos relativos aos entrevistados**, pag. 28

*1.2.1 Salesianos que emitiram a primeira profissão religiosa*, pag. 29

*1.2.2 Distribuição demográfica*, pag. 32

*1.2.3 Língua*, pag. 34

*1.2.4 Idade*, pag. 36

**1.3 O presente documento**, pag. 38

**2. Temas emergentes**, pag. 43

**2.1 As pessoas envolvidas no acompanhamento espiritual pessoal**, pag. 43

*2.1.1 Uma Congregação jovem*, pag. 44

*2.1.2 Os guias espirituais*, pag. 46

*2.1.3 Acompanhamento comunitário*, pag. 49

**2.2 Como é entendido o acompanhamento espiritual pessoal**, pag. 51

*2.2.1 O modo de entender de quem é acompanhado*, pag. 51

*2.2.2 O modo de entender de quem acompanha*, pag. 54

**2.3 O que acontece durante o acompanhamento espiritual pessoal**, pag. 54

*2.3.1 Alguns fatores externos que condicionam*, pag. 55

*2.3.2 Diretores como guias espirituais: tendência à diminuição*, pag. 55

*2.3.3 Carências sobre a discricção e a confidencialidade*, pag. 56

*2.3.4 Abertura e transparência*, pag. 57

*2.3.5 Outros aspectos problemáticos*, pag. 58

*2.3.6 Um comportamento externo ao qual conformar-se*, pag. 58

*2.3.7 A sobreposição de acompanhamento e autoridade*, pag. 59

**2.4 O papel desempenhado por algumas mediações**, pag. 61

*2.4.1 Avaliações trimestrais (escrutínios)*, pag. 61

*2.4.2 Diversas formas ou aspectos da oração*, pag. 63

*2.4.3 O projeto pessoal de vida*, pag. 64

**SEGUNDA PARTE - INTERPRETAR**, pag. 67**3. Inspirações que nascem da nossa tradição**, pag. 69**3.1 A originalidade do acompanhamento espiritual salesiano dos jovens**, pag. 69**3.2 O acompanhamento espiritual salesiano nos processos de formação**, pag. 74*3.2.1 A praxe de Dom Bosco reflete-se nos processos de formação*, pag. 74*3.2.2 O sistema preventivo e os processos de formação*, pag. 74*3.2.3 A esplêndida harmonia entre espírito de família e acompanhamento*, pag. 78**4. À escuta do espírito**, pag. 81**4.1 Uma formação inculturada**, pag. 81**4.2 Esclarecer o significado de acompanhamento espiritual salesiano**, pag. 87**4.3 Além do limiar do foro íntimo**, pag. 90**4.4 Os pontos críticos da experiência do pré-noviciado**, pag. 91**4.5 A qualidade da pastoral juvenil determina os processos de formação**, pag. 94**4.6 A dinâmica fundamental de graça e liberdade**, pag. 97*4.6.1 A problemática sobreposição de papel da autoridade e do acompanhamento espiritual pessoal*, pag. 97*4.6.2 Graça e liberdade*, pag. 97*4.6.3 Respeitar o dinamismo de graça e liberdade*, pag. 99**4.7 O diretor, o acompanhante espiritual e o confessor: três figuras-chave**, pag. 103**4.8 Continuidade no acompanhamento**, pag. 105**4.9 O papel da comunidade e da missão**, pag. 107**4.10 Respeitar a confidencialidade e criar confiança**, pag. 112**4.11 Retornar al sistema preventivo**, pag. 115**4.12 Aprender da experiência**, pag. 119**4.13 Acompanhamento espiritual holístico**, pag. 120**4.14 Avaliações trimestrais como ajuda para o crescimento**, pag. 121**4.15 Assumir a responsabilidade pessoal da formação**, pag. 122**4.16 Aprender que o acompanhamento continua a vida toda**, pag. 124**4.15 A urgência de escolher e preparar guias espirituais**, pag. 125

## **TERCEIRA PARTE - ESCOLHER**, pag. 129

### **5. Caminho a trilhar**, pag. 131

#### **5.1 Sugestões emergentes**, pag. 131

#### **5.2. Estratégias**, pag. 132

*5.2.1 Esclarecer a natureza do acompanhamento espiritual salesiano*, pag. 132

*5.2.2 Renovação da animação vocacional e dos aspirantados*, pag. 132

*5.2.3 Adotar o Sistema Preventivo como nosso modelo de formação*, pag. 134

*5.2.4 Assumir a responsabilidade do acompanhamento da comunidade*, pag. 136

*5.2.5 Garantir a liberdade no acompanhamento espiritual pessoal*, pag. 138

*5.2.6 Reforçar a figura e o papel do diretor*, pag. 140

*5.2.7 Preparação de formadores e guias espirituais*, pag. 142

*5.2.8 Fazer com que o acompanhamento espiritual seja permanente*, pag. 146

*5.2.9 Contextualizar as estratégias*, pag. 147

### **CONCLUSÃO**, pag. 151

### **APÊNDICE:**

#### **ALGUMAS QUESTÕES E ALGUNS PONTOS PARA REFLEXÃO**, pag. 155

#### **BIBLIOGRAFIA ES COLHIDA**, pag. 165

# Comentário às imagens

Capa: vista do Tel Morasti, ambiente do profeta Miquéias (foto Ivo Coelho)

Mq 6,8: “Já te foi dito, ó homem, o que convém, o que o Senhor reclama de ti: que pratiques a justiça, que ames a bondade, e que andes com humildade diante do teu Deus”.

Caminhar foi o motivo inspirador das imagens que acompanham o texto.

O primeiro passo é dado pelo Bom Pastor ([2] catacumbas de São Calisto), ícone que diz tudo sobre o processo da vocação e missão salesiana, foco central de todas as páginas que seguem

Para iniciar encontramos a humilde casa de “I Becchi” e o “Colle Don Bosco”; para concluir, temos “Valdocco” e a “Basílica de Maria Auxiliadora”. Nesse caminho do nosso pai Dom Bosco e da Família Salesiana, que nasceu dele e continua a crescer no mundo, colocam-se as três partes do texto.

A primeira, **RECONHECER**, consiste na escuta atenta do que expressam os passos de tantos jovens em formação e de seus acompanhantes, como se reflete na ampla consulta internacional da qual brotam as orientações e os itinerários oferecidos no texto. O círculo dos pés [22] e o salto na poça evocam o caminhar dos primeiros protagonistas deste trabalho, que são os próprios jovens.

A segunda parte, **INTERPRETAR**, mostra o caminho que se pretende seguir, onde o ponto em que nos encontramos, tal como aparece na pesquisa e consulta, indica-nos os inícios da viagem e a inspiração que vem de Dom Bosco, para poder ver mais adiante e intuir para onde devemos dirigir nossos passos com entusiasmo renovado. O caminho é longo [64], mas se percorre com prazer porque não é um caminho solitário que nos isole do resto do mundo. Ao contrário, faz-nos entrar na vida do povo a que somos enviados [78], tendo em nós um coração sempre mais semelhante ao de Dom Bosco.

A terceira parte, **ESCOLHER**, apresenta sugestões que emergem das partes anteriores. São sugestões mais do que normas, que devem ser interpretadas e encarnadas em cada Região, Inspeção e Comunidade. A imagem dos jovens que expressam com suas mãos a necessidade de receber e o desejo de dar amor [126] reflete a DIREÇÃO que dá vida a todo o caminho e a cada passo: “Ama e faz o que quiseres” (Santo Agostinho).



# Abreviações

**AL** *Amoris laetitia*

**Albuquerque** Eugenio Albuquerque Frutos, *São Francisco de Sales como diretor espiritual. Práxis pastoral da direção espiritual do Bispo de Genebra*, in Attard-García 28-47.

**Attard-García** Fabio Attard e Miguel Angel García, *O acompanhamento espiritual. Itinerário pedagógico e espiritual em chave salesiana a serviço dos jovens*. Editora Dom Bosco, Brasília 2015.

**Bay** Marco Bay, *Giovani salesiani e accompagnamento. Risultati di una ricerca internazionale*, LAS, Roma 2018.

**Buccellato** Giuseppe Buccellato, *A experiência da direção espiritual vivida por Dom Bosco no Colégio Eclesiástico de Turim (1841-1844)*, in Attard-García 141-194.

**C** *Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales* (2015)

**CV** *Christus vivit*

**EG** *Evangelii gaudium*

**CEP** Comunidade educativo-pastoral

**DF XV** Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos 2018, “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional” – *Documento Final*

**QdR** *A Pastoral Juvenil Salesiana. Quadro Referencial* (2014)

**FSDB** *A Formação dos Salesianos de Dom Bosco: Ratio Fundamental Institutionis et Studiorum* (IV edição, 2016)

**GE** *Gaudete et exsultate*

**Giraud** Aldo Giraud, *Direção espiritual em São João Bosco. Características peculiares da direção espiritual oferecida por Dom Bosco aos jovens* in Attard-García, 195-211. *Direção espiritual em São João Bosco. Conteúdos e itinerários do acompanhamento espiritual dos jovens na praxe de Dom Bosco*, in Attard-García 212-226.

**Grech** Louis Grech, *Salesian Spiritual Companionship with Young People Today inspired by the Thought and Praxis of St John Bosco*. Horizons, Malta 2018.

**IL XV** Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos 2018, Os jovens, a fé e o discernimento vocacional – *Instrumentum Laboris*.

**McDonnell** Eunan McDonnell, *A direção espiritual em São Francisco de Sales. Linhas fundamentais do método espiritual e pedagógico na perspectiva salesiana*, in Attard-García 94-133.

**OEA** *Oeuvres de saint François de Sales*. Annecy 1892-1932.

**R** *Regulamentos Gerais da Sociedade de São Francisco de Sales*

**Struś** Józef Struś, *A pessoa do diretor espiritual segundo São Francisco de Sales* in Attard-García 48-93.

**VC** *Vita consecrata*

**VN** *Para vinho novo odres novos*, CIVCSVA, Roma 2017.





QUESTA  
È LA MIA CASA.  
Via BOSCO



# Apresentação

Caros irmãos,

11

Estou feliz por apresentar-lhes *Jovens Salesianos e Acompanhamento. Orientações e Diretrizes*, promulgando-o *ad experimentum* por um período de três anos. Não se trata de um suplemento da Ratio (A Formação dos Salesianos de Dom Bosco), e, em caso de discrepâncias, este documento prevalece sobre a Ratio.

Estou particularmente feliz ao dizer que este documento é fruto da colaboração entre os dicastérios para a Formação e para a Pastoral Juvenil da nossa Congregação. O acompanhamento espiritual, como se torna sempre mais evidente, é central tanto para a pastoral juvenil como para a formação. A pedido do Reitor-Mor e seu Conselho, os dois dicastérios iniciaram uma proveitosa colaboração que possibilitou um intenso exercício de escuta dos jovens salesianos e seus guias espirituais. Os dois dicastérios seguiram o método do discernimento, utilizado também nos Sínodos sobre a família e no Sínodo recentemente concluído sobre os jovens, a fé e o discernimento vocacional.

Embora este documento resulte da colaboração entre os dois dicastérios, a atenção se concentrou no acompanhamento dos salesianos em seus processos de formação inicial. O interesse, no acompanhamento, deve dirigir-se sobretudo à relação de acompanhamento espiritual pessoal. Como, no entanto, em nossa tradição e práxis há uma relação muito estreita entre acompanhamento pessoal e acompanhamento comunitário, o documento também esclarece sobre o acompanhamento da comunidade, o colóquio pessoal com o diretor e outros elementos do processo formativo.

Emergiu também com clara evidência deste exercício de “escuta” que aquilo que acontece na Pastoral Juvenil influencia a formação e vice-versa. E se houver em nossa Pastoral Juvenil um bom acompanhamento e discernimento vocacional, as vocações



salesianas que daí brotarem entrarão bem preparadas nos processos de formação. E se houver um bom acompanhamento na formação, podemos esperar salesianos bem preparados para a Pastoral Juvenil e o acompanhamento dos jovens. A nossa missão “dá a toda a nossa existência o seu tom concreto” (C 3) e “a identidade de consagrado apóstolo, como o foi Dom Bosco, constitui a linha mestra do processo formativo” (FSDB 41). O centro da nossa missão está em ser “companheiros de caminhada” para os jovens, como Dom Bosco o foi em Valdocco. Trata-se de um dos melhores modos de preparar os salesianos para abraçarem essa missão e oferecer-lhes experiências válidas de acompanhamento pessoal durante a formação inicial, mediante o serviço de irmãos “aptos para comunicar vitalmente o ideal salesiano, capazes de diálogo e com suficiente experiência pastoral” (C 104).

Este documento é dirigido, portanto, a todos os envolvidos de diferentes maneiras nos processos de formação inicial: guias espirituais, formadores e confessores; diretores de jovens e irmãos em formação inicial, inclusive os tirocinantes; membros do Conselho local; inspetores e seus Conselhos, delegados inspetoriais para a formação e suas respectivas comissões. Mas, à luz do que se disse acima sobre a conexão entre pastoral juvenil e formação, também se dirige de algum modo a todos os salesianos envolvidos na pastoral juvenil e especialmente aos que trabalham com aspirantes à vida salesiana. São todos convidados a ler este documento, deixando-se desafiar e provocar por ele, a fim de, juntos, encontrarem as modalidades mais vantajosas, com o envolvimento dos próprios jovens salesianos, para poderem acolher as orientações e pôr em prática as diretrizes que o Reitor-Mor e seu Conselho oferecem agora à Congregação inteira.

No coração da mensagem comunicada pelo documento está um convite aos formadores e guias espirituais a serem verdadeira e genuinamente salesianos. Escrevendo-lhes da Basílica do Sacro Cuore, não posso deixar de pedir para retornarem à carta de Dom Bosco, escrita desde Roma, e fazerem do Sistema Preventi-



vo o nosso modelo de formação. Dom Bosco o disse com muita eficácia: *procura fazer-te amar!* A cruz da nossa profissão perpétua é um constante convite e memória deste princípio central do sistema educativo de Dom Bosco.

A aproximação dos 400 anos da morte do nosso patrono São Francisco de Sales é outro apelo a recuperarmos a centralidade do coração em nosso carisma e em nosso sistema educativo, e darmos novamente ao acompanhamento espiritual o lugar de destaque que lhe cabe tanto na proposta pastoral de quem se inspira em Dom Bosco como nos processos de formação dos seus salesianos.

**Ángel Fernández Artime, SDB**

Reitor-Mor

Roma – Sacro Cuore, 16 de agosto de 2019





# Introdução

Os dicastérios para a Pastoral Juvenil e para a Formação dos Salesianos de Dom Bosco envolveram-se, nos últimos anos, num processo de profundo estudo sobre o acompanhamento pessoal salesiano (APS). Por feliz coincidência, também o recente Sínodo dos Bispos sobre *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional* refletiu sobre como acompanhar os jovens no discernimento da própria vocação. Estamos, pois, diante de um tema realmente importante, que se refere tanto à formação como a práxis pastoral.

Caminhar com os jovens e encorajá-los a dialogar de maneira livre e responsável com o Senhor que chama é uma tarefa que está na essência da vocação e da missão salesianas. Criar uma atmosfera de confiança e confiança, em que os jovens se sintam amados como são, faz parte do sistema educativo e da espiritualidade de Dom Bosco e constitui o quadro interpretativo do acompanhamento espiritual salesiano.

O acompanhamento espiritual, tanto comunitário como pessoal, é parte igualmente importante dos processos da formação inicial e, sem dúvida, também da formação permanente. De fato, há uma interação intrínseca e contínua entre o acompanhamento oferecido nas áreas da nossa pastoral juvenil e aquele oferecido e experimentado ao longo dos processos de formação. Quanto melhor for o acompanhamento dos jovens em seus contextos de vida, tanto mais será facilitado e potencialmente frutuoso o acompanhamento durante os processos de formação; e quanto melhor for o acompanhamento durante os anos da formação inicial, é muito mais provável que os salesianos se tornem bons guias espirituais para os jovens e para os leigos que participam da nossa mesma missão.

Ainda antes do CG27, o acompanhamento salesiano estava no centro da atenção do dicastério para a Pastoral Juvenil e do dicastério para a Formação, cada qual segundo a própria perspectiva, com o objetivo de promover a redescoberta e rea-



valiação dessa parte tão típica da missão salesiana. O dicastério para a Pastoral Juvenil promoveu três seminários sobre o tema do acompanhamento espiritual dos jovens,<sup>1</sup> enquanto o dicastério para a Formação concretizou um processo de consulta que levaria ao suplemento da nossa *Ratio* sobre “o acompanhamento pessoal salesiano” que, embora distinto do acompanhamento da comunidade, deveria incluir várias formas de acompanhamento, como o colóquio com o diretor, o acompanhamento espiritual pessoal (“direção espiritual”), o sacramento da reconciliação, o acompanhamento psicológico, as avaliações periódicas (“escrutínios”) e o acompanhamento intelectual, litúrgico e pastoral.

Em junho de 2015, um esboço desse suplemento – intitulado *Critérios e normas para o acompanhamento pessoal salesiano* – foi apresentado ao Reitor-Mor e seu Conselho, mas não promulgado. Em vez dessa publicação, o Padre Ángel Fernández Artime convidou os dois dicastérios para a Formação e para a Pastoral Juvenil a colaborarem num novo processo de *escuta* mais atenta dos envolvidos no acompanhamento espiritual salesiano, antes de proceder à interpretação e às orientações do caminho a seguir. O objetivo era sempre o de oferecer diretrizes sobre o acompanhamento pessoal salesiano para os itinerários formativos.

Os dois dicastérios fizeram uma opção clara de campo: de um lado, ater-se à compreensão ampla do que é o “acompanhamento pessoal salesiano” como fora esboçado originariamente pelo dicastério para a Formação no trabalho já feito e, de outro lado, concentrar-se especialmente no “acompanhamento espiritual pessoal”, ou a relação da “direção espiritual pessoal” com os processos de formação inicial. Como o acompanhamento espiritual pessoal é feito sempre em contexto de comunidade, este estudo final explana necessariamente outros elementos, como o

---

<sup>1</sup> Cf. Fabio Attard e Miguel Ángel García (ed.) *O acompanhamento espiritual. Itinerário pedagógico e espiritual em chave salesiana a serviço dos jovens*. Editora Dom Bosco, Brasília 2015.



colóquio com o diretor, o sacramento da reconciliação e o papel da comunidade que acompanha o itinerário de crescimento individual dos seus membros. A delimitação do campo de observação dos processos de formação inicial significava que não se estaria diretamente interessado no acompanhamento espiritual no contexto amplo da pastoral juvenil, ou nesse nível de acompanhamento no interior da formação permanente (no sentido de pós-inicial). Entretanto, como veremos, surgiram consequências importantes do estudo dessas áreas da nossa vida e do nosso ministério.

## Método

Seguimos, em nosso estudo, o método do discernimento espiritual – reconhecer, interpretar, optar – que agora não é mais uma *opção*, mas deve se tornar o *habitus* de toda comunidade cristã. É importante acrescentar que escutar e reconhecer, partes do discernimento das situações em que vivemos, não são aqui reduzíveis a uma análise meramente sociológica. Os dados coletados da realidade nunca são neutros, como se fossem uma amostra de laboratório. Estamos sempre preventivamente imersos na graça, constantemente ativos em nossa existência quotidiana. Vivemos num mundo que foi redimido, no qual o Espírito, como o Papa Francisco nos lembra, foi dado a todos os batizados.<sup>2</sup>

Portanto, discernimento significa escuta do que o Espírito está a nos dizer, em nosso caso, mediante o grande dom que são os mais de 4.000 candidatos e jovens em formação, com seus guias espirituais, que se manifestaram na pesquisa sobre o acompanhamento. Os jovens, disse o Sínodo de 2018, são um *lugar teológico* “onde o Senhor nos dá a conhecer algumas das suas expectativas e desafios para construir o futuro” (DF 64).

---

<sup>2</sup> Francisco, Constituição apostólica *Episcopalis communio* sobre o sínodo dos bispos (15 de setembro de 2008) 5.



## Uso

Este texto pretende oferecer sobretudo orientações e diretrizes sobre o acompanhamento pessoal salesiano nos processos de formação inicial, com especial referência ao acompanhamento espiritual pessoal. Inevitavelmente, suas orientações e diretrizes também tocarão o “antes” e o “depois”: o “antes”, porque a qualidade da pastoral juvenil e da animação vocacional influencia diretamente a formação inicial; e o “depois”, porque o acompanhamento, tanto comunitário como pessoal, é compreendido como parte integrante da formação entendida como permanente, além de ser um serviço precioso que somos chamados a oferecer aos jovens e àqueles que compartilham a nossa mesma missão entre os leigos.

O texto é dirigido principalmente aos que estão envolvidos de diferentes maneiras nos processos de formação inicial: diretores, formadores, confessores e guias espirituais; delegados inspetoriais para a formação e suas respectivas comissões; inspetores e seus conselhos. É um texto da Congregação ao qual obviamente devem ter acesso também os jovens em formação, não só para a leitura e reflexão pessoal. Podem-se ter momentos de partilha e exame comunitário ou de grupo entre formadores e formandos, tomando inspiração dos vários temas presentes no documento.

Além de oferecer orientações e diretrizes, o texto deve ser utilizado para a animação em nível mundial, regional e inspetorial, em conjunto com o livro de Marco Bay, *Giovani salesiani e accompagnamento*.



## Agradecimentos

Não podemos concluir sem agradecer às muitas pessoas que se envolveram em nosso processo de estudo sobre o acompanhamento pessoal salesiano.

Os que se envolveram e contribuíram para a redação de *Critérios e normas para o acompanhamento pessoal salesiano*: Francesco Cereda, então Conselheiro Geral para a formação, Chrys Saldanha e todos os coordenadores regionais de formação e delegados inspetorias para a formação e suas respectivas comissões.

Os membros do dicastério para a Pastoral Juvenil: Miguel Ángel García, Patrick Anthonyraj, Daniel García, Tarcízio Morais.

Os membros do dicastério para a Formação: Raymond Callo, Salvador Cleofas Murguía Villalobos (agora bispo dos Mixes – México), Silvio Roggia e Francisco Santos Montero.

Os irmãos que participaram dos seminários de 2016 e 2017: Javier Altamirano, Patrick Anthonyraj, Simon Asira, Luca Barone, Raymond Callo, Daniel Costa, Francesco de Ruvo, Salvador Delgadillo, Guido Errico, Robert Falzon, Enrique Franco, Daniel García, Sahaya Gnanaselvam, Louis Grech, Zenon Klawikowski, Jose Kuttianimattathil, Erino Leoni, Francesco Marcoccio, Francesco Santos Montero, Assis Moser, Salvador Cleofas Murguía Villalobos, Johny Nedungatt, Luis Onrubia, Alphonse Owoudou, Lody Pires, Shaji Puykunnel, Giuseppe Roggia, Silvio Roggia, Roque Sibioni, Juan Carlos Solis, Luis Timossi, Gerald Umoh, Maurizio Verlezza, Roneldo Vilbar, Carlo Maria Zanotti.



Os que se envolveram na preparação e aplicação do questionário.<sup>3</sup>

Os candidatos e irmãos – em formação inicial e os que prestam o serviço de guias espirituais – que participaram da pesquisa.

O grande número de irmãos e jovens que dedicaram generosamente o seu tempo como voluntários para a tabulação dos dados.<sup>4</sup>

O grupo de redação que trabalhou nestas *Orientações e diretrizes*: Raymond Callo, Miguel Ángel García, Koldo Gutierrez, Louis Grech, Cleofas Murguía Villalobos, Silvio Roggia, Francisco Santos Montero e Michal Vojtaš.

Os tradutores: Zdzisław Brzęk, Placide Carava, Zenon Klawikowski, Luis Onrubia, Jean-Luc Vande Kerkhove, José Antenor Velho.

Enfim, um agradecimento especial a Marco Bay e Silvio Roggia, pela paixão e competência com que realizaram este trabalho: sem eles, teria sido impossível.

**Ivo Coelho, SDB**

*Conselheiro geral para a Formação*

**Fabio Attard, SDB**

*Conselheiro geral para a Pastoral Juvenil*

Sacro Cuore – Roma, 25 de julho de 2019

<sup>3</sup> Os nomes são indicados em Bay 18.

<sup>4</sup> Os nomes são indicados em Bay 18-19.







# Primeira parte

## Reconhecer





# 1. O estudo do acompanhamento pessoal salesiano

## 1.1 O PROCESSO

**1.** A itinerário que levou a este estudo já foi descrito na introdução. Limitamo-nos aqui a descrever o processo que levou às *Orientações e diretrizes* para o acompanhamento espiritual salesiano.

O primeiro passo da colaboração entre os dicastérios para a Pastoral Juvenil e para a Formação foi a realização de um seminário internacional em Roma, de 22 a 24 de abril de 2016, com representantes dos setores da pastoral juvenil e da formação das sete regiões em que se subdivide a Congregação.<sup>1</sup> Um dos frutos imediatos do seminário foi a orientação clara para os meses seguintes: ouvir o grupo de atores mais numerosos e importantes no processo de acompanhamento do pessoal salesiano, que é o próprio jovem salesiano ou que está prestes a ser um deles. Esse grupo foi definido como grupo dos que estão passando pelas várias etapas da formação inicial: os que se preparam para a vida salesiana no pré-noviciado, os noviços, os pós-noviços, os tirocinantes, os dois grupos em formação específica (aspirantes ao sacerdócio e salesianos leigos); um questionário “ad hoc” também foi preparado para os irmãos nos primeiros cinco anos após a ordenação sacerdotal ou a profissão perpétua (o quinquênio).

**2.** Orientados por Marco Bay, salesiano leigo diretor do Centro de Pesquisas e Elaboração de Dados da Universidade Pontifícia Salesiana – Roma (UPS) e Silvio Roggia, do dicastério para a Formação, foram preparados sete questionários, um para cada fase indicada acima, e um oitavo para os que oferecem acompanhamento e orientação espiritual. Os questionários, com uma média de 15 páginas cada, giravam em torno de 12 temas-chave emersos no seminário de abril de 2016. Após um primeiro teste

<sup>1</sup> As 7 regiões definidas pelo CG27 são: África e Madagascar, América – Cone Sul, América – Interamérica, Ásia Este e Oceania, Ásia Sul, Europa Centro e Norte, Mediterrânea.



e a revisão subsequente, os oito questionários foram traduzidos para os 6 idiomas mais usados na Congregação: inglês, francês, espanhol, português, polonês e italiano.

A primeira perspectiva era apresentar os questionários *online*. Mas foi logo deixada de lado por duas razões. Em primeiro lugar, a abordagem reflexiva e ponderada exigida pelas muitas perguntas abertas dos questionários é presumivelmente mais favorecida pelo papel do que pelo teclado e o mouse. A segunda razão foi a geografia da formação inicial na Congregação: onde há maior número de aspirantes ou irmãos em formação, onde o *fosso digital* ainda é muito grande e as possibilidades de conexão à Internet ainda não são suficientes para garantir uma abordagem *online* tranquila e não apressada aos questionários que requerem individualmente entre 30 e 60 minutos para serem concluídos.

**3.** A leitura de algumas questões, particularmente as transversais e presentes nas várias fases, ajuda a perceber a natureza da pesquisa:

Quais os pontos fortes, qualificadores e positivos que o ajudam a crescer no caminho vocacional salesiano? Como avalia suas convicções nos caminhos de crescimento na vida espiritual? O que na vida mais o ajudou a alcançar os objetivos específicos de cada etapa da formação para a vida salesiana? Como considera a sua experiência de acompanhamento espiritual pessoal? Pode descrever o acompanhamento espiritual pessoal?

O que aprecia mais ou menos em alguns irmãos corresponsáveis pela sua formação inicial? Que papel é essencial para quem coordena, anima, guia e governa a comunidade religiosa? Se o sacramento da reconciliação é um grande dom para o crescimento espiritual, pode tentar expressar o que vive e pensa e como o sacramento o ajuda?

Se der um olhar geral nos progressos realizados até o momento, considerando a ajuda que recebeu daqueles que o acompanharam: expresse o que descobriu de novo e de importante no conhecimento de si mesmo, dos seus dons e limitações; narre brevemente os elementos mais relevantes da sua vida passada, positivos e negativos, que fazem parte desse caminho de autodescoberta; olhando para o futuro, indique como imagina o seu caminho vocacional.

Até agora, você pôde viver uma experiência positiva de comunidade com os companheiros de caminho e outros salesianos



com quem poderia confrontar-se nos relacionamentos? No ambiente salesiano, na casa onde morava, o que foi mais útil para o seu crescimento? Pode tentar expressar, em sua experiência pessoal de acompanhamento espiritual personalizado vivido no ambiente salesiano, o que criou desconforto ou dificuldade? O que correu bem e o que poderia ter sido melhor para você e seu acompanhante?

Para os jovens que virão depois de você como salesianos, o que sugeriria alterar para tornar o acompanhamento espiritual mais útil? (Bay 9).

**4.** Nos dois primeiros meses de 2017, os questionários foram enviados a todas as inspetorias segundo o número de cópias para cada fase, indicado pelos delegados inspetoriais para a formação. Eles foram aplicados durante os primeiros seis meses de 2017. A participação foi além das previsões mais otimistas, como se pode ver na Tabela 02, que indica o número de questionários preenchidos que chegaram ao Centro de Pesquisas e Processamento de Dados da UPS, em envelopes sigilados (Bay 28). Observe-se, em particular, a porcentagem de respostas em relação ao número de candidatos / irmãos em cada uma das etapas iniciais de formação, com base nos dados pessoais fornecidos pela sede central de Roma (31 de dezembro de 2017).

	Frequências dos questionários entregues e disponíveis	Porcentagens segundo os report Flash inspetoriais
Pré-noviços	455	87
Noviços	399	92
Pós-noviços	903	93
Tirocinantes	554	78
Específica teologia	701	87
Específica coadjutores	54	79
Sac. Quinquênio	369	41
Guias espirituais	538	-
Total	4.000	-

Tabela 02. Indivíduos distribuídos por fase formativa e guias

Mesmo nas fases em que o percentual de entrevistados é relativamente menor, como o tirocínio e o quinquênio, houve uma forte participação. Na verdade, são irmãos que não vivem juntos em casas de formação e que, no entanto, optaram por responder de maneira individual.

**5.** O interesse nesse tipo de pesquisa e a vontade de participar



também emergem no serviço generoso de mais de 220 irmãos de todas as regiões que se ofereceram para a tabulação dos dados. Entre junho e agosto de 2017, as respostas de mais de 4000 questionários cartáceos recebidos e digitalizados foram tabuladas manualmente e inseridas no servidor. Se tivermos em mente que, para este trabalho, é necessária uma média de 20 a 40 minutos para cada questionário, dependendo da extensão das respostas abertas, temos uma idéia de quantas horas de serviço foram voluntariamente doadas, principalmente de pós-noviços e estudantes de teologia. Todo o trabalho de tabulação foi feito digitalmente.

**6.** Em fins de setembro de 2017, foi realizado um segundo seminário internacional em Genzano (Roma) para estudar esses dados. A maioria dos participantes já havia participado do primeiro seminário de 2016. Optou-se por não entrar naquele momento na interpretação dos dados, mas afinar a capacidade de escuta, para perceber antes de tudo a riqueza das mensagens oferecidas pelo grande coro de vozes, representando 24,18% do número total de membros da Congregação (noviços incluídos).

Para garantir o anonimato, que o questionário exige por sua natureza, foi solicitado aos entrevistados que não indicassem seu nome, comunidade e inspetoria. Através de uma cuidadosa catalogação das respostas, com base no local de onde foram enviadas (referências postais), foi possível classificar as contribuições pela região de origem. Essa identificação regional é um importante valor agregado para a pesquisa, possibilitando a comparação não apenas entre fases e grupos de idiomas, mas também por regiões.

**7.** Com as tabelas de porcentagens e os gráficos, fruto das indicações expressas nas respostas fechadas e das abundantes respostas abertas em diferentes idiomas, o primeiro relatório de coleta e organização de dados ultrapassou 5.000 páginas. Foi um grande mérito de Marco Bay ter compactado e tornado mais acessível ulteriormente essa quantidade de dados nas 584 páginas do volume *Giovani salesiani e accompagnamento. Risultati di una ricerca internazionale* (LAS, Roma 2018). Tenha-se presente que o volume não quer ser uma interpretação, mas uma primeira síntese dos dados recebidos, facilmente explorável.

## 1.2 ELEMENTOS MACROSCÓPICOS RELATIVOS AOS ENTREVISTADOS

**8.** Bay observa na introdução a *Giovani salesiani e accompagnamento* que alguns “elementos macroscópicos” emergem ime-



diatamente dos dados (Bay 12). Eles dão uma idéia da variedade de situações e contextos de onde provêm os entrevistados e, ao mesmo tempo, oferecem uma imagem realista da Congregação Salesiana, quanto à sua distribuição geográfica e linguística, indicando a sua riqueza e complexidade. Reportamos esses elementos em detalhes, juntamente com algumas tabelas ilustrativas do primeiro capítulo do livro (Bay 12-17, 30-36).

**9.** Antes, porém, é bom perceber com clareza a consistência numérica daqueles que responderam à pesquisa, fase por fase.

	Total (31.12.2017)	Respostas	Respostas % total SDB
Pré-noviços	521	455	–
Noviços + SDB em formação inicial	3827	3007	20.51
Guias espirituais	–	538	–
<b>Total (noviços + professores)</b>	14.660	4000	27.29

Note-se que os noviços e professores em formação (incluindo o quinquênio) que responderam foram 20,51% do número total de membros da Congregação em 31 de dezembro de 2017 (noviços incluídos). Noviços, membros professores em formação e guias espirituais que responderam foram 24,18% do número total de membros da Congregação em 31 de dezembro de 2017 (noviços incluídos).

### 1.2.1 Salesianos que emitiram a primeira profissão religiosa

**10.** No 50º aniversário do Concílio Vaticano II, e após 15 anos de caminhada no novo milênio, a Congregação Salesiana apresenta uma diminuição no número de neoprofessos (ver figuras 01a, 01b e 01c). No entanto, esses dados devem ser lidos em conjunto com a redução significativa no número de pessoas que deixam o noviciado antes da primeira profissão: enquanto há uma queda no número de noviços, há ao mesmo tempo uma taxa mais elevada dos que fazem a primeira profissão. Desde 2011, tem-se dado uma tendência de queda também na taxa de abandonos entre os que fazem votos temporários. Portanto, a Congregação tem também um rodízio geracional eficaz e consistente, indicando sua vitalidade e seu grande potencial, mesmo que não pareça mais capaz de manter a mesma presença e consistência em todas as



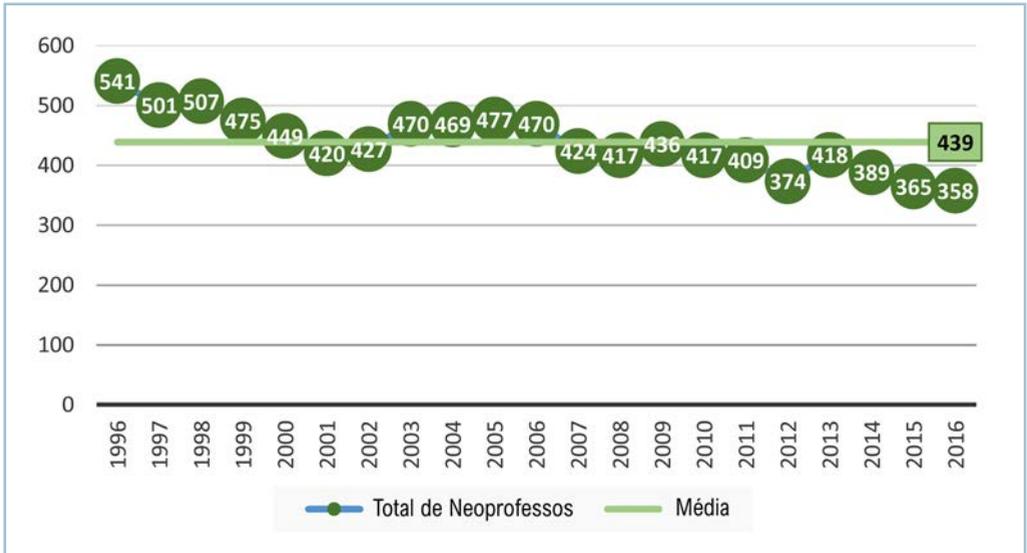


Figura 01 A. Irmãos neoprossos entre 1966 e 2016 (fonte: ofício anagráfico da sede central salesiana)

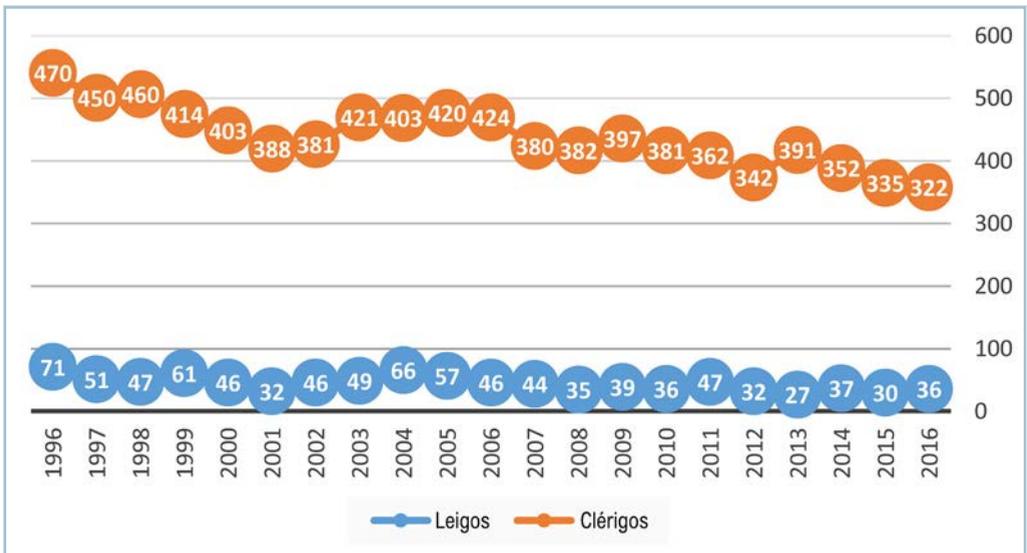


Fig. 01B. Irmãos neoprossos, sdb leigos e aspirantes ao sacerdócio, no período 1966-2016



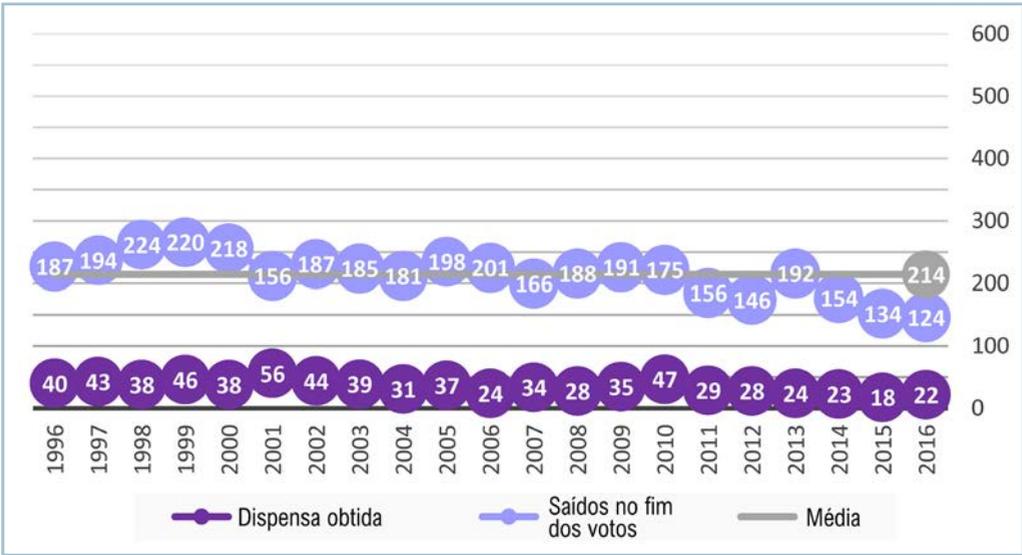


Fig. 01C. Irmãos de votos temporários que deixaram a Congregação (1996-2016) Fonte: Ofício anagráfico da Sede Central Salesiana

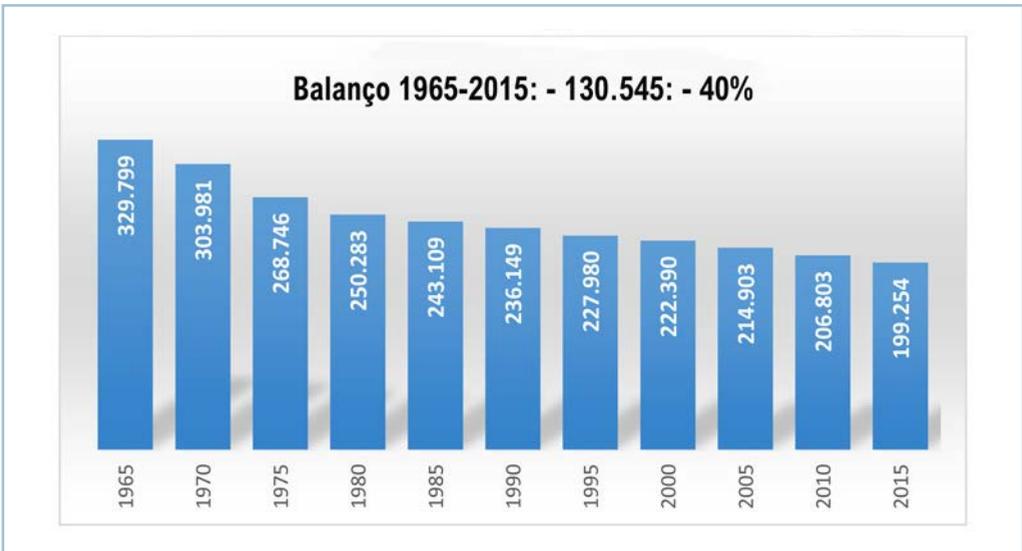


Fig. 01 D. Número dos membros de institutos religiosos e sociedades de vida apostólica e diferença (1965-2015) Fonte: Pardilla, 2016, 62.



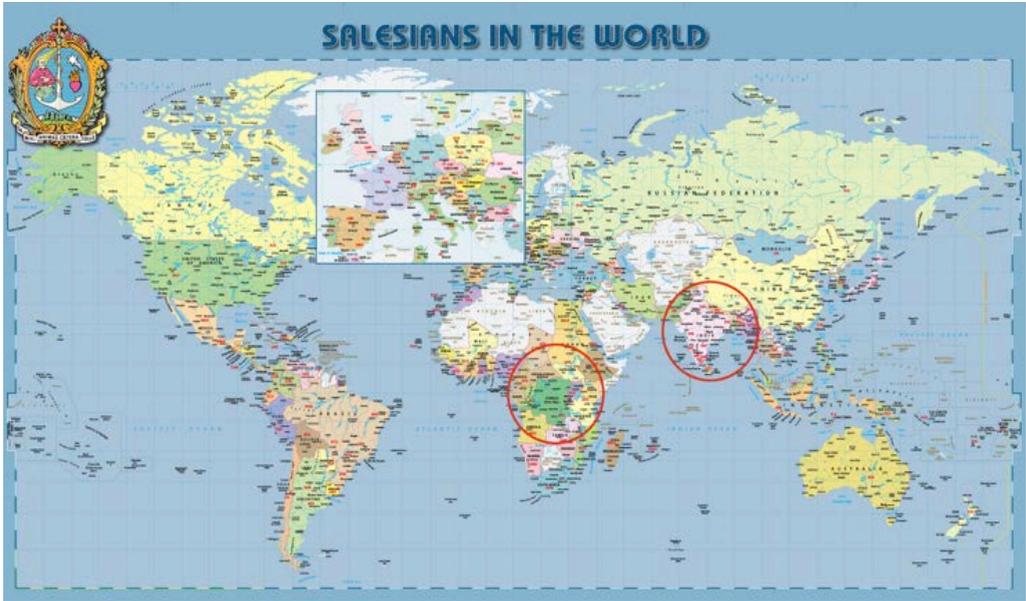


Figura 02. Distribuição demográfica dos entrevistados segundo as inspetorias. Os círculos em vermelho indicam as áreas de maior concentração dos que responderam (Bay 15).

## 1.2.2 Distribuição demográfica

**11.** Quase um terço dos jovens entrevistados estão na Índia (1235 – 30,9%); seguem: Itália (292 – 7,3%, onde, contudo, estão presentes muitos noviços e irmãos estudantes de outras nações e regiões), Brasil (205 – 5,1%), Filipinas (156 – 3,9 %) e República Democrática do Congo (145 – 3,6%). Estes são seguidos por Quênia (144 – 3,6% com salesianos provenientes de diversas nações e inspetorias), Polónia (130 – 3,3%), Colômbia (115 – 2,9% com salesianos estudantes provenientes de diversas nações e inspetorias) Timor Leste (98 – 2,5%) e assim por diante (v. Bay, capítulo 1, tabela 04).<sup>2</sup>

O que isso significa em termos de recursos humanos para a Sociedade Salesiana nos próximos vinte anos?

<sup>2</sup> Deve-se ter presente que Itália, Filipinas, Quênia e Colômbia possuem percentuais relativamente elevados devido às comunidades interinspetoriais nesses países.



		Frequência	Percentual	Percentual válido	Percentual cumulativo
Válido	RASS	1274	31,9	32,0	32,0
	RAFM	836	20,9	21,0	53,0
	RASE	480	12,0	12,1	65,1
	RAMI	402	10,1	10,1	75,2
	RAMS	336	8,4	8,4	83,6
	RMED	336	8,4	8,4	92,0
	RECN	266	6,7	6,7	98,7
	UPS	51	1,3	1,3	100,0
	Total	3981	99,5	100,0	
Em falta	Não relevado	19	0,5		
Total		4000	100,0		

Tabela 04. Entrevistados segundo as regiões salesianas (frequências e percentuais). Abreviações: RASE Ásia Este e Oceania; RASS Ásia Sul; RAFM África e Madagascar; RECN Europa Centro-Norte; RMED Mediterrânea; RAMI Interamérica; RAMS América Cone Sul; UPS Universidade Pontifícia Salesiana – Visitadoria. Roma

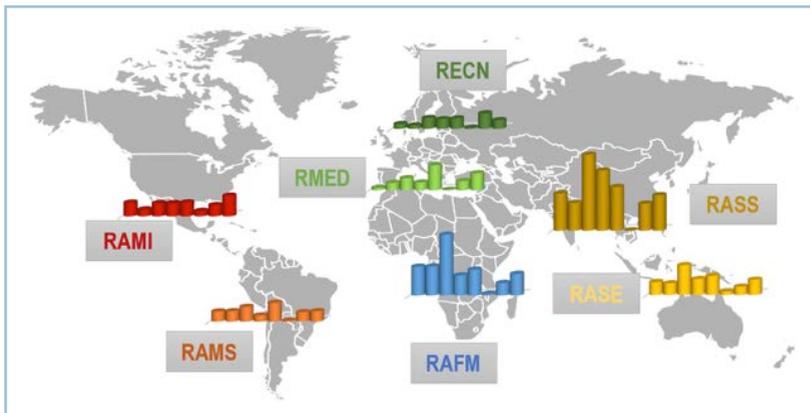


Figura 01. Andamento da amostragem por regiões e fases formativas



### 1.2.3 Língua

**12.** Mais da metade dos entrevistados (53%) usa o idioma inglês. Eles representam contextos geográficos, sociais, religiosos e culturais muito diferentes (Índia, Filipinas, Quênia, Nigéria, Tanzânia, Etiópia, Malawi, Gana, Vietnã, Etiópia, Austrália, Sri Lanka, Zâmbia, Estados Unidos da América, Indonésia, Israel, Coréia, Ruanda, Grã-Bretanha, Irlanda, Tailândia, China, Áustria, Malta, Mianmar, Papua Nova Guiné, Eslováquia, África do Sul, Timor Leste, Japão, Croácia, Alemanha ...). 10% usam o italiano.

Surgem muitas questões. Que nuances ou diferenças de formação são necessárias com visões antropológicas e culturais dessa natureza e força? Quais são as implicações para consolidar a identidade salesiana e a pertença à Congregação? Dado que a formação deve unir tradição e inovação, como garantir o acesso às fontes históricas (estudo crítico de Dom Bosco e da Congregação)?

Língua	Frequência	Percentual	Percentual válido	Percentual cumulativo
En Inglês	2101	52,5	52,5	52,5
Es Espanhol	521	13,0	13,0	65,6
Fr Francês	468	11,7	11,7	77,3
Pt Português	394	9,9	9,9	87,1
It Italiano	388	9,7	9,7	96,8
Pl Polonês *	128	3,2	3,2	100,0
TOTAL	4.000	100,0	100,0	

*Tabela 07. Indivíduos que responderam por língua de compilação do questionário (frequência e percentuais). Os questionários compilados em língua polonesa foram traduzidos em italiano*

N.B. As respostas em polonês foram traduzidas para o italiano. Como já acenado, também devemos ter presente que um bom número de respostas em italiano foi dado por noviços ou irmãos em várias fases de formação inicial ou de estudo na Itália.



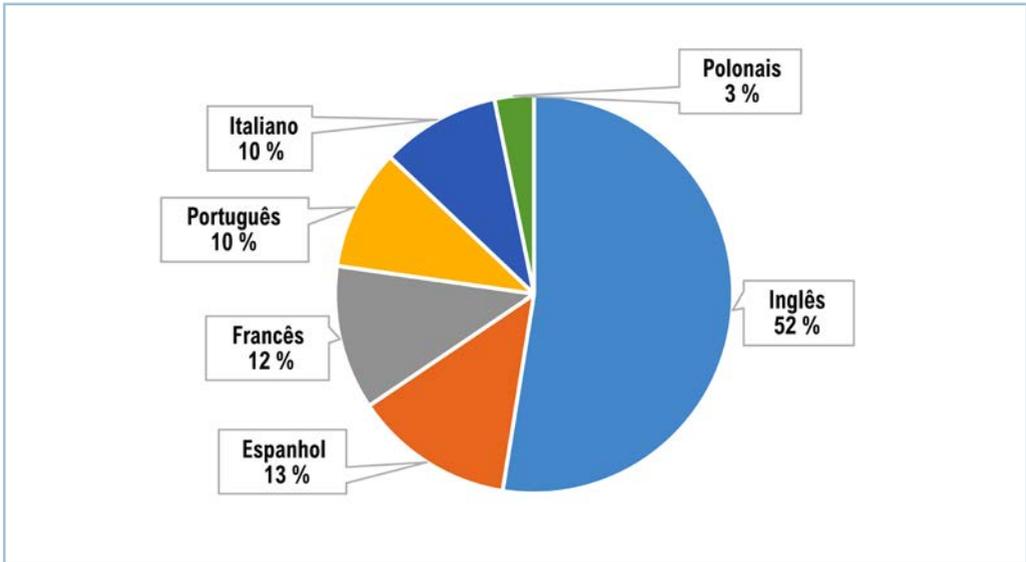


Figura 02. Indivíduos por língua de compilação do questionário (percentuais)

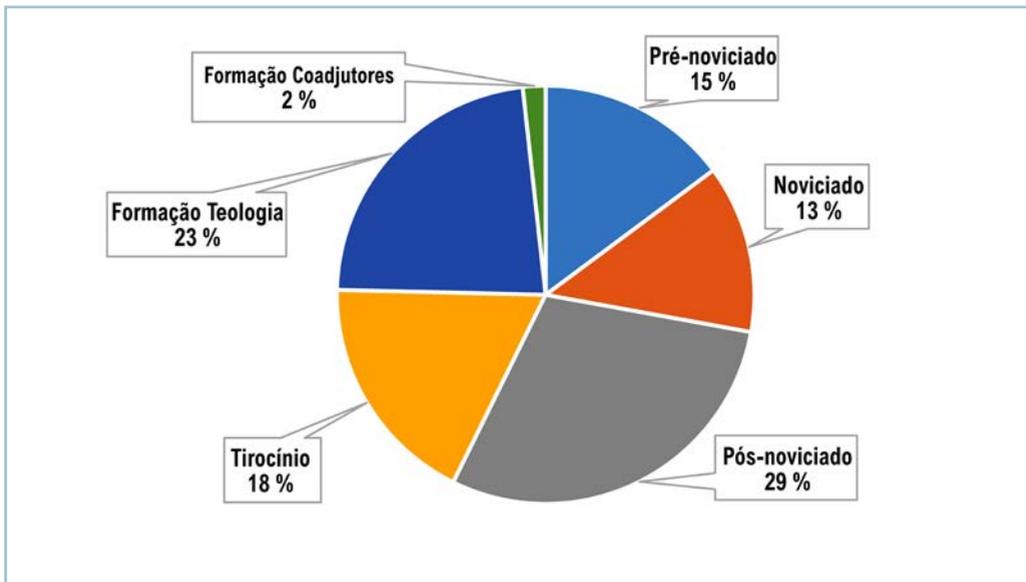
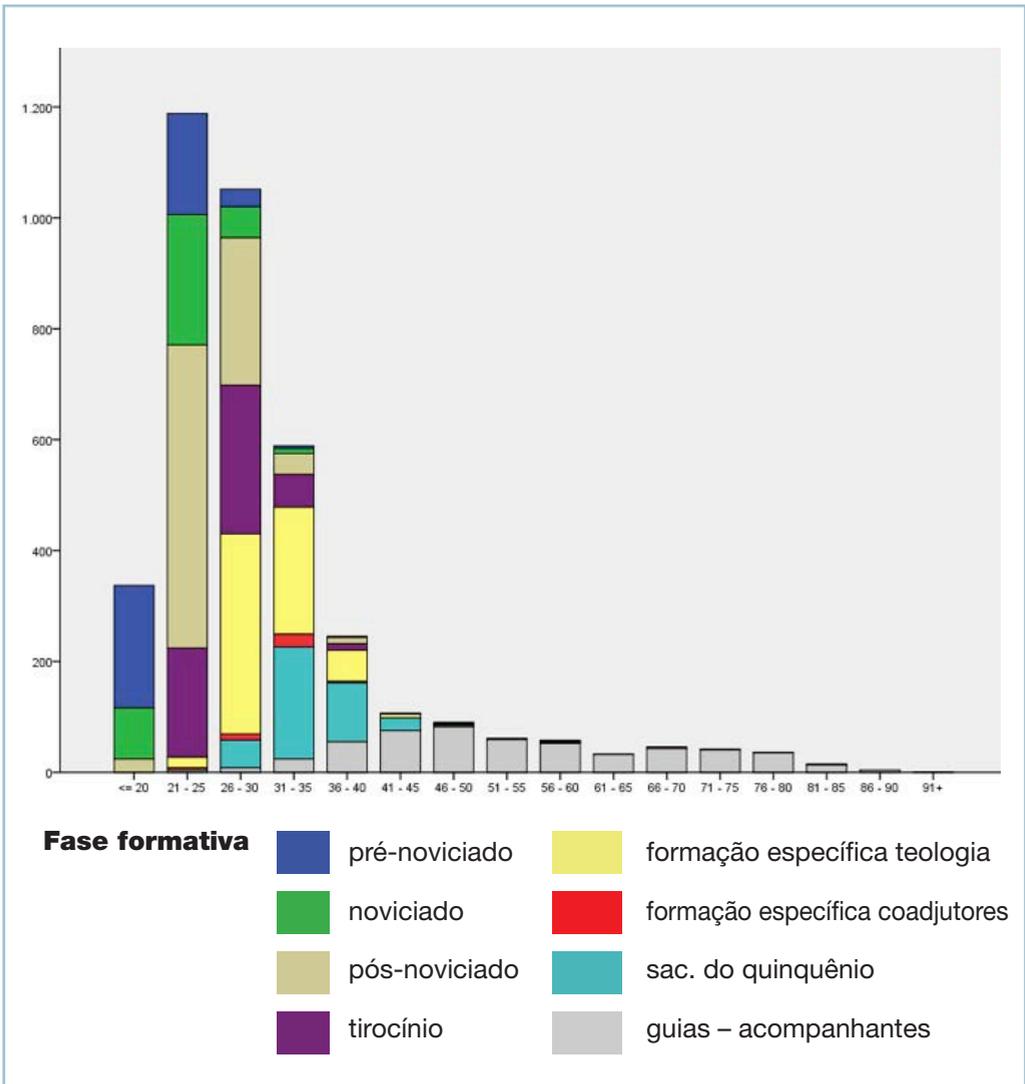


Fig. 03. Entrevistas segundo a fase de formação (percentuais) (Bay 36)



## 1.2.4 Idade

**13.** Se excluirmos os guias espirituais, estaremos diante de entrevistados na faixa etária de 20 a 30 anos, principalmente da África-Madagascar, Ásia e Oceania (ver Fig. 03). O banco de dados da sede central indica que os salesianos + noviços, em 31 de dezembro de 2017, com menos de 35 anos, eram 3.355; os representados na pesquisa são 2.726, ou seja, 81% do número total. Esses números, em relação aos 2.751 salesianos acima de 75 anos no mesmo período, são bastante reconfortantes porque indicam uma boa rotatividade de gerações. Se formos ao nível regional, como mostra o gráfico (fig. 3a), notam-se desequilíbrios significativos.



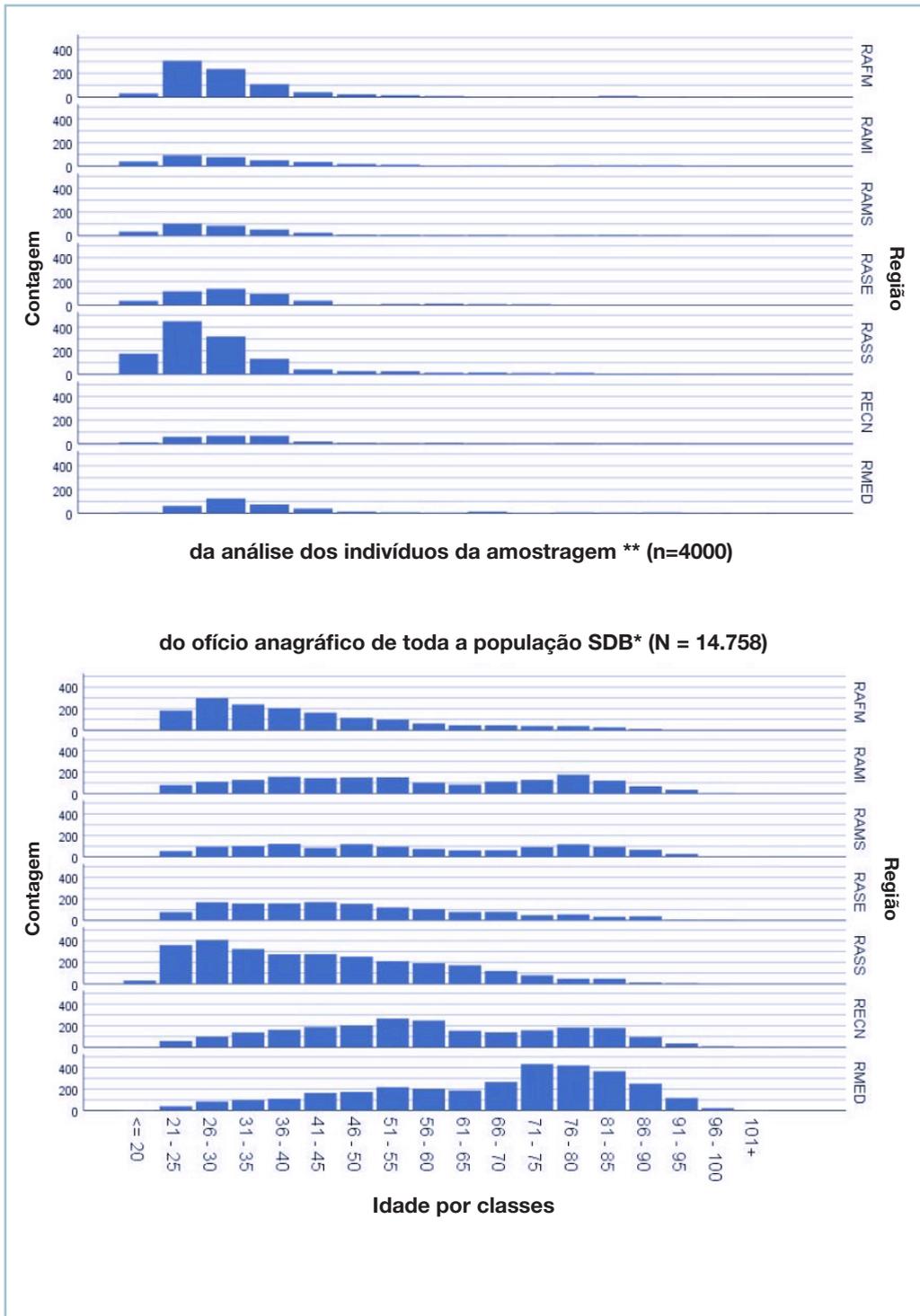
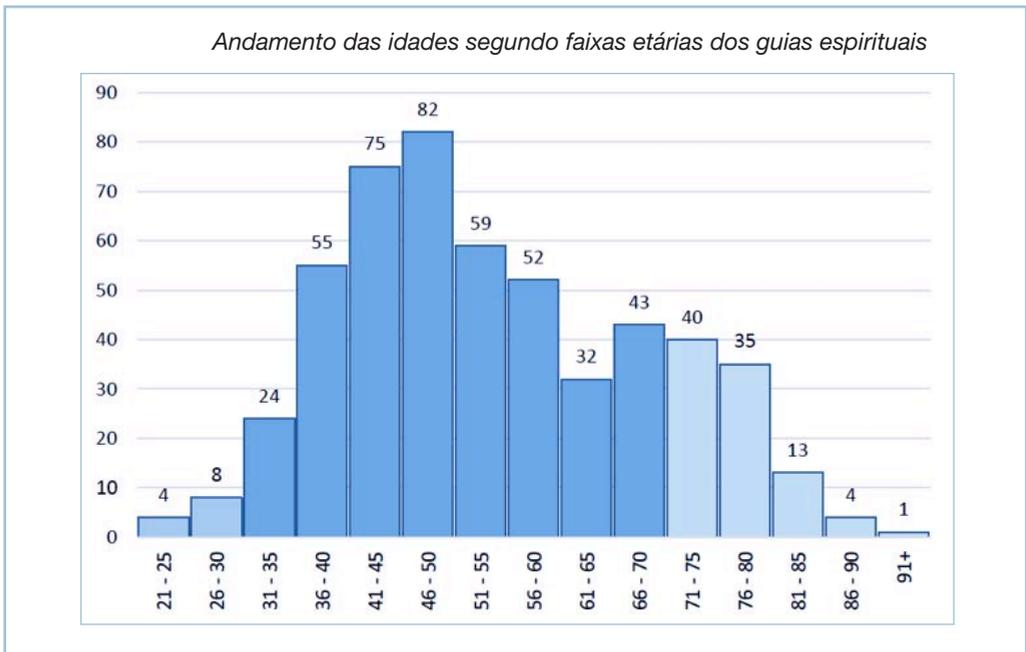


Figura 3a. Grupos de idade dos que responderam por região\*\* incluídos pré-noviços e noviços. Da base de dados central (número total de salesianos incluídos os noviços = 14.758 em 31 de dezembro de 2017



**14.** Investir nas faixas geracionais mais jovens é de fundamental importância para o presente e o futuro da Congregação, como caminho real para a fidelidade e fecundidade vocacional.

Além disso, pode-se ver que os guias espirituais (ver figura 04) são de diferentes idades, com alta concentração na faixa etária entre 40 de 50 anos. 27,4% deles trabalham na região Ásia Sul e 16,9% na África - Madagascar. Cerca da metade deles (48,3%) respondeu em inglês. Há outra faixa geracional significativa: aqueles com mais de 70 anos, pouco menos de cem, dos quais mais de um quarto vive na América, um quinto na região Ásia Sul e outro quinto na África - Madagascar. É um grupo significativo de pessoas, ativas e valorizadas pela sua experiência, confiabilidade e sabedoria.



*Fig. 4. Guias espirituais segundo as faixas etárias*

### 1.3 O PRESENTE DOCUMENTO

**15.** Já dissemos que o livro de Bay não pretende interpretar os dados, mas tão somente oferecer a sua primeira síntese.

O trabalho de interpretação foi realizado pelos dicastérios para a Formação e para a Pastoral Juvenil, com a ajuda de um grupo qualificado de salesianos Nada impede que especialistas se dediquem ao estudo profundo dos dados da pesquisa, estudem, por



exemplo, a relação entre interculturalidade e acompanhamento, ou interpretando os dados de uma perspectiva psicológica ou fazendo uma análise textual dos termos mais recorrentes em fases específicas, como o tirocínio e o quinquênio etc.

**16.** A interpretação dos dicastérios para a Formação e para a Pastoral Juvenil, porém, é expressada neste documento – *Acompanhamento pessoal salesiano: Orientações e diretrizes*.

Este segundo trabalho interpretativo envolve, à sua maneira, um movimento de retorno aos grupos envolvidos na pesquisa – os que estão em formação inicial, ou que os acompanham como guias, os delegados inspetoriais da formação e suas respectivas comissões. Para entender melhor esse trabalho interpretativo, emprestamos uma imagem da trigonometria: a triangulação. A sinergia de três perspectivas permite-nos entender melhor a realidade em exame.

- A primeira perspectiva é a dos *dados emergentes da pesquisa*, que era quase um recenseamento e não uma amostragem, considerando o elevado número dos entrevistados de cada fase.

- A segunda perspectiva é a da *experiência de primeira mão das realidades locais*. O nível regional é de particular importância para compreender as peculiaridades que emergem em cada região e procurar entender as diferenças entre as diversas áreas da Congregação. Momentos privilegiados para esse trabalho são as reuniões anuais das comissões regionais de formação, as reuniões periódicas das comissões inspetoriais de formação, bem como as reuniões de formadores de fases específicas, como as realizadas para diretores e coordenadores de estudo de pós-noviciados em 2018-2019.

- A terceira perspectiva vem da *pré-compreensão do acompanhamento pessoal salesiano* que todos os salesianos têm. Essa pré-compreensão poderia ser entendida como preconceito limitador; mas é óbvio que não há como fugir da nossa pré-compreensão. A única maneira é estar ciente disso e se engajar em um processo contínuo de enriquecimento, mudança e purificação, valorizando ao máximo os novos dados dos quais vimos a conhecer: é o que descrevemos usando a imagem da triangulação.

**17.** Dados, experiências de primeira mão e pré-compreensão salesiana encontram-se no método de discernimento que estruturou o estudo e também dá uma estrutura a este documento em suas três partes:



1. *Reconhecer*: a primeira parte oferece um relato do processo de escuta (o estudo sobre acompanhamento pessoal salesiano) indicando em seguida os temas emergentes da pesquisa, organizando-os em torno de quatro pontos: o que é o acompanhamento espiritual pessoal; quem está envolvido nele; como é realizado; algumas mediações.

2. *Interpretar*: a segunda parte pode ser vista como fruto da triangulação mencionada acima; interpretar os dados em harmonia com a experiência de primeira mão das realidades formativas em nível regional e inspetorial, com base na compreensão salesiana iluminada pelo recente magistério da Igreja e pelo carisma e tradição salesianos.

3. *Escolher*: a terceira parte define estratégias e linhas de ação sugeridas pela interpretação dos dados. As diretrizes oferecidas servem de estímulo à reflexão, discussão e renovação, com o objetivo de tornar o acompanhamento pessoal salesiano um elemento ainda mais proveitoso no caminho da fidelidade vocacional.

**18.** Isso tudo pode parecer muito ambicioso, e certamente o seria se se tratasse só de um texto impresso. Mas, na realidade, este documento é apenas um passo no interior de um caminho muito mais longo, que envolveu literalmente milhares de pessoas, igual a pouco menos de um terço da Congregação.

O processo de envolvimento já faz parte da mudança, que, portanto, já começou. Nossa firme esperança é que esse processo continue a envolver todas as circunscrições, comunidades e irmãos. Na realidade, não se trata de adicionar alguma coisa a mais às nossas já pesadas cargas de trabalho. Trata-se de redescobrir a riqueza e a beleza de um tesouro que já nos pertence por vocação, dom carismático que pode fazer com que sejamos mais fiéis a Dom Bosco e aos jovens do nosso tempo, a partir dos que se sentem chamados a compartilhar a nossa vida, mas sem excluir os jovens a quem somos enviados. Porque, como ficará claro a seguir, há uma correlação muito próxima entre formação e missão, entre qualidade do acompanhamento espiritual nos processos de formação inicial e qualidade e lugar desse acompanhamento na Pastoral Juvenil e na animação e formação dos leigos que participam da missão salesiana.

**19.** A pesquisa também oferece dados importantes sobre as diferenças entre as regiões, que podem ser comparados com os resultados gerais e com os específicos de cada região. Este documento, no entanto, não pode entrar na análise dessas va-



riações, embora seja uma abordagem mais adequada ao nível regional, em particular aos centros regionais de formação permanente, às comissões regionais de formação e comunidades interinspetoriais de formação.

**20.** O artigo 119 das nossas Constituições – o último da terceira parte dedicada à formação e, portanto, uma chave sintética e interpretativa da terceira parte – oferece uma boa exegese sobre o fruto do acompanhamento pessoal salesiano: a formação permanente como atitude e mentalidade permanentes. Lido com R 99, também indica que o acompanhamento espiritual não é algo reservado aos anos da formação inicial, assim como a formação não é algo que “termina” com a última fase da formação inicial.

### **Art. 119 Formação permanente como atitude pessoal**

Vivendo entre os jovens e em constante contato com os ambientes populares, o salesiano se esforça para discernir nos acontecimentos a voz do Espírito, adquirindo assim a capacidade de aprender da vida. Confere eficácia formativa às suas atividades ordinárias e utiliza também os meios de formação que lhe são oferecidos.

Durante o tempo de sua atividade plena, encontra ocasiões para renovar o sentido religioso-pastoral da própria vida e habilitar-se a desenvolver com maior competência o seu trabalho.

Sente-se ainda chamado a viver com interesse formativo qualquer situação, considerando-a tempo favorável para o crescimento da sua vocação.

Como a formação, o acompanhamento espiritual é permanente, por toda a vida, e deve tornar-se uma atitude e um hábito pessoal que permanece. Esse é o grande processo em que se insere este documento, como uma pequena contribuição, que se espera seja útil.





## 2. Temas emergentes

**21.** No capítulo anterior, foi descrito o processo que levou a este documento, destacando também alguns elementos macroscópicos relativos aos entrevistados. Neste capítulo, apresentaremos alguns temas emersos da pesquisa, reservando sua interpretação para a parte II. Os temas foram organizados ao redor de quatro núcleos, já antecipados: [1] os principais atores do acompanhamento espiritual pessoal; [2] a compreensão predominante do acompanhamento espiritual pessoal entre aqueles que são acompanhados e seus guias; [3] o que acontece efetivamente no acompanhamento espiritual pessoal salesiano; [4] o papel desempenhado por algumas mediações e instrumentos importantes.

Recordamos novamente que o foco da pesquisa foi o acompanhamento espiritual pessoal nos processos de formação inicial salesiana. Este ponto focal também ilumina alguns elementos correlatos, como, por exemplo, o colóquio com o diretor, o acompanhamento espiritual comunitário, o sacramento da Reconciliação, as avaliações periódicas (escrutínios) e o papel da comunidade em seu conjunto.

### 2.1 AS PESSOAS ENVOLVIDAS NO ACOMPANHAMENTO ESPIRITUAL PESSOAL

**22.** Os principais atores do acompanhamento espiritual pessoal são os jovens acompanhados, os seus guias espirituais, as equipes de formadores e as comunidades. Os dados brutos relativos a números e porcentagens já foram apresentados; aqui, tentamos identificar os temas que emergem desses dados, bem como também de outros elementos presentes nas respostas aos questionários



## 2.1.1 Uma Congregação jovem

### A faixa etária 20-30 anos

**23.** O primeiro ponto é que a Congregação Salesiana em seu conjunto é jovem, talvez mais do que pensamos normalmente. O número de salesianos que se expressaram no questionário – aqui excluimos os pré-noviços, mas incluímos os noviços e os que oferecem o serviço de orientação – é de 24,18% do total: pouco menos de um quarto dos 14.660 membros da Congregação (dados de 31 de dezembro de 2017, noviços incluídos). Excluindo os guias espirituais, os entrevistados são sobretudo jovens, a maior parte deles na faixa etária considerada pelo Sínodo de 2018 *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*:

Excluindo os guias espirituais, vemo-nos diante de entrevistados, sobretudo entre 20 e 30 anos, principalmente africanos e asiáticos (cf. a Figura 03). Na anágrafe central, os SDB + os noviços com menos de 35 anos são 3.355; os da amostragem são 2.726 (pré-noviços excluídos). Foram abrangidos aproximadamente 81% dos irmãos e noviços com menos de 35 anos (Bay 15)

**24.** Já vimos a distribuição de jovens irmãos de acordo com as várias etapas da formação inicial. Tenhamos presente que a distribuição também é influenciada pela diversa duração dessas fases: no máximo 1 ano para o pré-noviciado; 1 ano para o noviciado; 2-4 anos para o pós-noviciado; 2-3 anos para o tirocínio; 4 anos para a formação específica ao sacerdócio; 2 anos para a formação específica dos salesianos leigos.

Como consequência disso, em 31 de dezembro de 2017, os números registados pelo arquivo central eram os seguintes: 521 pré-noviços; 435 noviços; 942 pós-noviços; 676 tirocinantes; 740 aspirantes ao sacerdócio em formação específica; 68 salesianos leigos em formação específica; 966 sacerdotes salesianos durante o período do quinquênio (Bay 24). Obviamente, o número relativamente reduzido de salesianos leigos em toda a formação inicial<sup>1</sup> também se reflete em seu número para o período da formação específica. Note-se que o número limitado se torna limitante também para a interpretação das respostas, condicionada precisamente pelas alterações sofridas pelas proporções percentuais quando a amostragem é muito pequena e se deve comparar com outros grupos em que a amostragem é muito ampla.

<sup>1</sup> 214 em 31 de dezembro de 2015: cf. ACG 424 (2017) 73.



## **Alterações geográficas e linguísticas**

**25.** Outro aspecto da Congregação que aparece na pesquisa é a sua internacionalidade, juntamente com uma evidente mudança do centro de gravitação geográfica e linguística em andamento, resultado direto dos grandes projetos missionários da Congregação, como o Projeto África.

As respostas ao questionário vieram de irmãos ou candidatos à vida salesiana de 61 nações, distribuídos em 88 circunscrições, agrupadas, por sua vez, em 7 regiões.

A alteração *geográfica* emerge quando olhamos para a distribuição continental, representada aproximativamente pelas regiões salesianas. Começamos considerando o grupo com a maior representação no questionário, ou seja, os pós-noviços: 76,7% provêm da África e Madagascar, Ásia e Oceania (34,9% da Ásia Sul, 28,2% da África e Madagascar, 13,6% da Ásia Este e Oceania). Estas são as três regiões com maior crescimento vocacional, com África e Madagascar na liderança. Três quartos do número total dos pós-noviços salesianos são provenientes dessas regiões.

**26.** Quando olhamos para o fator *linguístico*, não podemos deixar de destacar que 53% das respostas chegaram em inglês.

As implicações dessa alteração geográfica e linguística sobre a formação devem ser cuidadosamente estudadas. No entanto, é importante observar que a maioria dos nossos entrevistados considera a interculturalidade como um benefício, sem ignorar as dificuldades e os desafios que isso comporta.

**27.** É interessante que a maior valorização da internacionalidade e da interculturalidade provenha dos noviços e irmãos da região África e Madagascar, onde a formação acontece para a grande maioria na própria região. Mesmo um único continente pode conter uma grande real diversidade no seu interior!

A interculturalidade é um grande desafio para quem oferece o serviço de acompanhamento, chamado a respeitar, reconhecer, aceitar e acolher a diversidade. Mesmo nesse caso, devem ser evitadas as fáceis suposições. Não se pode presumir, por exemplo, que um formador pertencente a um determinado grupo cultural já seja capaz de entender e relacionar-se com sabedoria com os do seu próprio grupo. A capacidade de entender as pessoas requer muito mais do que o simples fato da mesma origem étnica ou nacional.



É encorajador ver que nossos guias espirituais consideram positiva a interculturalidade presente em muitos de nossos contextos de formação. “Em geral, as situações em que existem diferenças de origem cultural (por exemplo, país, idioma, formas de se expressar, hábitos, costumes...) entre acompanhado e acompanhante, são percebidas pelo acompanhante que considera a incidência desse aspecto sobre a dinâmica de acompanhamento para 13% entre negativo e problemático e positivo e enriquecedor para 87%” (Bay 418).

Parece que uma experiência pessoal de interculturalidade – como pode acontecer mediante a formação ou o trabalho missionário em um contexto cultural diferente – é um recurso precioso para o guia espiritual. A pesquisa mostra que 91% dos irmãos que viveram essa experiência consideram as diferenças culturais entre eles e aqueles a quem oferecem o serviço de orientação como positivas e enriquecedoras (Bay 418).

## 2.1.2 Os guias espirituais

**28.** O questionário foi respondido por 538 guias espirituais. Não temos ideia do número total de irmãos que oferecem o serviço de guia espiritual, sendo, portanto, impossível determinar a porcentagem das respostas em relação ao total deste grupo específico, embora apenas de modo hipotético.

A idade desses entrevistados varia de 21 a 91 anos, levando em consideração o fato, bastante singular, que 26 tirocinantes também optaram por responder ao questionário de guias espirituais, provavelmente em acréscimo ao dos tirocinantes (Bay 379).

**29.** Pode ser interessante comparar a porcentagem de respostas dos jovens em formação [A] (Bay 456) e dos guias [B] (Bay 379) com base em suas regiões, comparativamente ao total de questionários recebidos dos jovens formandos [A] e dos guias [B]. Para a Ásia Leste – Oceania, América Cone Sul e Europa Centro Norte, a porcentagem é quase a mesma (por exemplo, para a América Cone Sul, os formandos [A] representam 8,4% do total e os formadores [B] representam 8,0% dos 538 guias que participaram da pesquisa). Se considerarmos as regiões Interamérica e Mediterrânea, [B] supera [A] em cerca de 5 pontos percentuais (por exemplo, para Interamérica [A] = 10,1% e [B] = 15,8%). Para a Ásia Sul e África e Madagascar, no entanto, a situação é inversa (por exemplo, para Ásia Sul [A] = 31,9% e [B] = 27,3%).



## ***Guias espirituais que são diretores de comunidade***

**30.** O número de guias espirituais que também são diretores de comunidade é de 243 ou 45,16% do número total de guias que responderam. Desse grupo, 119 são diretores de casas de formação inicial (provavelmente não incluindo diretores de tirocinantes) e 42 são diretores de noviciado (Bay 379). Os outros podem ser diretores, mas não candidatos ou jovens irmãos a quem oferecem o serviço de guia.

Em relação aos diretores de comunidade que também são guias espirituais (dos seus 'sujeitos'), a pesquisa indica que isso ocorre em 75% dos pré-noviços, 93% dos noviços, 64% dos pós-noviços, 55% dos tirocinantes, 37% dos candidatos à formação específica do sacerdócio, 28% dos salesianos leigos em formação específica e 37% dos padres salesianos no quinquênio (Bay 439). Se considerarmos o noviciado à parte, podemos ver que há uma diminuição constante na porcentagem de diretores que são guias espirituais.

47

## ***Guias espirituais que são também confessores***

**31.** A partir dos dados do nosso estudo, não é possível estabelecer quantos guias espirituais são também confessores daqueles que recorrem a eles para o acompanhamento. No entanto, podemos dizer que, para a grande maioria dos entrevistados, o sacramento da reconciliação e o acompanhamento espiritual são considerados de maneira distinta, fazendo referência a diferentes pessoas para confissão e para o acompanhamento espiritual, mas mesmo aqui há uma redução dessa porcentagem ao se aproximar das fases finais da formação inicial (Bay 439). Assim, um bom número de salesianos no quinquênio e um número ainda maior de guias indicam que o confessor também é o próprio guia espiritual.

## ***Ajuda recebida do diretor, do guia espiritual e do confessor***

**32.** Em relação à ajuda recebida do diretor, do guia espiritual e do confessor, algumas tendências emergem de forma bastante clara e transversal, no que diz respeito às diversas fases da formação.

Se considerarmos todos os entrevistados juntos como um único grupo – inclusive os guias – distintos apenas pela idade, o confessor surge como a figura mais valorizada (55,92%), atingindo um valor máximo de 67% para os guias mais avançados



em idade.<sup>2</sup> Se nos limitarmos apenas aos irmãos em formação inicial, mais de 80% dizem ter grande confiança no confessor, e declaram que não é difícil conversar com ele sobre o que pesa na consciência (Bay 453).

O guia espiritual vem depois, com um índice de apreciação de 50,53%. É interessante notar, no entanto, que para o grupo de menos de 40 anos, correspondente a quase todos aqueles em formação inicial, o guia espiritual recebe uma avaliação positiva de 62%, 2 pontos percentuais a mais sobre o confessor (60%).

Quanto ao diretor, para todo o grupo de entrevistados (incluindo os guias), a apreciação pela ajuda recebida é em média de 32,15%. Se considerarmos a maioria dos entrevistados, ou seja, aqueles com menos de 40 anos, o índice de apreciação sobe para 48,8%. Se, por outro lado, for selecionado o grupo com mais de 55 anos (= 42% dos guias que responderam), o índice de apreciação cai para 16,6%.

### ***Apreço pelo colóquio com o diretor***

**33.** Parece que, em geral, também há um bom nível de apreço pelo colóquio com o diretor, visto como um dos serviços importantes relacionados ao seu papel de animação e guia da comunidade. Nas respostas à pergunta sobre a importância das várias tarefas confiadas ao diretor, o colóquio é constantemente considerado, do pós-noviçado à formação específica, como uma parte muito importante do papel do diretor para o serviço de acompanhamento espiritual pessoal (Bay 130, 182 -183, 261, 306-307).

Isso está em sintonia com as respostas para a pergunta sobre qual aspecto do seu serviço que o diretor nunca deveria negligenciar. Os pós-noviços colocam o colóquio em quarto lugar, seguido pelo serviço de guia espiritual (Bay 130); os aspirantes ao sacerdócio em formação específica colocam o colóquio em quarto lugar e o serviço de guia espiritual em sexto lugar (Bay 262); os salesianos coadjutores em formação específica colocam o colóquio em segunda posição, enquanto não indicam plenamente o serviço de guia espiritual (Bay 307). É interessante notar que apenas os tirocinantes invertem a ordem, colocando o serviço de guia espiritual em quarto lugar, seguido pelo colóquio em sétimo lugar (Bay 183).

<sup>2</sup> Os dados e os percentuais dos três parágrafos seguintes provêm de uma parte da elaboração dos resultados não incluída em Marco Bay, *Giovani salesiani e accompagnamento. Risultati di una ricerca internazionale*.



## Preparação de guias espirituais

**34.** Quanto à preparação para o seu serviço, 78,6% (423) dos guias afirmam ter aprendido com a experiência, 57,1% (307) lendo, escrevendo, refletindo e meditando pessoalmente, e 41,3% (222) buscando conselhos e comparando sua experiência com a de outros.

24,7% (133) falam de supervisão por um especialista em direção espiritual (Bay 420). Para 40,3% (205) dos guias, o recurso ao acompanhamento espiritual faz parte do seu estilo de vida, enquanto 44,6% (227) confessam certa inércia a esse respeito. Paradoxalmente, 15,1% (77) dos guias afirmam que ainda não desenvolveram uma convicção e uma forte motivação que os incentive a crescer nessa direção (Bay 403).

45,7% (246) relatam ter recebido algum nível de preparação formal para o serviço de orientação espiritual. Essa preparação inclui mestrado em teologia ou pedagogia espiritual (formação de formadores), cursos de pós-graduação em psicologia ou teologia espiritual, curso de formação de formadores (UPS - Roma), a Escola Salesiana de Acompanhamento Espiritual (Quito), o curso para diretores (Centro Don Bosco de Renovação – Bangalore) e o curso de estudos salesianos (Berkeley). Além disso, existem cursos mais breves, que duram em média uma semana, organizados por dioceses e congregações religiosas sobre *counseling* e, mais especificamente, *counseling* pastoral, direção espiritual, etc. (Bay 419-420).

Deve-se levar em conta que a preparação formal mencionada é de natureza muito variada. Alguns dos cursos são voltados ao mundo acadêmico e à preparação intelectual, outros se concentram na aquisição de competências e habilidades, enquanto outros promovem principalmente a mudança e o crescimento na pessoa do formador (ver ACG 426 [2018] 40-42).

### 2.1.3 Acompanhamento comunitário

#### *O desejo da presença e proximidade dos formadores*

**35.** Quando os entrevistados são solicitados a sugerir sobre “o que mudar ou acrescentar para melhorar o modo como é atuada a formação”, surge com insistência coral, de todas as áreas linguísticas, que se melhore a proximidade no relacionamento dos formadores com os formandos. Nossos jovens do mundo todo



pedem aos seus formadores que estejam presentes em momentos informais, que estejam genuinamente dispostos a compartilhar, encurtar distâncias, promover a amizade, construir relacionamentos ricos em confiança e criar o espírito de família.

É evidente que o ambiente da comunidade influencia muito o crescimento vocacional e é, por si só, uma forma de acompanhamento. De maneira alguma ele substitui o diálogo espiritual pessoal, mas afeta muito a eficácia desse encontro, como também repetiu insistentemente o recente Sínodo (DF 95-97).

### ***O ambiente da comunidade nem sempre é favorável***

**36.** Dos dados como são apresentados, emerge várias vezes que o ambiente da comunidade nem sempre favorece o acompanhamento pessoal.

Falando dos pré-noviços, por exemplo, Bay observa: “Um grupo interessante de cerca de um quarto dos entrevistados, 24,9% (110), mantém conversações [*com irmãos que fazem parte de sua comunidade*] apenas uma a três vezes por mês ou algumas vezes por ano” (Bay 62).

Também é interessante ver a importância da comunidade para aqueles que estão no outro extremo do período da formação inicial: o quinquênio. Em todas as áreas linguísticas emerge de modo insistente a importância dada à compartilha, à interação e ao encontro entre irmãos, jovens e leigos que participam da missão como também emerge a manifestação das dificuldades nos relacionamentos, principalmente entre os próprios irmãos da comunidade.

### ***Variações regionais***

**37.** Pode ser esclarecedor observar algumas variações regionais e segundo as línguas nas respostas do quinquênio em relação às dificuldades associadas à vida comunitária.

ITALIANO: muito trabalho e solidão, com poucas possibilidades de compartilhar com os irmãos devido à diferença geracional, que leva ao individualismo e ao setorialismo.

INGLÊS: muito trabalho e dificuldade no relacionar-se com os idosos, levando a incompreensões e comportamentos contrários à vocação salesiana.



FRANCÊS: incompreensões, preconceitos, problemas de comunicação.

POLONÊS: distância geracional e pouca abertura por parte dos irmãos idosos, com tendência à “diocesezação”.

PORTUGUÊS: diferença geracional, conflitos de mentalidade, muito trabalho, incoerências.

ESPAÑHOL: muito trabalho, juntamente com questões relacionadas ao uso do dinheiro e do exercício da autoridade; muito pouco acompanhamento e diálogo.

### ***Dimensão da comunidade***

**38.** Não poucos da fase do quinquênio se referem também à dimensão da comunidade: se for muito pequena, as dificuldades mencionadas acima aumentam.

Também emergem problemas típicos de comunidades numericamente muito grandes, com o risco da despersonalização e do enfraquecimento dos processos de acompanhamento formativo

## **2.2 COMO É ENTENDIDO O ACOMPANHAMENTO ESPIRITUAL PESSOAL**

**39.** A compreensão que se tem do acompanhamento espiritual pessoal tende a orientar conseqüentemente a sua mesma prática. É importante, portanto, dar atenção ao que os jovens irmãos em formação inicial e os guias espirituais entendem por “acompanhamento espiritual pessoal” e como eles pensam que se relacionam com outras formas de acompanhamento, como o colóquio com o diretor e o sacramento da reconciliação

### **2.2.1 O modo de entender de quem é acompanhado**

#### ***Distinção entre acompanhamento espiritual pessoal e colóquio com o diretor***

**40.** Um primeiro ponto que surge claramente é a tendência entre os jovens em formação de evidenciar a distinção entre acompanhamento espiritual pessoal e colóquio com o diretor. As porcentagens daqueles que afirmam claramente essa distinção são



as seguintes: pré-noviços 46%; noviços 46%; pós-noviços 57%; tirocinantes 67%; aspirantes ao sacerdócio em formação específica 70%; salesianos leigos em formação específica 71% (Bay 439).

Todavia, existem variações regionais interessantes. Quando se pergunta aos pós-noviços se “o colóquio que tenho com a pessoa responsável pela fase formativa é distinta do acompanhamento espiritual (duas coisas diferentes)”, as porcentagens de sim são as seguintes:

76% na Mediterrânea,  
71% na Europa Centro e Norte,  
61% na Ásia Leste – Oceania,  
59% na Interamérica,  
54% na África – Madagascar e Ásia Sul,  
46% na América – Cone Sul.

### ***Estima sincera pelo acompanhamento espiritual pessoal***

**41.** Um segundo ponto interessante: aqueles que são acompanhados demonstram uma estima sincera pelo acompanhamento espiritual pessoal. Um grande número de elementos que emergem de todas as fases da formação inicial reflete a consciência de que é um tesouro no campo, a ser redescoberto e valorizado.

O testemunho dos irmãos no período do quinquênio é particularmente digno de nota: 89,80% (344 em 383) consideram o acompanhamento espiritual importante para o seu caminho, mesmo com o término da formação inicial.

### ***O acompanhamento é “espiritual”***

**42.** Outro elemento que emerge, especialmente nas respostas dos que estão nas últimas fases da formação inicial, é a “centralidade espiritual” do acompanhamento. Ou seja, nossos jovens irmãos acreditam que o acompanhamento espiritual deve concentrar-se principalmente nos aspectos que ajudam a pessoa a crescer na vida espiritual e na sua relação com Deus.

Assim afirmam os estudantes de teologia: “A atenção nesse encontro se concentra sobretudo na vida de oração e no modo de viver o relacionamento com Deus, os compromissos da vida espiritual, etc. para 88,60% (615)... Também a Palavra de Deus frequentemente faz parte do conteúdo do diálogo de acordo com 67,60% (468)” (Bay 225).



Poderíamos acrescentar que, embora a palavra “Deus” apareça 1607 vezes nas respostas abertas dos que estão em formação inicial, os termos “Jesus” e “Cristo” recorrem juntos 730 vezes.

### **Atenção ao carisma**

**43.** A vida em comunidade e o envolvimento na missão apostólica são fatores extremamente significativos nos processos de formação. O crescimento do carisma salesiano é parte integrante do caminho de acompanhamento espiritual, cujo objetivo final é crescer como discípulos de Cristo inspirando-se no modo de vida traçado por Dom Bosco.

53

A pesquisa indica que a atenção ao carisma é particularmente forte no noviciado, mas menos nas fases sucessivas. 95,9% dos noviços colocam o amor a Dom Bosco e a missão salesiana em segundo lugar, imediatamente após a possibilidade de um melhor autoconhecimento (97,5%) e antes do caminho do crescimento espiritual mediante o silêncio, a oração e a meditação (94,7%) (Bay 76).

Também é interessante notar que a “salesianidade” é geralmente mais apreciada em algumas regiões do que em outras. Mais da metade dos entrevistados da África – Madagascar, Ásia Leste – Oceania e também da UPS enfatizaram positivamente a ajuda recebida do maior conhecimento sobre Dom Bosco e do estudo das Constituições (Bay 470).

Pode-se acrescentar que a palavra “Bosco” retorna 596 vezes nas respostas abertas dos formandos e 33 vezes nas dos guias espirituais.

### **Características do acompanhamento**

**44.** Grande importância é dada ao sentir-se à vontade nos encontros de acompanhamento espiritual, sem receio de abrir o coração sobre perguntas delicadas e pessoais (84% dos estudantes de teologia).

Ainda mais importante é a atmosfera de liberdade (96% dos estudantes de teologia, mas também de tirocinantes).

A liberdade para escolher o guia é avaliada positivamente com índices muito altos (91% dos estudantes de teologia, 93% do quinquênio).



Os estudantes de teologia enfatizam que a confiança e a abertura (97%), a transparência e a sinceridade com o guia são importantes para eles (95%).

A absoluta confidencialidade do guia é considerada de extrema importância (94% dos estudantes de teologia).

## 2.2.2 O modo de entender de quem acompanha

### A “centralidade espiritual” do acompanhamento

**45.** Como os guias espirituais entendem o acompanhamento espiritual pessoal e que valor lhe atribuem?

Solicitou-se aos salesianos que prestam o serviço de guia espiritual para se expressarem sobre a “intensidade e qualidade das atitudes assumidas, vividas e praticadas pelos guias no ‘acompanhar’ os outros”. Eles podiam escolher entre 12 respostas fechadas, que expressavam uma gama de todas as atitudes positivas. A resposta que recebeu o mais alto consenso é a seguinte: “Creio que a tarefa mais importante, mas também a mais difícil, é saber ‘transmitir Deus’ ou ajudar a pessoa a viver cada vez mais conscientemente na presença de Deus. Serenidade, paz, misericórdia, paixão pelos pequenos e pelos pobres, alegria interior... estes são os sinais da ‘união com Deus’ que os acompanhantes devem experimentar em si mesmos para também poder comunicar” (Bay 391).

Nas respostas abertas dos guias, a palavra “Deus” aparece 237 vezes, as palavras “Jesus” e “Cristo” 43 vezes, enquanto a palavra “Bosco” está presente 33 vezes.

## 2.3 O QUE ACONTECE DURANTE O ACOMPANHAMENTO ESPIRITUAL PESSOAL

**46.** Não podemos dar por óbvio que o que se pensa coincide simplesmente o que realmente acontece. Por isso, nos perguntamos o que realmente acontece no que é definido como “acompanhamento espiritual pessoal”; prestamos muita atenção às indicações que, de várias maneiras, revelam o que acontece no acompanhamento espiritual pessoal nos nossos processos de formação.



## 2.3.1 Alguns fatores externos que condicionam

### *Iniciação ao acompanhamento no pré-noviciado*

**47.** Um primeiro ponto é que, para mais de 80% dos entrevistados, incluindo aqueles que oferecem o serviço de guia espiritual, a iniciação ao acompanhamento adequadamente entendida ocorreu no pré-noviciado.

Todavia, parte dos entrevistados reconhece ao mesmo tempo, com porcentagens que vão de um terço a mais da metade, que alguma forma de acompanhamento já havia ocorrido antes do pré-noviciado (Bay 438).

### *Diretores / encarregados com tempo insuficiente para o acompanhamento*

**48.** Em segundo lugar, lamenta-se que os diretores ou responsáveis nem sempre têm tempo suficiente para o acompanhamento. Assim, 45,7% (403 de 882) dos pós-noviços dizem que o diretor tem tantas coisas a fazer que não tem tempo para acompanhá-los espiritualmente (Bay 131). É ainda mais surpreendente que 31,40% (124 de 389) dos noviços dizem a mesma coisa do mestre dos noviços (Bay 85). É essa a situação que também 33,90% dos pré-noviços relatam (Bay 49). O mesmo problema é relatado por 46,10% dos tirocinantes (Bay 184), por 37,90% dos aspirantes ao sacerdócio em formação específica (Bay 263) e por 54,90% dos salesianos leigos em formação específica (Bay 308).

Devemos ter presente que o acompanhamento aqui nem sempre coincide com o acompanhamento espiritual pessoal, dado que o diretor nem sempre é o guia espiritual escolhido.

## 2.3.2 Diretores como guias espirituais: tendência à diminuição

**49.** Vimos acima (ver acima a seção 2.2.1) que os formandos tendem a distinguir nitidamente colóquio com o diretor e acompanhamento espiritual. Distinção, no entanto, não significa necessariamente separação: posso distinguir claramente o que é o colóquio com o diretor daquilo que considero como acompanhamento espiritual e ainda assim escolher a mesma pessoa para os serviços de escuta e de ajuda pessoal. Por isso, enquanto 46% dos pré-noviços fazem essa distinção, 75% deles indicam que o encarregado do pré-noviciado também é seu guia espiritual.



Passando para as fases posteriores da formação inicial, 93% dos noviços dizem que o mestre dos noviços é o seu guia espiritual; de modo semelhante 67% dos pós-noviços, 55% dos tirocinantes, 37% dos candidatos ao sacerdócio em formação específica e 28% dos salesianos leigos em formação específica referem-se ao diretor da comunidade como seu guia espiritual (Bay 439).

Se considerarmos os noviços separadamente, vemos, então, que os jovens em formação tendem a não apenas distinguir entre o colóquio com o diretor e o acompanhamento espiritual, como também a separar sempre mais o acompanhamento espiritual da relação que mantêm com o diretor da casa.

### 2.3.3 Carências sobre a discrição e a confidencialidade

**50.** Há um dado que emerge transversalmente de todas as regiões: a delicada questão da discrição em relação ao que é compartilhado durante o acompanhamento pessoal. Já vimos que a confidencialidade nesse nível é considerada de absoluta importância (cf. a seção 2.2.1 acima). No entanto, muitos de nossos entrevistados têm a impressão de que o que é compartilhado com o guia é com frequência revelado a outros.

A porcentagem de quem se exprime nesse sentido é particularmente alta no pré-noviciado: “87,90% (385) dos pré-noviços revelaram que o guia usa as informações fornecidas pelo pré-noviço com outras pessoas e às vezes contra o pré-noviço. Apenas 12,10% (53) dos entrevistados indicaram que isso não causa dificuldade” (Bay 63).

Nas demais fases, as pontuações relativas à quebra de sigilo são muito mais baixas: noviços 12,10% (47); pós-noviços 14,30% (78); tirocinantes 14,90% (78); estudantes de teologia 13,40% (91); salesianos leigos em formação específica 25,5% (12 de 47); quinquênio 21,10% (79). É interessante notar que até 16,7% dos guias salesianos relatam essa dificuldade quando comentam a experiência de acompanhamento espiritual pessoal vivido durante a própria formação inicial (Bay 408).

**51.** Em várias reuniões das comissões regionais de formação ao longo de 2018, houve quem se perguntasse se esse tipo de percepção fosse mais subjetivo do que fundamentado na realidade, especialmente considerando que os pré-noviços tendem a olhar com apreensão a admissão ao noviciado e o temor de



serem excluídos pode influenciar sua maneira de avaliar o relacionamento com os formadores.

Qualquer que seja a opinião que tenhamos sobre isso, não podemos ignorar o fato, ou seja, que o percentual de pré-noviços que se expressam nesses termos é não apenas muito alto (quase 90%), como também passa transversalmente por todos os países e regiões. Mesmo que isso refletisse uma impressão subjetiva, ainda assim seria um indicador de como é avaliada a relação entre formando, formadores e comunidade. Esse é um dos dados da pesquisa que requer uma séria reflexão e uma resposta o mais urgente possível.

### 2.3.4 Abertura e transparência

**52.** Vimos que 97% dos estudantes de teologia consideram a confiança, a abertura, a transparência e a sinceridade importantes no acompanhamento espiritual (cf. acima a seção 2.2.1). Na realidade, contudo, parece não haver essa abertura.

À pergunta se o acompanhamento espiritual é um momento em que possam ser compartilhados livremente sentimentos, dúvidas, alegrias e dificuldades, valores positivos muito altos são expressos nas duas regiões da Europa, nas duas regiões da América e na África – Madagascar; as duas regiões da Ásia vêm em seguida, mas com uma diferença considerável de 10 a 12 pontos percentuais (Bay 476).

O acompanhamento pessoal é um momento em que é possível sentir-se à vontade, sem receio de abrir seu coração para questões muito pessoais? Novamente, os valores mais altos são dados pelas regiões Mediterrânea e Europa Centro Norte (88-89%), enquanto os valores mais baixos são registrados nas duas regiões da Ásia (Bay 476).

Quanto ao que se está disposto a revelar sobre si durante o acompanhamento pessoal: trata-se apenas do que é “estritamente necessário”? A prevalência das respostas afirmativas vem novamente da Ásia Sul e Ásia Este – Oceania, juntamente com África – Madagascar: expressam-se com sentimentos de estima em relação ao guia, mas ainda não há plena confiança, não se é capaz de dizer-lhe tudo (Bay 477).

Em outras palavras, há certa desconfiança que influi sobre a abertura e a transparência em algumas regiões, que, porém, não estão presentes em outras.



### 2.3.5 Outros aspectos problemáticos

**53.** Quando passamos a outros aspectos problemáticos relativos à relação de acompanhamento, a diversidade entre as regiões se torna ainda mais acentuada. Não podemos deixar de notar uma diferença clara e constante de pelo menos +9,14 pontos percentuais entre os índices provenientes conjuntamente da Ásia Sul e da Ásia Este e Oceania (43% do total de entrevistados) em comparação com os das outras regiões nestes seis elementos:

- falta de confiança por parte do guia;
- encontros pouco frequentes;
- pouca capacidade de escuta: o guia quer ouvir coisas de seu interesse, e não o que o acompanhado preferiria compartilhar;
- incompreensões;
- demasiada atenção a questões de caráter e de psicologia;
- receio de abrir-se da parte do acompanhado (Bay 482-483).

### 2.3.6 Um comportamento externo ao qual conformar-se

**54.** Em muitos casos, a formação é identificada com a adaptação a um conjunto de comportamentos, a fim de estar em conformidade com os padrões nos quais a adequação dos formandos será medida e avaliada. Eis que 29,80% (117 de 389) dos noviços afirmam que a regulamentação minuciosa de cada momento do dia deixa pouco espaço para a iniciativa pessoal. Cerca de um quarto, 24,20% (94), afirma sentir-se mais observado e controlado do que acompanhado. 23,70% (93) afirma que o mestre dos noviços insiste tão fortemente na disciplina e na obediência que, ao fazê-lo, aumenta o temor e o medo, em vez de sinceridade e espontaneidade. Para um sobre cinco – cerca de 21% (83) – o encontro pessoal com o mestre dos noviços é mais um dever a ser cumprido do que um encontro desejado, no qual compartilhar o que realmente sentem e experimentam dentro de si (Bay 85).

**55.** Quando chegamos aos pós-noviços, os percentuais são ainda mais elevados: 393 de 885 (44,60%) dizem que se sentem mais observados e controlados do que acompanhados, e que a forte insistência na disciplina e na obediência favorece mais o medo do que a sinceridade e a espontaneidade; e 378 (42,70%) acreditam que o encontro com o diretor é mais um dever a ser cumprido do que um encontro em que se possa compartilhar o que realmente se sente (Bay 131).



Quanto aos tirocinantes, 29% sentem-se mais observados e controlados do que acompanhados, 26% acreditam que a insistência na disciplina e na obediência levam ao medo, e para 36,20% o encontro com o diretor é principalmente, um dever a cumprir (Bay 185).

Para os jovens irmãos em formação específica para o sacerdócio e os salesianos leigos em formação específica, respectivamente 33,30% (221) e 44,9% (22) sentem-se mais observados e controlados do que acompanhados, respectivamente 36,90% (250) e 46,9% (23) consideram o colóquio com o diretor mais um dever do que um momento para compartilhar o que se vive realmente (Bay 263 e 308).

**56.** Percebem-se os reflexos de um modelo de formação que se vale de uma disciplina rígida e uma obediência formal para um denso programa de obrigações e eventos, como se isso abrisse uma espécie de “trilho ferroviário” que facilita a consecução de objetivos claros e bem definidos para cada fase. Entre essas obrigações, há também o colóquio mensal com o responsável.

Desde que até o pós-noviciado o colóquio coincide, para um número muito grande, com o acompanhamento espiritual pessoal também este corre o risco de ser um dos comportamentos aos quais conformar-se “para ir adiante”.

### 2.3.7 A sobreposição de acompanhamento e autoridade

**57.** De várias maneiras e com graus variados de insistência, nossos Regulamentos e a *Ratio* incentivam a fazer com que o serviço do guia espiritual seja oferecido pela pessoa encarregada de uma determinada fase de formação, inclusive ao menos até o tirocínio:

“As comunidades formadoras tenham um diretor e uma equipe de formadores com preparação específica, sobretudo para a direção espiritual, que *ordinariamente é exercida pelo próprio diretor*” (R 78, cursivo acrescentado).

“[O diretor] é responsável pelo processo formativo pessoal de cada irmão. É também o diretor espiritual *proposto, não imposto*, aos irmãos em formação” (FSDB 233, cursivo acrescentado).

“O Diretor [do pós-noviciado] continua a ação do mestre de



noviciado. Com sabedoria e bom senso ele anima o ambiente e o caminho da comunidade, acompanha e ajuda os pós-noviços particularmente mediante o acompanhamento pessoal e o colóquio, *a direção espiritual de consciência* e as conferências periódicas” (FSDB 417, cursivo acrescentado).

A sobreposição de acompanhamento e autoridade emerge transversalmente como uma séria dificuldade, justamente porque quem é proposto e recomendado como guia espiritual é também quem tem a maior responsabilidade no processo de admissão.<sup>3</sup>

### ***A fusão dos papéis é tolerada nas fases iniciais***

**58.** A nossa pesquisa revela que a fusão de papéis é tolerada desde que não possa ser evitada e é descartada pela maioria assim que for possível – geralmente entre o pós-noviciado e o tirocínio (ver 2.3.2).

Mesmo entre os noviços, onde 93% dizem que o mestre também é o seu guia espiritual (Bay 439), faz pensar o fato de que mais da metade deles (67,50%) vive essa situação com desconforto.<sup>4</sup>

### ***Insistência sobre a liberdade de escolha do guia***

**59.** Há uma convergência notável em todas as áreas linguísticas, nas sete regiões, portanto, sobre a liberdade de escolha do guia. Isso surge com força especial quando os entrevistados são solicitados a sugerir livremente (em respostas abertas) o que eles acreditam deva ser alterado para melhorar a qualidade da formação.

No entanto, existem variações regionais. A maioria dos pré-noviços que pedem para não serem obrigados a valer-se do seu encarregado como guia espiritual, denunciando até abertamente

<sup>3</sup> A FSDB propõe o diretor / encarregado como guia espiritual até o tirocínio: cf. 339, 345 (pré-noviciado); 417, 420 (pós-noviciado); 437, 438 (tirocínio). Sobre a fase da formação específica diz simplesmente: “[O diretor] zele pela animação espiritual comunitária e pessoal” (FSDB 490).

<sup>4</sup> Deve-se corrigir aqui a afirmação de Bay 98 que diz: “Um grupo importante de cerca de um terço dos noviços, ou seja, 32,50% (127), fez notar que o formador / mestre e diretor espiritual são uma única pessoa, mesmo que para três quartos, 67,50% (264), não seja assim”. A pergunta referia-se ao que cria desconforto ou dificuldade: “Tente expressar agora, em sua experiência pessoal de acompanhamento espiritual salesiano personalizado, o que criou desconforto ou dificuldade”. 67,50% indicaram como dificuldade ‘o fato de meu formador / mestre e diretor espiritual ser uma única pessoa’. 32,50% indicaram o contrário – ou seja, que esse fato para eles não cria desconforto ou dificuldade.



algumas limitações em seus formadores (falta de confiança, etc.), são de língua francesa e inglesa provenientes da África – Madagascar, Ásia Sul e Ásia e Oceania (cf. as respostas às perguntas em aberto sobre o que poderia ser melhorado e o que deveria ser alterado: Bay 63-70).

**60.** Outra peculiaridade de natureza regional: a palavra “liberdade” ocorre com muito mais frequência nas respostas às perguntas abertas vindas da Ásia de língua inglesa, em comparação com outras regiões. O desejo de maior liberdade na escolha do guia espiritual é verbalizado explicitamente, e não poucos, especialmente nas três fases iniciais da formação, lamentam que não há essa liberdade.

Positivamente, a liberdade de escolher o próprio guia espiritual é uma das características mais apreciadas nas fases de formação específica, tanto para os candidatos aspirantes ao sacerdócio quanto para os salesianos leigos. Aqui, em seguida, está a resposta dos estudantes de teologia à pergunta 16 sobre “Elementos de ajuda para a experiência de acompanhamento espiritual personalizado” (lembramos que os entrevistados representaram 87% do total de estudantes SDB nessa fase de formação em 2017):

Para quase todos os que responderam ao questionário (acima de 90-98%) pertencentes a esta fase formativa, a confiança e a abertura dos professores em formação específica em relação ao guia foram indicadas por 96,70% (665 de 688), a atitude positiva e o grande respeito da parte do acompanhante por 96,10% (661), o clima de liberdade por 95,90% (658) e a abertura e confiança do guia em relação ao acompanhado para 94,40% (645)... É notável que para 90,50% (620) dos professores em formação específica, a liberdade de escolher o acompanhante espiritual é um elemento adicional de ajuda para crescer (Bay 278).

Como interpretar essa insistência transversal sobre a liberdade de escolher o guia, e as variações regionais sobre isso?

## 2.4 O PAPEL DESEMPENHADO POR ALGUMAS MEDIAÇÕES

### 2.4.1 Avaliações trimestrais (escrutínios)

**61.** Um tema sobre o qual um grande número de participantes do questionário se expressou vivamente é a avaliação pessoal



trimestral, que por sua natureza deveria ser um auxílio ao crescimento pessoal, complementar em relação ao que é oferecido no acompanhamento pessoal. Essa avaliação poderia ser descrita como acompanhamento personalizado pela ação da comunidade. “Uma forma de acompanhamento explicitamente prevista pela pedagogia formativa salesiana é constituída pelos momentos periódicos de avaliação pessoal (escrutínios), por meio dos quais o Conselho da comunidade ajuda o irmão a avaliar sua situação formativa pessoal, orienta-o, estimula-o concretamente no seu processo de amadurecimento” (FSDB 261).

**62.** Sobre esse tema, emergem da pesquisa fortes e persistentes críticas em todas as fases da formação, com variações percentuais, mas sempre com números significativos.

“Para um terço dos noviços, ou seja, 30,3% (106), parece mais um julgamento sobre eles, não objetivo, que capta apenas alguma coisa do que faz e não de quem realmente é. Enfim, mais de um quarto dos noviços, 28,1% (106 de 377), afirma que a incidência dos escrutínios sobre a admissão à renovação dos votos na primeira profissão leva o noviço mais a temê-los que desejá-los (Bay 106). Se ainda no noviciado esse instrumento de crescimento é avaliado de forma negativa por mais de um terço, o problema não é pessoal nem isolado, mas estrutural.

O índice de negatividade aumenta quando chegamos ao pós-noviciado. “Para quatro em cada dez pós-noviços, ou seja, 41,6% (366), é mais sentido [A] como um julgamento sobre si mesmo, não objetivo, que apreende apenas alguma coisa do que faz e não de quem realmente é. Enfim, mais de um quarto dos pós-noviços, ou 27,9% (244 de 875), sustentam que [B] a incidência dos escrutínios na admissão à renovação dos votos leva o pós-noviço mais a temê-los do que desejá-los” (Bay 158). Sobre as mesmas questões, as porcentagens que emergem dos questionários dos irmãos no tirocínio são [A] 38,3% e [B] 31,9%, e para os estudantes de teologia aspirantes ao sacerdócio [A] 35,30% e [B] 27,5%.

**63.** Um exame mais detalhado das variações regionais seria significativo. Todavia, os dados em geral já são uma forte referência, dado que para um número muito grande de formandos, esse exercício não é de fato percebido como a ajuda para o crescimento que é chamado a ser.



## 2.4.2 Diversas formas ou aspectos da oração

**64.** Em seu conjunto, em geral, os jovens em formação têm em grande consideração a vida de oração e muitos deles veem no acompanhamento espiritual pessoal uma ajuda especificamente orientada para o crescimento na vida de oração.

É interessante examinar mais detalhadamente as respostas a várias expressões pessoais e comunitárias da oração. A Eucaristia quotidiana sempre reúne o máximo dos consensos, mesmo se nessa caso seja difícil distinguir entre “cabeça” e “coração”, ou seja, entre um valor que deve ser afirmado por princípio e por fé e o modo com que, de fato, a Eucaristia é realmente vivida e valorizada na vida quotidiana. Pode ser mais significativo, porém, prestar atenção nas respostas relativas à oração pessoal, à oração comunitária, à meditação e à palavra de Deus:

	Oração pessoal	Oração comunitária	Meditação	Palavra de Deus
Pré-noviços	74,60%	61,80%	Não entre as 22 opções	69,80%
Noviços	83,00%	71,60%	65,00%	Não entre as 22 opções
Pós-noviços	73,80%	60,60%	52,40%	68,20%
Tirocinantes	77,70%	61,43%	42,23%	67,82%
Estudantes teologia cl.	74,90%	57,90%	46,50%	73,20%
SDB leigos form. espec.	69,20%	69,20%	59,60%	63,50%
Quinquênio	74,20%	62,10%	42,30%	68,20%

A tabela confirma a estima que há por essas expressões de oração, especialmente a oração pessoal. Observe-se que a Ásia Leste – Oceania é a região que dá o máximo valor à oração pessoal, à oração comunitária e à meditação (Bay 472).

**65.** No entanto, também há sinais de fadiga. Considerem-se, por exemplo, as respostas do quinquênio relativas à liturgia das horas, identificadas como uma das dimensões da vida de oração menos autêntica e menos viva e vivificante. É um dado que nos faz refletir: por que a liturgia das horas, que é uma das formas mais constantes de oração em toda a formação inicial, acaba por ser percebida como algo meramente exterior e não vivo e vivificante?



E o que dizer da meditação, cuja fidelidade quotidiana é garantida durante toda a formação inicial? Claramente, estar constantemente presente não é automaticamente uma garantia de crescimento e apropriação do seu valor e beleza a partir do interior da pessoa. A pessoa deve ser ajudada a ouvir e reconhecer o que acontece em seu mundo interior enquanto medita, para poder chegar a ativar itinerários pessoais de crescimento e amadurecer convicções profundas. Na tabela acima, meditação é a expressão da oração com índices mais fracos de apreço.

### 2.4.3 O projeto pessoal de vida

**66.** Outra mediação que pode ser muito significativa no caminho de acompanhamento pessoal é o projeto pessoal de vida.

É significativo que o projeto pessoal seja um dos instrumentos aos quais os guias espirituais dão muita atenção. Entre vários outros instrumentos, este é, enfim, o que eles indicaram como particularmente valioso, com amplo consenso (83,7%).

Na pesquisa, há uma pergunta em todas as fases sobre o quanto são utilizados e valorizados “métodos, técnicas, modelos para conhecer melhor a si mesmo e crescer na vida espiritual”. É interessante comparar a importância dada ao projeto pessoal de vida em relação aos outros três instrumentos.

	Projeto pessoal de vida	Exercícios de análise pessoal e avaliação	Diário	Autobiografia
<b>Noviços</b>	78,20%	78,20%	68,80%	65,80%
<b>Pós-noviços</b>	72,40%	68,80%	50,60%	38,60%
<b>Tirocinantes</b>	64,20%	62,40%	47,80%	32,50%
<b>Estudantes de teologia</b>	75,40%	69,30%	45,50%	39,80%
<b>Salesianos leigos na formação específica</b>	76,60%	72,00%	45,70%	40,40%
<b>Quinquênio</b>	70,10%	65,40%	28,90%	28,50%







# Segunda parte

## Interpretar





# 3. Inspirações que nascem da nossa tradição

## 3.1 A ORIGINALIDADE DO ACOMPANHAMENTO ESPIRITUAL SALESIANO DOS JOVENS

69

**67.** Vale a pena insistir na peculiaridade do acompanhamento espiritual salesiano dos jovens: trata-se de um processo complexo, como bem esclarece o Sínodo de 2018 (DF 95-97). “Existe uma complementaridade constitutiva entre o acompanhamento pessoal e o comunitário, que cada espiritualidade ou sensibilidade eclesial é chamada a articular de maneira original” (DF 95).

Na cidade de Turim, em rápida expansão, com um grande afluxo de jovens em busca de trabalho, correndo riscos pessoais muito sérios, Dom Bosco encontrou o campo ao qual era chamado e enviado. Percebeu que, para prosseguir com essa missão, devia provar àqueles garotos que realmente haviam encontrado um verdadeiro amigo, alguém em quem podiam confiar e a quem podiam abrir livremente seus corações. Compreendeu a importância fundamental de fazer com que os jovens se sentissem à vontade, e sentissem que eram amados.

Enquanto procurava dar respostas às muitas necessidades do grupo de jovens que se reuniam em seu oratório, Dom Bosco levou a sério as relações pessoais individuais e manteve-as vivas. Seu objetivo era preparar os garotos para a vida e conscientizá-los do amor de Deus por eles, fazendo tesouro da própria fé, a ser vivida dia a dia. Assim, o oratório tornou-se uma casa, uma paróquia, uma escola e um pátio.

O diagrama a seguir ilustra a originalidade e a riqueza da prática de Dom Bosco (Grech 251-254):





**68.** A direção espiritual praticada por Dom Bosco é um itinerário que se desenvolve simultaneamente no ambiente e em nível individual. Não se limita a um encontro periódico um a um entre o diretor espiritual e o indivíduo que busca orientação. Dom Bosco conseguiu manter um esplêndido equilíbrio entre o ambiente saudável e maduro e o nível individual. Dentro dessa dinâmica básica, podemos distinguir ulteriormente entre abordagem formal e abordagem informal.

A abordagem *formal* é regular e baseada em uma concordância. Em nível de *grupo*, inclui retiros espirituais, vida litúrgica, catequese e outros encontros, com vários tipos de contribuições, organizadas (formais). No nível *individual*, isso se traduz no encontro “pessoal” entre o diretor espiritual e a pessoa em busca de acompanhamento.

A abordagem *informal* tem um exemplo claro na “palavrinha ao ouvido”. Ocorre ocasionalmente e pode envolver uma variedade de temas que intervêm e orientam.

**69.** O processo de acompanhamento espiritual ocorre no interior de uma comunidade de fé, aberta à ação da graça e à ação do Espírito Santo, onde encontramos um entrelaçamento natural de abordagens formais e informais. A abordagem regular e estruturada tem maiores possibilidades de ser transformadora e frutuosa, mas é igualmente verdade que sem as várias intervenções informais e o ambiente comunitário favorável, a eficácia dos momentos formais seria pelo menos reduzida, se não comprometida.



Esse tipo de prática holística também deixa claro quanto tempo Dom Bosco tenha dedicado aos seus jovens. Para ele, passar algumas horas por semana no diálogo “um a um” não era suficiente. Sua originalidade consiste em criar uma abordagem holística que inclui as dimensões de grupo e individuais, por meio de várias abordagens formais e informais em um ambiente que favorece especificamente tudo isso (Grech c. 4; Giraudo 195-211).

### ***O acompanhamento pessoal “um a um” de Inácio de Loyola***

**70.** É interessante notar a multiplicidade e variedade de ligações entre a praxe de Dom Bosco e a de Inácio de Loyola e de Francisco de Sales.

A praxe da direção espiritual de Inácio de Loyola está centrada nos encontros individuais com um guia. Como Teresa de Jesus, Inácio deu grande importância ao discernimento dos espíritos na tentativa de estabelecer um relacionamento sólido com Deus. Seus *Exercícios Espirituais* foram forjados pela reflexão sobre o próprio caminho espiritual e envolvem uma clara opção de introspecção e exame das motivações interiores que estão por trás das opções. A proposta de Inácio consiste em remover afetos desordenados e buscar o conhecimento da vontade de Deus segundo esta nova liberdade adquirida.

**71.** Os Exercícios foram um elemento central do projeto formativo do Colégio Eclesiástico, onde Dom Bosco passou três anos decisivos de sua primeira vida sacerdotal e “aprendeu a ser padre”.<sup>1</sup> Dom Bosco não só fez os Exercícios todos os anos, como também os propôs desde o início aos seus jovens, não obstante a pobreza em que viviam, além de ajudar regularmente Cafasso nos Exercícios para grupos de padres e leigos em Sant’Ignazio sopra Lanzo por muitos anos. Oferecer os Exercícios aos jovens e às pessoas simples foi, de fato, um dos cinco objetivos da Congregação Salesiana desde as primeiras Constituições, escritas pelo próprio Dom Bosco.

### ***Francisco de Sales: amizade espiritual no acompanhamento***

**72.** A influência inaciana é forte sobre Francisco de Sales. Em Paris, ele escolheu cursar a universidade dos jesuítas de Cler-

<sup>1</sup> O Colégio foi fundado por Luís Guala, graças à inspiração de Pio Brunone Lanteri. O próprio Lanteri era um discípulo de Nicolaus von Diessbach, um jesuíta seguidor entusiasmado de Afonso Maria de Ligório. Diessbach iniciara Lanteri na difusão dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio como um instrumento privilegiado de apostolado. Essa foi uma das intuições centrais do Colégio Eclesiástico em que Dom Bosco foi formado. Ver Buccellato 141-148.



mont, contrariamente à preferência de seu pai pelo colégio de Navarra. Como estudante em Pádua, recorreu ao jesuíta Antonio Possevino como seu diretor espiritual. Quando jovem bispo, confiou-se ao P. Fourier, diretor do colégio jesuíta de Chambéry. Em sua praxe, no entanto, ele acrescenta ao que aprendeu com a tradição inaciana o elemento da amizade espiritual. “Talvez o traço que mais bem caracterize a direção espiritual salesiana é o clima de amizade recíproca que une o diretor e a pessoa por ele dirigida. Parece-me que se possa afirmar que para Francisco de Sales não há verdadeira direção espiritual se não houver verdadeira amizade, ou seja, comunicação, influxo recíproco; e trata-se de uma amizade que chega a ser verdadeiramente espiritual” (Albuquerque 43). “No espírito da terminologia de S. Francisco de Sales... o vocábulo que exprime o modo e o estilo de estar “cheio de caridade” do diretor espiritual na direção espiritual é “amizade” (Struś 79) e a insistência sobre a amizade constitui provavelmente um divisor de águas na história da direção espiritual na Igreja (Struś 90, 92-93)

### ***A relação pessoal, central na praxe de Dom Bosco***

**73.** Baseando-se no que havia aprendido da tradição inaciana no Colégio, Dom Bosco parece ter adotado espontaneamente também o elemento salesiano de amizade e de relações pessoais ardorosas na praxe de acompanhamento espiritual. “A relação do diretor com o jovem, na direção espiritual salesiana, não é secundária ao longo do processo; ela é essencial para sua recuperação e seu crescimento... Esta atenção paterna ou materna pode referir-se ao modo extraordinário de direção espiritual de S. Francisco e de S. Joana Francisca [de Chantal], no qual eles «conservavam os seus discípulos no próprio coração»” (McDonnell 79). “A relação entre formador salesiano e jovem deve caracterizar-se pela «maior cordialidade», porque «a familiaridade leva ao amor, e o amor cria confiança. É assim que ela abre os corações, e os jovens manifestam tudo sem medo [...], tornam-se sinceros na confissão e fora da confissão, e atendem docilmente a tudo o que determinar aquele pelo qual estão certos de serem amados»”.<sup>2</sup>

Há, de fato, uma bela ressonância entre a etimologia da palavra acompanhamento e a familiaridade salesiana: acompanhar significa “ser companheiro de viagem”, com aquele nível de solidariedade que nasce da participação do pão, do *cum-panis*, e as ressonâncias que suscita no contexto bíblico-cristão e nosso salesiano.

<sup>2</sup> Giraud 202, citando G. Bosco, *Due lettere da Roma, 10 maggio 1884*.



## **Comunidade, grupo e acompanhamento pessoal em Dom Bosco**

**74.** Às relações de amizade e cordialidade com os jovens, Dom Bosco acrescentou a comunidade e as dimensões do grupo, e nisso está a sua originalidade. Encontramo-lo bem refletido no *Quadro Referencial da Pastoral Juvenil Salesiana* (QdR), quando se observa que a comunidade educativo-pastoral (CEP) é animada pelo acompanhamento do ambiente, do grupo e de cada pessoa.<sup>3</sup> No contexto do acompanhamento da comunidade e de grupo “o encontro-colóquio tem valor e função específicos. O diálogo restabelece atitudes pastorais, como vemos no encontro do menino João Bosco com o padre Calosso ou o colóquio de Dom Bosco padre com Bartolomeu Garelli. A ação salesiana quer despertar no jovem a colaboração ativa e crítica ao itinerário educativo, na medida de suas possibilidades, escolhas e experiências pessoais: busca de motivações fundamentais para a vida; necessidade de clareza num determinado momento; desejo de diálogo e discernimento; interiorização das experiências cotidianas, para decifrar suas mensagens; confronto e instância crítica; reconciliação consigo mesmo e recuperação da calma interior; consolidação da maturidade pessoal e cristã” (QdR 116).

73

### **Acompanhamento na Estreia de 2018**

**75.** A originalidade e peculiaridade do estilo de acompanhamento salesiano dos jovens é confirmada pelo P. Ángel Fernández Artime na Estreia de 2018 sobre o tema do acompanhamento: “‘Senhor, dá-me desta água’. Cultivemos a arte de escutar e de acompanhar” (ACG 426). Em primeiro lugar, como para Dom Bosco, o acompanhamento salesiano não se limita a um momento de diálogo pessoal, mas insere o “cara a cara” no contexto vivo de um ambiente educativo atraente “rico de propostas educativas e de relações humanas” (ACG 426 25). Em segundo lugar, mas em continuidade com o que se disse acima como primeiro aspecto, o acompanhamento pessoal salesiano é uma parte viva da nossa pedagogia espiritual da relação, que chega à conquista do coração: “o tom afetivo e a instauração de confiança e simpatia” são condições fundamentais do método educativo de Dom Bosco (ACG 426 26).

Tudo isso encontra sua confirmação no que o Papa Francisco diz: na pastoral juvenil “deve-se privilegiar a linguagem da proxi-

<sup>3</sup> Em sua exortação pós-sinodal, o Papa Francesco diz que a Igreja está crescendo na consciência de que é a comunidade inteira que evangeliza os jovens (CV 202).



midade, a linguagem do amor desinteressado, relacional e existencial que toca o coração, atinge a vida, desperta esperança e anseios. É necessário aproximar-se dos jovens com a gramática do amor, não com o proselitismo” (CV 211).

## 3.2 O ACOMPANHAMENTO ESPIRITUAL SALESIANO NOS PROCESSOS DE FORMAÇÃO

### 3.2.1 A praxe de Dom Bosco reflete-se nos processos de formação

**76.** A originalidade e riqueza da prática do acompanhamento espiritual em Dom Bosco deve ser considerada não só em relação à Pastoral Juvenil, na variedade de suas expressões, mas também nos processos que caracterizam a formação inicial. Assim, comentando a *Ratio* na carta “Vocação e formação”, o P. Pascual Chávez observa que o acompanhamento na formação “não se restringe ao diálogo individual; é um conjunto de relações, um ambiente e uma pedagogia, próprios do Sistema Preventivo” (FSDB 258; ACG 416 40-41). O acompanhamento comunitário desempenha um papel muito importante na comunicação vital dos valores salesianos. Obviamente, esse acompanhamento deve ser personalizado e, para isso, devemos garantir que haja “a presença e a dedicação de pessoas empenhadas na formação, a sua competência e a unidade de critérios” (ACG 416 41).

### 3.2.2 O sistema preventivo e os processos de formação

**77.** O sistema preventivo é nossa maneira de fazer as coisas: é tanto uma espiritualidade quanto uma metodologia pastoral. Em última análise, é o nosso modelo de formação.

A famosa tríade do sistema preventivo pode ser traduzida nas atitudes fundamentais do acompanhamento: a acolhida em referência ao amor, a pedagogia em referência à razão e a mistagogia em referência à religião.

**78.** A *acolhida* envolve valores como a aceitação incondicional, a lealdade, o respeito e a confiança, a escuta paciente, a sensibilidade pelos outros, um relacionamento cheio de humanidade e o objetivo de crescimento integral. No centro da educação e da



formação está a pessoa em sua singularidade e concretude.<sup>4</sup> “A primeira sensibilidade ou atenção é à pessoa. Trata-se de escutar o outro, que se nos dá com as suas palavras. O sinal desta escuta é o tempo que dedico ao outro. Não é questão de quantidade, mas de que o outro sinta que o meu tempo é dele: todo o tempo que precisar para me manifestar o que quer. Deve sentir que o escuto incondicionalmente, sem me ofender, escandalizar, aborrecer nem cansar” (CV 292).

Acolher significa olhar positivamente para a pessoa, ouvir, dialogar, fazer propostas concretas de crescimento e depois acompanhar com paciência os processos de crescimento, estar presente nos principais momentos de decisão e dificuldade. A pesquisa mostra que os jovens percebem imediatamente se os seus formadores são dedicados de todo o coração ao serviço de acompanhamento ou se estão mais preocupados com sua agenda pessoal. Um guia preocupado demais com seu tempo dificilmente poderá criar um ambiente favorável para acolher e ouvir.

O formador ajuda a pessoa a ser ela mesma, a saber correr o risco de tomar suas próprias decisões e assumir a própria vida. É esse clima de acolhida que cria um espaço no qual a pessoa se sente segura, onde os que estão em formação encontram a coragem para abrir seus corações e confiar em seus formadores e guias. É essa abertura, confiança e transparência que permite a devida atenção à dimensão humana, incluindo a área da afetividade e sexualidade, e permite o surgimento de motivações e convicções profundas.

A *pedagogia* implica em partir do ponto em que cada jovem se encontra, iniciando um caminho, engajando-se em um processo, propondo objetivos e fases, ajudando a pensar com cuidado e crítica, educando à fé. Ouvir sinceramente a história de vida de cada pessoa em sua singularidade é o ponto de partida do acompanhamento e requer boas habilidades de escuta de quem acompanha os candidatos, especialmente nos estágios iniciais do seu itinerário vocacional. Há uma crescente diversidade e fragmentação no mundo de nossos jovens, também ligadas à vida familiar e aos contextos sociais em constante transformação. O acompanhamento dos jovens a partir do “ponto em que se acha a sua liberdade” (C 38) é uma arte pedagógica que requer uma excelente sensibilidade salesiana e também uma preparação específica. Muita ajuda pode ser obtida do counseling, da psicologia

<sup>4</sup> Este é um dos aspectos fundamentais na direção espiritual de Francisco de Sales. Ver Alburquerque 35.



gia e das ciências humanas, numa preparação que deve envolver totalmente a pessoa e a experiência de vida dos formadores.

A *mistagogia* implica em despertar o desejo da fé, ajudando as pessoas a tomarem consciência da sua própria interioridade, em sintonia com as questões profundas sobre o sentido, reconhecendo a inabituação de uma Presença, uma verdadeira iniciação à experiência de Deus. O documento final lembra o exemplo do diácono Filipe:

O serviço do acompanhamento constitui uma verdadeira missão, que requer a disponibilidade apostólica de quem o presta. Como o diácono Filipe, o acompanhador é chamado a obedecer ao apelo do Espírito, saindo e abandonando o recinto das muralhas de Jerusalém, figura da comunidade cristã, para se dirigir a um lugar deserto e inóspito, talvez perigoso, precisando de correr para alcançar um carro. Tendo-o alcançado, deve encontrar o modo de relacionar-se com o viajante estrangeiro para fazer suscitar nele uma pergunta que, espontaneamente, talvez nunca tivesse formulado (ver At 8, 26-40) (DF 101).

**79.** Isso tudo faz parte do papel materno da Igreja. “Educar quer dizer, portanto, participar com amor paterno e materno no crescimento do indivíduo enquanto se cuida também, para esta finalidade, da colaboração com os outros: a relação educativa, de fato, supõe várias agências coletivas” (Viganò ACG 337 13). A atenção personalizada e a intimidade materna tornam-se *mistagogia* (Giraudó 201).

A dimensão *mistagógica* envolve o reconhecimento de que o guia é um mediador. Como para o Batista, é o Senhor que deve crescer, enquanto o guia deve diminuir (ver Jo 3, 28-30). As grandes virtudes do mediador são a humildade e a abnegação. O guia humilde é de grande ajuda; o guia cheio de si mesmo é um grande perigo. “Em síntese, acompanhar exige colocar-se à disposição tanto do Espírito do Senhor como de quem é acompanhado, com todas as suas qualidades e capacidades, e depois ter a coragem de humildemente se afastar” (DF 101).

**80.** As tentações do guia são muitas: querer ocupar o lugar do Senhor, aparecer como alguém especial, buscar seguidores e discípulos, pensar que tudo depende dele ou que as vitórias daqueles que são acompanhados são vitórias suas e, vice-versa, os fracassos dos que são acompanhados são fracassos seus como acompanhante. Ou ainda, poderia ser tentado a substituir a pessoa em acompanhamento, não respeitando sua liberdade ou



seu processo de crescimento, tomando decisões por ele, traindo a confidencialidade, deixando de incentivar a sua independência e criando dependências. O guia, diz o Papa Francisco, “a dado momento deve desaparecer para o deixar seguir o caminho que ele descobriu. Desaparecer como desaparece o Senhor da vista dos seus discípulos, deixando-os sozinhos com o ardor do coração que se transforma num impulso irresistível de se porem a caminho (ver Lc 24, 31-33)” (CV 296).

**81.** A dimensão mistagógica pressupõe, da parte do guia, um intenso amor por Jesus. “Não é a mesma coisa ter conhecido Jesus ou não o conhecer, não é a mesma coisa caminhar com Ele ou caminhar tateando, não é a mesma coisa poder escutá-lo ou ignorar a sua Palavra, não é a mesma coisa poder contemplá-lo, adorá-lo, descansar n’Ele ou não o poder fazer. Não é a mesma coisa procurar construir o mundo com o seu Evangelho em vez de o fazer unicamente com a própria razão” (EG 266).

O amor pelo Senhor se nutre de oração. Para alimentar o amor é necessário dialogar com a pessoa amada: “A nossa tristeza infinita só se cura com um amor infinito” (EG 265). “Com o amigo, conversamos, partilhamos as coisas mais secretas. Com Jesus, também conversamos... A oração permite-nos contar-Lhe tudo o que nos acontece e permanecer confiantes nos seus braços e, ao mesmo tempo, proporciona-nos momentos de preciosa intimidade e afeto, onde Jesus derrama a sua própria vida em nós. Rezando, ‘abrimos o jogo’ a Ele, damos-Lhe lugar ‘para que Ele possa agir, possa entrar e possa vencer’” (CV 155).

A oração é fundamental para quem é guia espiritual: “Sem momentos prolongados de adoração, de encontro orante com a Palavra, de diálogo sincero com o Senhor, as tarefas facilmente se esvaziam de significado, quebrantamo-nos com o cansaço e as dificuldades, e o ardor apaga-se” (EG 262).

O guia ora por aqueles que ele acompanha. Sua oração é um humilde pedido ao Espírito para esclarecer e acompanhar aqueles que pedem orientação e compensar as limitações e deficiências do próprio guia. Quando o guia não valoriza a oração intercessora, o acompanhamento perde lentamente seu frescor e se torna rotina.

**82.** Enfim, o acompanhamento torna-se escola de santidade e produz frutos de alegria e felicidade genuína em quem acompanha como também nos que são acompanhados. “Não tenhas medo da santidade. Não te tirará forças, nem vida nem alegria.



Muito pelo contrário, porque chegarás a ser o que o Pai pensou quando te criou e serás fiel ao teu próprio ser” (GE 32).

### 3.2.3 A esplêndida harmonia entre espírito de família e acompanhamento

**83.** A partir das narrativas de Dom Bosco em suas Memórias e nas biografias dos jovens escritas por ele, vemos que a interação entre o ambiente e o acompanhamento pessoal é tão intensa que não podemos imaginar um sem o outro. “A esplêndida harmonia de natureza e graça”, que retrata plenamente o nosso fundador (C 21), reflete-se na maneira com que realizou a sua missão entre os jovens, na esplêndida harmonia entre espírito de família e acompanhamento pessoal que Magone, Besucco, Savio e seus companheiros encontraram em Valdocco.

A nossa pesquisa confirma a importância do relacionamento entre o ambiente comunitário em que se respira o espírito de família (ver C 16) e a atenção dada a cada um através de três modos principais de acompanhar. Eles foram realizados juntos na pessoa de Dom Bosco, que era superior, guia espiritual e confessor. A história deu origem a muitas mudanças na animação da comunidade e na maneira como o acompanhamento pessoal é vivido na Congregação, mas o valor desses três modos de acompanhamento permanece inalterado.

#### O Diretor

**84.** Em nossa tradição, o papel do diretor está intimamente ligado à experiência pedagógica e espiritual do próprio Dom Bosco e, portanto, é muito diferente do que se encontra em outros institutos religiosos. Muito dessa figura pode ser encontrado em *O Diretor Salesiano – um ministério para a animação e o governo da comunidade local* (2019), que é a edição totalmente revista do Manual do Diretor, solicitada pelo CG27. Para a finalidade das presentes orientações e diretrizes é suficiente recordar que [1] o diretor é o guia espiritual a serviço da unidade na comunidade religiosa e na comunidade educativo-pastoral; [2] é o guarda da identidade carismática salesiana, favorecendo o trabalho comum para a fidelidade criativa a Dom Bosco, no contexto e na situação particular em que a presença salesiana é chamada a encarnar-se; [3] “Tem... responsabilidade direta em relação a cada um dos irmãos; ajuda-o a realizar sua vocação pessoal” (C 55), em particular através do colóquio pessoal (C 70). Esse tipo de acompanhamento mantém todo o seu valor, mesmo quando é



distinto do acompanhamento espiritual pessoal, onde se entra em aspectos da vida que dizem respeito ao foro interior. Quem é chamado a ser o pai da família conhece seu irmão nos aspectos que se manifestam no interior da vida de comunidade e na missão, e tem uma responsabilidade especial em momentos de discernimento, questionamentos e admissões.

### ***O Confessor***

**85.** O sacramento da Reconciliação é um elemento de importância central na espiritualidade e pedagogia de Dom Bosco. Teremos mais a dizer sobre o confessor (ver em seguida a seção 4.7). Aqui é suficiente notar que essa forma de acompanhamento, em que o encontro entre graça e liberdade encontra expressão no modo mais íntimo e sacramental, está em pleno acordo com os papéis do diretor e do guia espiritual. É nesta interação harmoniosa de vida interior e trabalhos externos, relações comunitárias e itinerários pessoais, que encontramos o melhor apoio para o nosso “caminho de santificação” (C 25).

### ***O Guia espiritual***

**86.** O acompanhamento espiritual pessoal requer, por sua natureza, que seja vivido em sincera harmonia com o ambiente comunitário, com o papel fundamental do diretor de acompanhar a comunidade e os irmãos, e com a experiência sacramental da reconciliação. Quanto mais se vive a integração harmoniosa desses dons, mais rico será o caminho de crescimento vocacional. Damos grande importância, e com razão, à liberdade pessoal, incluindo a liberdade de escolher aquele a quem podemos confiar nossas experiências mais pessoais. No entanto, isso não diminui a sabedoria que advém da nossa tradição de escolher um guia que não só conhece o nosso carisma, como também é testemunha direta da realização da experiência cotidiana na comunidade. As nossas interações com os outros e nosso estilo de vida diário fazem parte do que compartilhamos no acompanhamento pessoal. Pode servir de ajuda valiosa o fato de quem oferece o serviço de guia compartilhe a mesma vida de comunidade com a sua experiência direta e não dependente inteiramente do que lhe é comunicado durante o diálogo de acompanhamento. Um diretor sábio sabe como ajudar os seus irmãos a valorizarem da melhor forma o acompanhamento espiritual e entregar-se a guias capazes.





## 4. À escuta do espírito

**87.** No capítulo 2, estruturamos os dados do nosso exercício de escuta com a ajuda de quatro perguntas: quem são os envolvidos no processo de acompanhamento espiritual? O que entendem com acompanhamento espiritual pessoal? O que realmente acontece no acompanhamento espiritual pessoal? Qual o papel desempenhado por algumas mediações? No capítulo 3, deixamos-nos iluminar e inspirar pela tradição salesiana e pelos recentes ensinamentos da Igreja.

Agora podemos avançar para o segundo passo em nosso exercício de discernimento espiritual, que é a *interpretação*: o que o Espírito nos diz através do que ouvimos? Não seguiremos mais a ordem das quatro perguntas listadas acima; mas deixamos que os temas surjam espontaneamente.

### 4.1 UMA FORMAÇÃO INCULTURADA

#### *Diálogo com a cultura dos jovens*

**88.** O primeiro ponto que emerge do nosso estudo é o convite ao diálogo com a cultura dos jovens, a fim de garantir uma educação inculturada. Encontrar os jovens “no ponto em que se acha a sua liberdade” (C 38) implica também em entrar em diálogo com a sua cultura, o seu modo de compreender a vida e o seus modelos de comunicação.

Se esse é um desafio que preocupa todos os salesianos, é sem dúvida extremamente relevante para os irmãos dedicados ao acompanhamento pessoal, principalmente nos estágios iniciais da formação. É justamente aí que ocorre o encontro entre a vida salesiana e as novas gerações daqueles que pretendem abraçá-la, ano após ano, com novos rostos, dons, exigências e desafios.



## **Relacionar-se com uma cultura que é digital**

**89.** Elemento central na cultura dos jovens de hoje é o universo digital. “O ambiente digital caracteriza o mundo atual. Largas faixas da humanidade vivem mergulhadas nele de maneira ordinária e contínua. Já não se trata apenas de ‘usar’ instrumentos de comunicação, mas de viver numa cultura amplamente digitalizada que tem impactos muito profundos na noção de tempo e espaço, na percepção de si mesmo, dos outros e do mundo, na maneira de comunicar, aprender, obter informações, entrar em relação com os outros” (CV 86).

É um dado de fato que a maioria dos jovens em formação na Congregação tem entre 20 e 30 anos e, portanto, são *nativos digitais*, pertencentes à *Geração Y* e agora também à *Geração Z*.<sup>1</sup> Eles cresceram em uma cultura dominada pela tecnologia de comunicação virtual. Nesse espaço, eles se tornaram atores e roteiristas, com sua própria linguagem e com seu mundo de interesses. Eles se descobrem e se reinventam e exigem o direito de navegar e dialogar no ciberespaço. “A vida nova e transbordante dos jovens, que impele a buscar a afirmação da própria personalidade, enfrenta atualmente um novo desafio: interagir com um mundo real e virtual no qual se entra sozinho como num continente desconhecido. Os jovens de hoje são os primeiros a fazer esta síntese entre o pessoal, o específico de cada cultura e o global” (CV 90).

Nesse processo, um dos riscos é “tornar as pessoas mais distantes muito próximas e, ao mesmo tempo, tornar as mais próximas muito distantes”. Com a hiperconectividade, paradoxalmente, a solidão não diminui de maneira alguma: tende-se facilmente a ser “solitários juntos”. Ao mesmo tempo, os jovens gostam muito de poder se conectar com qualquer pessoa em qualquer momento. O desafio diante deles é “passar do contato virtual a uma comunicação boa e saudável” (CV 90).

**90.** Entre os riscos emergentes estão a pornografia, o jogo de azar, o ciberbulismo, os perigos que se escondem nas salas de bate-papo e a manipulação ideológica, e os nossos jovens que aspiram à vida salesiana e irmãos não estão isentos desses perigos. Aqueles que oferecem acompanhamento espiritual já não podem deixar de estar atentos e ser competentes sobre como intervir quando se defrontam com esse tipo de obstáculo ao cres-

<sup>1</sup> Segundo um dos estudos, a *Geração Y* inclui os nascidos entre 1980 e 2000, enquanto a *Geração Z* nasceu após 2000.



cimento, com a sua tendência de se enraizar e tornar-se hábitos, até se transformarem em dependências.

**91.** A tarefa dos guias, todavia, não se limita ao uso saudável e ético da rede. Para nós, a comunicação social é um campo de ação que faz parte das prioridades apostólicas da missão salesiana (C 43). Mais uma vez, o Papa Francisco nos convida a confiar nos jovens: “Mas os jovens são capazes de criar novas formas de missão, nos mais variados setores. Por exemplo, visto que se movem tão bem nas redes sociais, é preciso envolvê-los para que as encham de Deus, de fraternidade, de compromisso” (CV 241). Crescendo como pessoas animadas pela fé e profundamente enraizadas no carisma salesiano, nossos jovens irmãos da geração digital criarão novas linguagens para se comunicar com os coetâneos e compartilhar a Boa-Nova trazida pelo Senhor Jesus.

### ***Uma cultura que não encoraja compromissos definitivos***

**92.** As últimas gerações tendem a achar difícil assumir compromissos definitivos. Elas são caracterizadas por um estado de fluidez e incerteza, em que a liberdade é entendida como possibilidade de acesso e escolha a partir de uma gama indefinida de oportunidades, sempre novas. Essa fluidez e incerteza levam a um amplo sentimento de temor diante de compromissos definitivos.<sup>2</sup> Ao mesmo tempo, os nativos digitais ainda são “grandes buscadores de significado e tudo o que entra em sintonia com a sua busca de dar valor à própria vida provoca a sua atenção e motiva o seu compromisso” (IL 7). Não obstante a secularização, ainda há uma profunda fome de Deus nos jovens de hoje.

**93.** Outro aspecto da questão é que no presente cenário social, econômico, político e cultural, o período da juventude varia muito. “Em alguns países, em média, casa-se ou escolhe-se o sacerdócio ou a vida religiosa até antes dos 18 anos, enquanto em outros lugares tal acontece depois dos 30 anos, quando a juventude já passou. Em muitos contextos, a transição para a vida adulta tornou-se um caminho longo, complicado, não linear, em que se alternam passos para frente e para trás, e geralmente a busca pelo trabalho prevalece sobre a dimensão afetiva. Isso torna mais difícil para os jovens fazerem escolhas definitivas” (IL 16).

**94.** Dois outros fatores são a idéia predominante de liberdade e

<sup>2</sup> Ver F. Cereda, “A fragilidade vocacional. *Início de uma reflexão e propostas de intervenção*”. ACG 385 (2004) seção 2.1: A incapacidade de decisões definitivas.



o capitalismo de consumo. Quando a liberdade é entendida como a possibilidade de ter acesso ilimitado a oportunidades sempre novas, e quando isso é reforçado pelo capitalismo de consumo, com a exibição constante de uma grande variedade de opções, os jovens são facilmente levados a evitar as escolhas definitivas que parecem limitar e restringir os campos: “Hoje, escolho isso, amanhã veremos”. Ou: “Até agora estou feliz. Amanhã, se as coisas mudarem, verei”.

### ***Relacionar-se com a interculturalidade***

**95.** Há outro elemento adicional da interculturalidade. A distribuição planetária dos salesianos de Dom Bosco não é apenas um fato geográfico, mas uma dinâmica de internacionalidade única em seu gênero. Presente em mais de 133 países, estamos sem dúvida entre as congregações religiosas mais amplamente difundidas no mundo. Essa realidade não pode deixar de ter um impacto no processo de formação, em particular no que se refere ao acompanhamento espiritual.

Falando apenas em termos de diversidade, temos jovens candidatos de grandes centros urbanos e outros de áreas rurais remotas; os que pertencem a grupos populacionais majoritários e socialmente dominantes e outros que provêm de minorias étnicas; os que têm a oportunidade de realizar os processos de formação em sua língua materna e outros que precisam passar pelo esforço de aprender um segundo e às vezes um terceiro idioma; e assim por diante. A isso se acrescenta a diversidade regional, nacional, cultural e econômica, sem falar de castas e outras estratificações ou fatores de classificação mais ou menos evidentes ou profundas presentes em diversas partes do mundo.

**96.** Diante dessa diversidade, a Congregação encoraja explicitamente a interculturalidade, tanto nas fases de formação inicial quanto em outras situações e formas.<sup>3</sup> Que tipo de formadores, guias e equipes são necessários para acompanhar a diversidade e a interculturalidade? Como devemos preparar os formadores e guias? Sobretudo, como a Congregação pode realizar com eficácia sua ação de governo para as realidades interinspetoriais, situação em que, de fato, já se encontra um número crescente de casas de formação em todo o mundo, quando a maioria de suas estruturas atuais foi organizada em vista de um tipo de governo e de escala inspetorial?

<sup>3</sup> CG27 75.5; Á. Fernández Artime, ACG419 (2014) 25-26; F. Cereda, “Favorecer as comunidades internacionais (GC27 75.5)”, ACG 429 (2019) 46-56.



Além disso, a Congregação deve levar em consideração o fato de 53% dos entrevistados responderem em inglês. Devemos perguntar-nos que implicações isso tem nos nossos processos de formação.

E mais, se o aprendizado de uma língua estrangeira exige dedicação e constância, muito mais exigente e ao mesmo tempo necessária é a abertura para uma nova maneira de entender, dar ou não dar valor às coisas, de comunicar o que é típico das novas gerações. Esse modo de linguagem, gramática e cultura exige prontidão para ouvir, dialogar e aprender o que não é menos intenso daquilo exigido de um irmão enviado a um novo país como missionário *ad gentes*.

### **Construir pontes entre as culturas**

**97.** Já estamos assistindo à passagem de uma noção de cultura *classicista* a outra *empírica*, onde não existe mais uma cultura normativa, capaz de colocar-se como ideal a que tender.<sup>4</sup> Fé e carisma são realidades fundamentalmente transculturais, que requerem encarnar-se na variedade das culturas da humanidade.

**98.** Em tal situação, os formadores e os guias são chamados a uma inculturação que hoje é certamente mais necessária do que nunca, que é como a capacidade de construir pontes entre as distâncias que existem entre diferentes culturas. E isso, em nossa opinião, não é tanto uma questão de conhecimento profundo das culturas, quanto de estar familiarizado com o “núcleo mais íntimo” da pessoa do formador. *A verdadeira ponte entre as distâncias culturais é a interioridade existencial-espiritual do formador.* Nenhum formador ou guia espiritual pode esperar conhecer profundamente cada uma das culturas presentes em sua comunidade muitas vezes intensamente multicultural, mas certamente pode-se esperar que ele cresça e continue a crescer de maneira luminosa e madura em sua vida interior. Voltamos, assim, ao requisito indispensável da contínua preparação e formação de formadores, com uma insistência elementar, mas ao mesmo tempo intensa, sobre o sistema preventivo, que sabe valorizar a pessoa em sua particularidade e empenhar-se num diálogo paciente,

<sup>4</sup> A distinção (mesmo que não seja expressa exatamente da mesma maneira) é encontrada no magistério eclesiástico e salesiano, como por exemplo e EG 117 e ACG 419 25. O classicismo considerava a cultura como norma; os outros de fora eram meramente bárbaros. A noção empírica de cultura é simplesmente a negação do classicismo. Ela reconhece uma pluralidade de culturas, porque considera a cultura como o modo pelo qual qualquer pessoa aprende o significado das coisas e as valoriza no seu próprio modo de vida.



fundamentado na convicção de que todos somos animados e acompanhados pela graça, ou melhor, somos imersos nela.

A nossa pesquisa sugere que ficar exposto pessoalmente por um tempo razoável a uma cultura que não é a sua é visto como algo muito útil para um formador (ver a seção 2.1.1 acima). “Até que um homem adquira algum conhecimento de outra cultura, não se pode dizer que ele é educado, pois toda a sua perspectiva é tão condicionada pelo seu próprio ambiente social que ele não percebe suas limitações”.<sup>5</sup>

Tendo presente que a grande maioria dos jovens salesianos agora vem da África – Madagascar, Ásia Sul e a Ásia Este – Oceania, a necessidade de cultivar uma atenção mais profunda às culturas que nutrem a vida desses jovens e irmãos, especialmente na formação dos formadores, torna-se uma importante estratégia futura para a Congregação. Sem uma compreensão correta das culturas, não haverá inculturação da formação e da missão. A formação e a missão são, por natureza, chamadas a sintonizar o melhor possível, em sua interação com a vida e a cultura dos povos e nações, naquela “esplêndida harmonia de natureza e graça” (C 21) que está no centro de todo itinerário vocacional.

Exigem-se passos corajosos na inculturação dos programas de estudo, conforme proposto pela *Veritatis Gaudium*.<sup>6</sup>

### **Novas formas de discernimento vocacional e aspirantado**

**99.** O acompanhamento dos jovens interessados na vida consagrada salesiana deve levar em conta as grandes mudanças que influenciam o mundo social e cultural dos jovens de hoje, mudanças que não são apenas marcadas pelo ritmo frenético com que ocorrem, mas também por variações consideráveis, dependendo das regiões e inspetorias envolvidas. A carta conjunta de 2011 dos dicastérios para a Pastoral Juvenil e para a Formação procura dar uma resposta, propondo uma variedade de abordagens diferentes para a experiência do aspirantado:

<sup>5</sup> Christopher Dawson, *The Crisis of Western Education* (New York, Sheed and Ward, 1961) 113. Tradução nossa (“Until a man acquires some knowledge of another culture, he cannot be said to be educated, since his whole outlook is so conditioned by his own social environment that he does not realize its limitations”).

<sup>6</sup> Ver Mauro Mantovani, “La ‘filosofia’, nel Proemio de *Veritatis Gaudium*, vent’anni dopo *Fides et ratio*”, *Salesianum* 81/1 (2019) 27-46 e Andrea Bozzolo, “Trasformazione missionaria e rinnovamento degli studi nel Proemio di *Veritatis Gaudium*”, *Salesianum* 81/1 (2019) 47-71.



Percebemos, hoje, que os tempos de amadurecimento são mais longos e diversos os ritmos dos processos pessoais. Muitos fatores concorrem para essa situação. Não se trata, contudo, de alongar os tempos do processo formativo, mas de mudar a metodologia pedagógica... Hoje, o aspirantado assume diferentes e novas formas, de acordo com as várias situações dos candidatos [segue uma lista de diferentes tipos de aspirantado]... As formas indicadas não esgotam as modalidades de aspirantado na Congregação, antes, deseja-se que se busquem novas formas para responder às situações dos jovens, em particular para universitários, trabalhadores, imigrantes, autóctones. Hoje é possível ter numa Inspetoria duas ou mais formas de aspirantado. Cabe a cada Inspetoria identificar o tipo ou os tipos de aspirantado de que precisa para ir ao encontro da diversidade dos candidatos e das situações no próprio território.<sup>7</sup>

## 4.2 ESCLARECER O SIGNIFICADO DE ACOMPANHAMENTO ESPIRITUAL SALESIANO

### *O nosso acompanhamento tem um núcleo espiritual*

**100.** Vimos que tanto os que estão em formação quanto seus guias têm predominantemente uma percepção de acompanhamento, em que emerge sua clara “centralização espiritual”. Isso pode ser interpretado como um sinal positivo e encorajador, que revela um interesse e uma predisposição para descobrir o projeto de Deus e a ação do Espírito na própria história pessoal. Isso também significa que os jovens estão em busca de adultos que possam acompanhá-los nesse tipo de caminhada, ajudando-os a progredir em direção a uma “medida alta” de vida cristã ordinária,<sup>8</sup> a que todos somos chamados.

Considerando a frequência dos termos nas respostas abertas de formandos e guias, não se pode deixar de notar a clara preponderância da palavra “Deus” sobre as palavras “Jesus”, “Cristo” e “Espírito”. Isso pode ser entendido como uma indicação da necessidade de garantir que o acompanhamento pessoal seja mais claramente trinitário e cristocêntrico?

<sup>7</sup> Carta de Fabio Attard e Francesco Cereda, *Orientações sobre a Experiência do Aspirantado*. 26 de julho de 2011, prot. 11/0377.

<sup>8</sup> *Novo millennio ineunte* 31.



## ***Nem sempre é carismaticamente consistente***

**101.** A centralização espiritual do acompanhamento pessoal nem sempre é equilibrada por uma densidade carismática de igual peso e abrangência. Como já foi observado (ver seção 2.2.1 acima), a atenção ao carisma salesiano é muito forte durante o noviciado, mas muito mais fraca nas fases posteriores. Já apontamos que a “salesianidade” em geral é mais apreciada em certas regiões (África – Madagascar, Ásia Este – Oceania) do que em outras.

## ***A nossa identidade deve orientar a nossa formação***

**102.** As Constituições insistem que “A natureza religiosa e apostólica da vocação salesiana determina a orientação específica da nossa formação” (C 97) A *Ratio* indica repetidamente a identidade salesiana como o ponto de referência constante para todo o acompanhamento formativo:

*A identidade de consagrado apóstolo, como foi Dom Bosco, constitui a linha mestra do processo formativo. Mediante a formação, na verdade, realiza-se a identificação carismática e adquire-se a maturidade necessária para se viver e trabalhar em consonância com o carisma fundacional: de uma primeira situação de entusiasmo emotivo por Dom Bosco e por sua missão juvenil, chega-se a uma verdadeira configuração com Cristo, a uma profunda identificação com o Fundador, à acolhida das Constituições como Regra de vida e critério de identidade, e a um vigoroso sentido de pertença à Congregação e à Comunidade inspetorial.*

A estreita relação entre formação e identidade “comporta para cada um dos membros o estudo assíduo do espírito do Instituto a que pertence, da sua história e missão, para melhorar a sua assimilação pessoal e comunitária”. Evidencia a importância da “salesianidade”, isto é, do patrimônio espiritual e da “mens” da Congregação, que devem ser progressivamente estudados, assimilados e cultivados (FSDB 41).

## ***Guiados pelo Espírito “para viver Jesus”***

**103.** Em Francisco de Sales, encontramos inspiração para orientar o acompanhamento espiritual de maneira mais explícita em vista do discipulado e da configuração a Cristo. O objetivo de todo acompanhamento é a transformação e transfiguração em Cristo, como Francisco diz simplesmente, “viver Jesus”. O nosso crescimento em Cristo, diria o bispo de Genebra, é uma continua-



ção da encarnação dentro de nós. “Se seguimos as suas sugestões e começamos a nos unir a Ele [...], [Ele] sustenta os nossos frágeis esforços e une-se a nós de maneira que possamos perceber que Ele entrou em nós, em nosso coração, com incomparável doçura” (OEA V 11, in McDonnell 95).

**104.** A nossa transfiguração em Cristo é obra do Espírito: “Todos nós, porém, com o rosto descoberto, refletimos a glória do Senhor e, segundo esta imagem, somos transformados, com uma glória cada vez maior, pelo Espírito do Senhor” (2Cor 3,18). O acompanhamento espiritual é, portanto, por sua própria natureza, profundamente trinitário. Deus vem até nós através das missões do Filho e do Espírito; foi o Espírito que “suscitou São João Bosco. Formou nele um coração de pai e mestre, capaz de doação total... guiou-o na criação de várias forças apostólicas” (C 1), e é o Espírito que nos transforma à imagem e semelhança de Cristo.

### ***Tornar o acompanhamento mais carismático***

**105.** Como nosso seguimento de Cristo é mediado por Dom Bosco, *há necessidade de uma atenção explícita e maior à dimensão carismática do nosso seguimento de Cristo*; e isso é um interesse e uma solicitude que devem estar muito a peito em quem oferece o serviço de acompanhamento espiritual.

Aqui é útil a nova atenção da Congregação à leitura teológico-espiritual da vida e da experiência de Dom Bosco e ao itinerário espiritual salesiano. Todo esforço nessa direção será de grande ajuda para o acompanhamento espiritual pessoal e a formação permanente.

A atenção à dimensão carismática envolve ajudar os que estão em formação a conhecerem Dom Bosco e descobrirem a presença de Deus naqueles a quem somos enviados (C 95). Seria importante elaborar em nível local planos formativos mais sintonizados com essa herança carismática, para definir e atuar bons consequentes processos pedagógicos de crescimento.

Parte desse trabalho é o acompanhamento de experiências pastorais, a atenção ao campo da comunicação social e à dimensão missionária, como componentes decisivos do crescimento vocacional.

O acompanhamento das atividades pastorais (FSDB 198-199) servirá de escola para aprender a “fazer experiência dos valores”



e do significado da vocação salesiana (C 98), em sintonia com cada fase formativa e com uma progressão que segue a qualificação educativo-pastoral delineada no Quadro Referencial da Pastoral Juvenil Salesiana. Esta é também uma das áreas mais fecundas para a formação conjunta entre salesianos e leigos.

**106.** A comunicação social “está entre as prioridades apostólicas da missão salesiana” (C 43), com um impacto cada vez maior que não podemos subestimar, considerando o ambiente de onde provêm os nossos candidatos, os contextos das comunidades em que vivem e o mundo juvenil ao qual eles são enviados. A equipe dos formadores deve ser formada, portanto, para poder responder a essa prioridade apostólica, aos desafios e às necessidades que surgem no acompanhamento dos jovens formandos deste nosso tempo. Os passos frutuosos para essa qualificação formativa vêm da colaboração com o dicastério para a Comunicação Social em nível inspetorial, interinspetorial e regional e do trabalho em rede com outras realidades eclesiais e educativas, valorizando o apoio que pode advir de especialistas na área da comunicação.

**107.** A dimensão missionária qualifica o carisma salesiano em todas as fases do crescimento vocacional. É um elemento-chave no processo do discernimento vocacional inicial, pois representa de maneira sintética, simbólica e realista o tipo de vida que se sente chamado a abraçar. A ausência de sinais positivos claros de atração da missão pelos jovens e os mais pobres entre eles já seria, por si só, uma indicação clara de ausência da vocação salesiana. Os projetos formativos em nível local e um processo de acompanhamento pessoal assíduo e de qualidade ajudarão o zelo missionário a crescer ao longo da formação inicial.

Contemplando Cristo com os olhos de Dom Bosco aprendemos a ver a vida em todas as suas expressões com os olhos do Bom Pastor.

### 4.3 ALÉM DO LIMIAR DO FORO ÍNTIMO

**108.** Vimos que um grande número de formandos considera o acompanhamento espiritual pessoal como algo bem distinto do colóquio com o diretor, e que esse “distingo” se torna mais evidente transversalmente nas setes regiões durante as fases mais avançadas da formação inicial, chegando ao ponto de máxima intensidade durante a formação específica (ver a seção 2.2.1 acima).



Também advertimos o desejo transversal entre aqueles que estão na formação inicial de poder escolher livremente seu guia espiritual (ver a seção 2.3.7 acima).

Deixamos de lado o noviciado, onde o mestre dos noviços é, por disposição canônica, o guia espiritual dos noviços, e a formação específica, onde, no conjunto, a liberdade de escolha do guia espiritual já é praticamente exercitada em toda parte. O fato é que, nas outras fases, um grande número opta pelo diretor como a pessoa de referência para o acompanhamento espiritual (75% dos pré-noviços, 64% dos pós-noviços, 55% dos tirocinantes). Devemos perguntar-nos sobre a natureza e a qualidade do acompanhamento espiritual nesses casos. Pode acontecer, sem mais, que um jovem em formação, embora considerando o colóquio com o diretor e o acompanhamento espiritual como duas formas distintas escolha livremente o diretor para os dois serviços, o que é muito bom. No entanto, também poderia acontecer que um jovem em formação escolhesse o diretor como guia espiritual por outras razões. Nesse caso, existe o risco de que aquilo que é chamado de acompanhamento espiritual nunca ultrapasse realmente o limiar do foro externo, quer devido ao temor causado pela sobreposição dos papéis da autoridade e do serviço de acompanhamento, quer simplesmente porque o formando opta por não abrir seu coração.

Tenhamos presente, naturalmente, que os nossos jovens irmãos expressam grande apreço pelo crescimento espiritual, pelos genuínos valores salesianos e pelo acompanhamento de adultos significativos e dignos de confiança. Há o desejo genuíno de um frutuoso acompanhamento pessoal salesiano. Ao mesmo tempo, apontam com grande franqueza os elementos que se tornam obstáculos no seu caminho, que devemos enfrentar e remover com coragem, se o acompanhamento espiritual pessoal quiser ir além do foro externo e ser aquilo que é chamado a ser.

#### 4.4 OS PONTOS CRÍTICOS DA EXPERIÊNCIA DO PRÉ-NOVICIADO

**109.** O pré-noviciado é uma fase de importância crucial no que diz respeito à experiência do acompanhamento, uma vez que para 80% dos entrevistados a iniciação ao acompanhamento espiritual pessoal ocorreu precisamente durante essa fase. O modo de viver no pré-noviciado *influencia e determina, positiva ou negativamente, a experiência subsequente de acompanhamento.*



Se a pessoa responsável pelos pré-noviços ou aspirantes puder estabelecer as bases de um relacionamento de verdadeira confiança mútua, os jovens a ele confiados poderão aprender a ler os sinais da presença de Deus em suas vidas, ter a coragem de abrir as páginas de sua memória, iniciar o processo de cura das feridas, crescer na fé e entrar em processos de autêntico discernimento vocacional. Esse pode ser o maior dom que o pré-noviçado oferece e, dessa forma, o pré-noviço pode reviver pelo menos parcialmente o que João Bosco viveu em Morialdo durante os nove meses que passou com o Padre Calosso.

Mas se as dinâmicas forem diferentes e o responsável pelos pré-noviços não tem tempo, interesse ou o modo adequado de se relacionar que favoreça esse tipo de iniciação, cria-se um paradigma na mente do pré-noviço, que será a medida das sucessivas relações de acompanhamento. 144 dos 455 (31,54%) dos pré-noviços entrevistados afirmam estimar o guia, mas não têm total confiança nele, e não estão dispostos a confiar-lhe todos os seus segredos pessoais. 151 (33,18%) afirmam que o papel da autoridade comunica respeito e temor, mas não ajuda a ter confiança ou a se abrir (Bay 48-49).

**110.** Muito foi feito para potencializar o pré-noviçado. Em quase todas as inspetorias e circunscrições, temos agora pré-noviçados que duram pelo menos seis meses, se não um ano inteiro, o que já produziu frutos, se considerarmos a diminuição da taxa das saídas do noviciado nos últimos anos. No entanto, é necessário fazer muito mais com a consistência quantitativa e qualitativa das equipes de formação e garantir que os projetos e processos de formação se concentrem claramente no crescimento da fé, único em que pode ocorrer um verdadeiro discernimento vocacional. O Papa Francisco exprime-o expressamente: “O ponto fundamental é discernir e descobrir que aquilo que Jesus quer de cada jovem é, antes de tudo, a sua amizade. Este é o discernimento fundamental” (CV 250). O Papa insiste ao dizer que o crescimento na fé não pode ser reduzido à formação doutrinal e moral, por mais que seja necessária. Qualquer projeto formativo, qualquer itinerário de crescimento para os jovens deve ser centrado em dois eixos principais: o aprofundamento do *kerygma* e o crescimento no amor fraterno, na vida comunitária, no serviço (ver CV 213).<sup>9</sup>

<sup>9</sup> Ver também a seção inteira: “Grandes linhas de ação” (CV 209-215). A duas linhas são “a busca, a convocação, a chamada que atraiu novos jovens para a experiência do Senhor” e “o crescimento, o desenvolvimento dum percurso de maturação para quantos já fizeram essa experiência” (CV 209).



No interior da equipe, o responsável pelos pré-noviços tem um papel extremamente importante e delicado a desempenhar em termos de acompanhamento formativo e discernimento vocacional. Quando alguém é selecionado e preparado com atenção, é grande a diferença qualitativa na experiência do pré-noviçado.

**111.** Muito mais delicada é a questão da liberdade de escolha do guia espiritual nesta fase. Vimos que um grande número de pré-noviços pede a liberdade de poder escolher o guia (ver a seção 2.3.7 acima). Tentemos imaginar o que pode acontecer durante o “acompanhamento espiritual pessoal”, como continuamos a chamá-lo, quando um pré-noviço se aproxima de seu guia espiritual “por obrigação” com medo, trepidação, ansiedade, apreensão... Continuaremos sobre esse problema nas sessões seguintes. Sem a livre escolha do guia, a própria experiência de acompanhamento espiritual corre o risco de ser viciada. Por outro lado, é verdade que o responsável deve ajudar os pré-noviços a chegarem a uma clara opção vocacional. Espera-se que a reflexão sobre a dinâmica da graça e da liberdade (ver a seção 4.6 a seguir) possa esclarecer esse tema.

**112.** Há também a área do acompanhamento e revisão psicológica no pré-noviçado.

Antes ou durante o pré-noviçado é necessário que haja exame médico e exame psicológico, que verifique a existência da base humana e os requisitos de idoneidade exigidos por “Critérios e normas” para poder iniciar o itinerário formativo salesiano, respeitando-se, entretanto quanto se dispõe no cânon 220. Os resultados do controle médico e do exame psicológico podem ser comunicados pelo médico e pelo psicólogo ao Diretor do pré-noviçado e ao Inspetor, se antes do controle médico e do exame psicológico o pré-noviço tiver dado o seu consentimento por escrito, “na perspectiva do discernimento e no espírito da colaboração necessária com os responsáveis do processo formativo” (CN 36). Tal consentimento deve ser “prévio, explícito, informado e livre” (FSDB 352).

Deve-se dar uma adequada atenção a esse aspecto, em que leigos com competência profissional nas ciências humanas podem ser de grande ajuda, assim como as instituições da Igreja local que oferecem esses serviços. Essa pode ser uma maneira de praticar o que o Sínodo diz sobre os jovens em relação à inclusão de leigos, principalmente mulheres e casais, nos processos de formação (DF 163-164).



## 4.5 A QUALIDADE DA PASTORAL JUVENIL DETERMINA OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO

### *O acompanhamento pessoal ainda é uma exceção em nossa Pastoral Juvenil*

**113.** 80% dos entrevistados dizem que foram iniciados no acompanhamento espiritual pessoal apenas no pré-noviciado, um certo número (de um terço a mais da metade) afirma ter sido acompanhado de alguma forma já antes do pré-noviciado (ver 2.3.1 acima). Isso significa que um grande número (de dois terços a pouco menos da metade) não experimentou nenhuma forma de acompanhamento e ajuda para o discernimento vocacional antes do início do caminho vocacional explícito em vista da vida salesiana. Portanto, não podemos dar por certo que o acompanhamento pessoal seja sempre garantido em muitas de nossas presenças.<sup>10</sup>

### *E também nos nossos aspirantados*

**114.** Infelizmente, isso parece verdade também para muitos dos nossos aspirantados, que são, por definição, períodos de acompanhamento e discernimento vocacional. A maioria dos pré-noviços entrevistados vem de uma fase anterior de aspirantado que vivia em tempo integral numa casa salesiana, e, no entanto, nem todos podem falar sobre a experiência de acompanhamento espiritual como parte de seu aspirantado, simplesmente porque para eles não havia nenhuma. O fato de os próprios aspirantes não fazerem experiência de acompanhamento espiritual pessoal já é por si indicação de um estado de coisas sério e dramático.

Olhando juntos os sinais que extraímos da pesquisa e do estudo das estatísticas da Congregação sobre o que saem durante o noviciado, votos temporários e mesmo depois dos votos perpétuos, a conclusão resultante é muito clara: o discernimento e a orientação vocacional antes do pré-noviciado são extremamente importantes.<sup>11</sup> “O candidato só é admitido ao pré-noviciado quando tiver feito a opção pela vida salesiana e apresenta, segundo o juízo dos responsáveis, as correspondentes condições de idoneidade humana, cristã e salesiana” (FSDB 330). O cami-

<sup>10</sup> Giraudo é severo nesse ponto: “Entre os grandes diretores espirituais carismáticos da história da Igreja, pode-se dizer que Dom Bosco é aquele que, de modo mais explícito, se dedicou de preferência aos pré-adolescentes e elaborou um método para o seu acompanhamento espiritual, dando início a uma escola de formação espiritual para meninos que teve grande repercussão histórica, dentro e fora da obra salesiana. Hoje parece que os salesianos o tenham esquecido completamente” (Giraudo 198).

<sup>11</sup> Ver DF 163 sobre a necessidade de um sério discernimento no início do itinerário.



nho a seguir não deve ser apenas de maior rigor na seleção de candidatos; antes de tudo, é preciso um bom acompanhamento e ajuda para o discernimento.

### ***Acompanhamento e discernimento como parte integrante da Pastoral Juvenil***

**115.** Há anos a Congregação diz que acompanhar os jovens no “desenvolvimento da sua vocação” é parte integrante e “co-roamento de toda a nossa ação educativo-pastoral... sustentado pela oração e pelo contato pessoal, sobretudo na direção espiritual” (C 37). Todas as dimensões da Pastoral Juvenil convergem para a dimensão vocacional, “horizonte último da nossa pastoral” (QdR 152). “A dimensão vocacional configura o objetivo primeiro e último da Pastoral Juvenil Salesiana (QdR 152). No capítulo 7 sobre as atividades e as ações da Pastoral Juvenil Salesiana, o *Quadro Referencial* dedica uma seção a “experiências ou serviços de animação e orientação vocacional” como “Comunidades de Acolhida, Comunidades Proposta, Centros de Orientação Vocacional” (QdR 248-249).

**116.** Tudo isso ecoa no Sínodo sobre *Os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, que também fala de “pastoral juvenil vocacional”, para indicar que a animação vocacional é intrínseca e essencial à pastoral juvenil. Portanto, com o Sínodo, insistimos na necessidade urgente de oferecer um acompanhamento de qualidade pessoal a todos os jovens a quem somos enviados, e não apenas aos que desejam abraçar a vida salesiana (ver IL 1). Como observa Aldo Giraudo, o acompanhamento espiritual para a perfeição cristã é uma parte essencial e necessária da pedagogia salesiana (Giraudo 196). A base disso tudo está em crer no chamado universal à santidade, uma parte muito importante da praxe de Francisco de Sales e do próprio Dom Bosco.

O acompanhamento comunitário, de grupo e pessoal é o contexto adequado em que pode realmente ocorrer o discernimento vocacional. Uma cultura vocacional saudável incentiva o surgimento de vocações específicas na Igreja, como a vocação para a vida religiosa salesiana.

**117.** Com relação ao aspirantado, a carta conjunta dos Dicasterios para a Pastoral Juvenil e para a Formação descreveu assim: “O ambiente, as condições adequadas, o itinerário e o acompanhamento propostos ao jovem orientado para a vida consagrada salesiana constituem a experiência do aspirantado”. Sobre os aspirantes diz-se nela:



Iniciam a experiência do aspirantado os jovens que já trilharam um caminho de amadurecimento na fé e de orientação vocacional, ordinariamente no interior dos processos de Pastoral Juvenil, que favorecem o crescimento de vocações apostólicas para a Igreja e a Família Salesiana. Iniciam essa experiência também outros jovens atraídos pelo carisma de Dom Bosco, que não viveram numa comunidade educativo-pastoral salesiana. A todos esses candidatos, a Inspeção oferece um acompanhamento específico através de uma das diversas formas de aspirantado, que melhor correspondam às exigências da sua história pessoal e da sua situação.<sup>12</sup>

### ***A necessidade de continuar o caminho de renovação da Pastoral Juvenil***

**118.** *A qualidade da Pastoral Juvenil determina a qualidade da formação e vice-versa.* Somos convidados a continuar pelo caminho de renovação da Pastoral Juvenil, já iniciada vigorosamente pelo dicastério para a Pastoral Juvenil, para que a nossa pastoral possa realmente ser um processo de educação e evangelização, em que o acompanhamento pessoal e de grupo encontre o seu adequado e necessário *habitat*, para que todo jovem possa ser ajudado a descobrir o próprio caminho na vida e a sua vocação ao amor.

Por outro lado, se a experiência de acompanhamento pessoal durante as fases da formação inicial foi significativa e frutuosa, há uma boa probabilidade de o irmão continuar a buscar orientação nos anos seguintes e, por sua vez, esteja pronto para acompanhar os jovens a quem for enviado. Infelizmente, o oposto também é verdadeiro: se para alguns salesianos a experiência de acompanhamento foi “sofrida” ou simplesmente tolerada, é provável que não continuem a valer-se da ajuda de um acompanhante espiritual tão logo termine a formação inicial e nem estarão inclinados e dispostos a oferecer acompanhamento espiritual aos jovens.

Entre a Pastoral Juvenil e a formação há uma circularidade e uma interação muito mais profunda de quanto poderia parecer.

<sup>12</sup> Ver Carta de Attard e Cereda, prot. 11/0377 de 27 de julho 2011.



## 4.6 A DINÂMICA FUNDAMENTAL DE GRAÇA E LIBERDADE

### 4.6.1 A problemática sobreposição de papel da autoridade e do acompanhamento espiritual pessoal

**119.** Os nossos entrevistados deram muita atenção à sobreposição de acompanhamento espiritual pessoal e os papéis de autoridade, após o fato de como a nossa tradição foi codificada, de o diretor da casa também ser em geral o guia espiritual (R 78), proposto, não imposto (FSDB 233) (ver a seção 2.3.7 acima e também a anterior 2.3.6).

Esse duplo papel parece menos problemático em lugares onde os números são mais reduzidos, o clima de fraternidade é muito bom e não há barreira entre formandos e formadores. Por outro lado, é muito problemático onde os números são elevados, a formação tende a adaptar-se (ver a seção 4.11), e também há certa distância entre formandos e formadores. Nessas situações, a sobreposição de autoridade e acompanhamento leva facilmente ao medo e à adaptação às normas e formas de comportamento exigidas, sem convicção profunda, incluindo a obediência ao encontro regular para o colóquio / acompanhamento espiritual.

Portanto, três elementos estão envolvidos na sobreposição de acompanhamento espiritual pessoal e autoridade: (1) a tradição salesiana codificada em nosso direito próprio, (2) o modelo de formação que leva a adequar-se e (3) as personalidades dos formadores, em particular a do diretor ou responsável. Iniciemos, porém, com uma reflexão sobre graça e liberdade, que é o dinamismo fundamental de todo caminho espiritual.

### 4.6.2 Graça e liberdade

#### ***A liberdade é fundamental para o acompanhamento espiritual***

**120.** Deve-se afirmar claramente que a liberdade é fundamental para o acompanhamento espiritual. Isso é confirmado pelo mesmo São Francisco de Sales: a liberdade de espírito é um dos princípios básicos da sua espiritualidade. Francisco escreve em letras maiúsculas para Joana Francisca de Chantal: FAZE TUDO POR AMOR, NADA POR FORÇA. “No centro desta insistência salesiana, mais



na doçura do que na coação, está a convicção fundamental de que tudo deve ser feito por amor e não por obrigação, porque a vontade não pode ser forçada a mover-se numa direção que lhe seja oposta. A gentileza, se quisermos, corresponde à liberdade de espírito. A liberdade de espírito é uma das características da direção espiritual salesiana, reconhecida universalmente pelos comentaristas de S. Francisco” (McDonnell 78).

Francisco “não quer impor a própria vontade, prefere motivar a pessoa acompanhada, de modo que ela chegue a tomar as decisões necessárias. Aparece claro, então, o respeito à pessoa e à sua liberdade, assim como também o sentido da direção espiritual na prática de Francisco de Sales: ele não pretende dominar as almas ou as consciências, mas ajudar, motivar...” (Albuquerque 29).

**121.** A liberdade é, de fato, a única maneira de acessar a verdade da pessoa e dar espaço ao seu pleno envolvimento no caminho espiritual, para um crescimento que o envolve totalmente. Onde a liberdade é reduzida ou mesmo substituída por comportamentos apenas exteriores e formais, o acompanhamento é esvaziado do seu significado e peso a partir de dentro. Pode-se ser fiel e regular nos momentos de acompanhamento espiritual pessoal, mas eles permanecem como um campo vazio, sem nenhum tesouro escondido dentro dele.

Só o que é assumido livremente se torna convicção e atinge o nível de motivação, onde nasce e se desenvolve a “reta intenção”, que a Ratio indica como elemento fundamental de todo caminho da vida salesiana: “Sinal fundamental da maturidade exigida para a profissão perpétua é a reta intenção, isto é, a vontade clara e decidida de oferecer-se inteiramente a Deus, de pertencer a Ele e de servi-lo no próximo segundo a vocação salesiana” (FSDB 504).

O profundo respeito pela pessoa e a sua liberdade faz parte da “razão” ou “racionalidade” que é um dos pilares do Sistema Preventivo de Dom Bosco. Deveria ser pedagogicamente natural para nós favorecer o encontro entre os jovens e o Senhor, respeitando o caminho de cada um e encontrando-os “no ponto em que se acha a sua liberdade” (C 38).

### ***Graça e liberdade são o coração do acompanhamento***

**122.** A liberdade é fundamental, porque a dinâmica da graça e da liberdade é o coração do processo de acompanhamento. O



acompanhamento espiritual não é nada se não estiver em harmonia com o diálogo entre o Senhor e a liberdade deste jovem, chamado a responder.

O caminho espiritual de todo ser humano é o mistério do encontro contínuo entre duas liberdades: a de Deus e a da própria pessoa. A graça não só fala à liberdade, mas a fortalece e torna sempre mais completa. É a graça que torna possível a nossa resposta, porque é o amor que chama a amar. Entretanto, não pode existir amor sem liberdade, como também a maior graça não tira a nossa liberdade. Francisco de Sales diz: “Apesar da força onipotente da mão amorosa de Deus que toca, cobre e envolve a alma com tantas inspirações [...] a graça não tem o poder de dominar, mas de atrair o nosso coração” (OEA IV 126-127, in McDonnell 122). Deus onipotente, como Bento XVI gostava de dizer, é um mendicante diante do coração humano.<sup>13</sup> E o Papa Francisco coloca-o em chave de amizade: Jesus se apresenta como amigo (Jo 15, 15) e convida-nos à amizade com ele, com um convite que não nos obriga, mas se propõe delicadamente à nossa liberdade (ver CV 153). O formador salesiano e o guia espiritual não podem permitir-se agir diversamente.

### 4.6.3 Respeitar o dinamismo de graça e liberdade

#### *Começar da qualidade das nossas relações*

**123.** Diante da intensa insatisfação com o sistema atual e do forte desejo de escolher livremente o próprio guia espiritual, a nossa tentação poderia ser a de refugiar-nos na tradição ou culpar os nossos jovens formandos por não estarem dispostos a entregar-se com simplicidade ao irmão que lhes é indicado, proposto e não imposto pelos documentos oficiais.

A nossa reflexão sobre graça e liberdade esclarece o quanto surgiu do Sínodo sobre os jovens. Como diz Rossano Sala (secretário especial do Sínodo dos Bispos): “O primeiro fruto deste Sínodo, claramente visível no *Documento final*, é que os jovens não podem ser problematizados porque se afastaram da Igreja; em vez disso, a qualidade evangélica da Igreja como um todo deve ser examinada e relançada”.<sup>14</sup> Este exame e relançamento

<sup>13</sup> Bento XVI, *Mensagem de Sua Santidade Bento XVI para a Quaresma de 2007 (21 de novembro de 2006)*.

<sup>14</sup> Rossano Sala, “Invito alla lettura”, in XV Assembleia generale ordinaria del Sinodo



começa com a qualidade relacional dos seus membros, jovens incluídos.<sup>15</sup>

**124.** Todos nós, compreendidos os jovens salesianos, somos chamados a dar atenção à qualidade das nossas relações. O processo de formação é *recíproco*, por natureza. Os formandos não são objetos de formação, mas os sujeitos e protagonistas principais (ver CV 203, 206). “São ‘lugares teológicos’ onde o Senhor nos dá a conhecer algumas das suas expectativas e desafios para construir o futuro” (DF 64).

### ***Imitar o próprio Deus***

**125.** O que nossos jovens salesianos nos dizem através do seu clamor? O que o Senhor nos diz através daquilo que os nossos jovens salesianos dizem? Esta é a pergunta a que procurar responder.

Somos convidados a imitar o próprio Deus, que respeita a nossa liberdade e é infinitamente paciente conosco.

Somos convidados a uma formação que atinja e toque o coração e se torne transformadora.

Somos convidados a aprender a ouvir.

### ***Partir novamente de Dom Bosco***

**126.** Acima de tudo, somos chamados a retornar a Dom Bosco e redescobrir o método educativo de Dom Bosco com toda a sua autenticidade. Somos convidados a escutar o grito de Dom Bosco em sua carta de Roma de 1884. Nela, é-nos recordado intensamente que a confiança e a confiança só podem ser merecidas e conquistadas, não podem ser impostas por nenhuma regra.

Podemos dizer que o sistema preventivo é o nosso modelo de formação, e o seu tema-guia é o “Procura fazer-te amar”, que faz parte da cruz que recebemos na profissão perpétua.

---

dei vescovi, *I giovani, la fede e il discernimento vocazionale*, Documento finale (Torino, Elledici, 2018) 14.

<sup>15</sup> Ibid.



## ***Para uma formação que “toca o coração”***

**127.** Abrindo os olhos para o horizonte mais amplo da vida religiosa, vemos que a Igreja insistiu numa formação capaz de “encontrar a liberdade” dos jovens. Reconhecemos as sérias dificuldades que surgem quando a vida nas casas de formação “não toca o coração”:

Portanto, devemos nos questionar seriamente sobre o sistema de formação. Certamente, nos últimos anos, fizemos mudanças, também positivas e na direção certa. No entanto, isso foi feito de forma descontínua e sem alterar as estruturas essenciais e fundamentais da formação. Parece que apesar de todos os esforços e empenhos feitos na formação, não alcançamos o coração das pessoas e as transformamos realmente.

Tem-se a impressão de que a formação é mais informativa do que performativa. O resultado é a persistência de uma fragilidade das pessoas, tanto nas convicções existenciais quanto no caminho de fé. Isso leva a uma capacidade psicológica e espiritual mínima, com a conseqüente incapacidade de viver a missão com generosidade e coragem, no diálogo com a cultura e a inserção social e eclesial (VN 12).

É mais importante iniciar processos do que dominar espaços como nos diz o Papa Francisco:

A obsessão, porém, não é educativa; e também não é possível ter o controle de todas as situações onde um filho poderá chegar a encontrar-se. Vale aqui o princípio de que “o tempo é superior ao espaço” [EG 222]... A grande questão não é onde está fisicamente o filho, com quem está neste momento, mas onde se encontra em sentido existencial, onde está posicionado do ponto de vista das suas convicções, dos seus objetivos, dos seus desejos, do seu projeto de vida. Por isso, eis as perguntas que faço aos pais: Procuramos compreender ‘onde’ os filhos verdadeiramente estão no seu caminho? Sabemos onde está realmente a sua alma? E, sobretudo, queremos sabê-lo? (AL 261).

### ***Aprender a escutar***

**128.** A chave está na escuta. “Quando nos toca ajudar o outro a discernir o caminho da sua vida, a primeira coisa a fazer é escutar” (CV 291). Mas em que consiste essa escuta? Como podemos escutar juntos o Senhor? Vale a pena meditar sobre três “sensibilidades ou atenções”, distintas e complementares, que o Papa Francisco nos oferece em *Christus vivit*: (1) atenção



à pessoa, que exige uma escuta incondicional “sem ofender-me, sem escandalizar-me, sem irritar-me, sem cansar-me”, como fez Jesus com os discípulos de Emaús que caminhavam “na direção oposta àquela certa”; (2) atenção à *verdade profunda* que o outro quer exprimir, mediante um discernimento entre a graça e a tentação; (3) atenção aos *impulsos* para ir além do que o outro está experimentando, que, “às vezes, requer que a pessoa não olhe tanto para o que gosta, para os seus desejos superficiais, mas para o que mais agrada ao Senhor” (CV 294). O Papa acrescenta: “Esta escuta é atenção à intenção última, que é aquela que, em última análise, decide a vida, porque há Alguém como Jesus que entende e valoriza esta intenção última do coração” (CV 294).

Temos aqui um admirável entrelaçamento entre a pessoa, o acompanhante e o Senhor. Trata-se de ouvir o Senhor através da pessoa, para descobrir o que seria mais agradável ao Senhor, o dom que o faria sorrir (ver CV 287). Trata-se de um discernimento de amizade, que se torna ainda mais admirável quando percebemos que ele sempre tem *primereado*, “nos vencendo sempre” (ver CV 153), porque é ele quem primeiro pensa no dom que nos dará mais prazer e nos fará mais bem (ver CV 288-290).

A experiência de João Bosco com Cafasso, e de Domingos Sávio com Dom Bosco, são alguns dos Emaús salesianos das origens, cuja fecundidade é a prova do valor dessa abertura à presença de Deus. Nas respostas dadas pelos 538 guias espirituais, é significativo notar que entre as abordagens ou tipos de acompanhamento possíveis o que teve maior consenso foi este:

[*Uma forma de acompanhamento que*] não se concentra apenas na solução de um problema, mas visa iniciar ou fortalecer a vida espiritual de alguém. Nessa abordagem, não são propriamente os temas que focalizam o trabalho so acompanhamento, nem a segurança pessoal e as habilidades da pessoa como tal, mas, levando em consideração os problemas e a pessoa específica, o acompanhante se concentra mais no objetivo a que a pessoa é chamada, dá atenção à vocação à qual deve responder, observa o crescimento contínuo em Cristo (Bay 386).

### ***Aprender a responder***

**129.** Isso tudo também envolve naturalmente grande responsabilidade daqueles que estão na fase inicial de formação. Mesmo que houvesse os melhores formadores e guias à sua disposição, sempre pode acontecer que seja o jovem em formação a decidir não abrir seu coração e negar-lhes total confiança. Como



diz *O dom da vocação presbiteral*: “Durante o processo formativo requer-se que o seminarista se conheça a si mesmo e se deixe conhecer, relacionando-se de modo sincero e transparente com os seus formadores”.<sup>16</sup>

Sem o envolvimento completo e total da própria liberdade não há resposta ao chamado; o itinerário vocacional nem sequer é iniciado.

Longe de ser uma maneira de tornar o processo mais fácil, o reconhecimento pleno do peso da liberdade no diálogo com a graça torna muito exigente o caminho de crescimento de quem quer viver sinceramente como discípulo.

Se um candidato não está pronto para se comprometer plenamente com o caminho vocacional e ter confiança naqueles que lhe foram dados como mediações para o processo de discernimento e crescimento vocacional, significa que ele escolheu livremente não seguir esse caminho e, quanto antes o perceber, é melhor.

### ***Formadores para os jovens salesianos de hoje***

**130.** As palavras dos jovens no encontro pré-sinodal sintetizam bem o perfil do formador necessário para os jovens de hoje.

Os guias não deveriam levar os jovens a serem seguidores passivos, mas sim a caminhar ao seu lado, deixando-os ser os protagonistas do seu próprio caminho. Deveriam respeitar a liberdade do processo de discernimento de um jovem, fornecendo-lhe os instrumentos para realizar adequadamente este processo.

Um guia deveria confiar sinceramente na capacidade que tem cada jovem de participar na vida da Igreja. Por isso, um guia deveria cultivar as sementes da fé nos jovens, sem pressa de ver os frutos do trabalho que vem do Espírito Santo (CV 246, citando o *Documento da Reunião pré-sinodal*).

## **4.7 O DIRETOR, O ACOMPANHANTE ESPIRITUAL E O CONFESSOR: TRÊS FIGURAS-CHAVE**

**131.** Como dissemos (ver a seção 3.2.3 acima), encontramos em nossa tradição três figuras-chave no campo do acompanha-

<sup>16</sup> Congregação para o Clero, *O dom da vocação presbiteral: Ratio Fundamental Institutionis Sacerdotalis* (Roma, 2016) 45.



mento pessoal: o diretor da comunidade, o guia espiritual e o confessor.

A pesquisa mostra que esses três papéis são centrais para o desenvolvimento da experiência salesiana na formação inicial e mesmo depois dela, como mostram as respostas dadas pelos guias. Há, contudo, grandes variações na maneira como essas três presenças são percebidas e avaliadas, segundo a idade, a fase formativa e a região.

**132.** Um elemento comum é o grande valor dado à atmosfera fraterna da comunidade, à proximidade entre os irmãos mais velhos e os mais jovens, tanto quando surge como algo já existente, muito apreciado ou, mais frequentemente, como algo fortemente desejado (ver as respostas abertas em todas as etapas). Esse tipo de “acompanhamento comunitário” está intimamente ligado ao papel de animação do diretor. Não se deve esquecer que o colóquio fraterno com o diretor é um instrumento importante para o bom funcionamento e a qualidade de vida da comunidade. Quando vivido adequadamente, não serve apenas de ajuda para o irmão, mas também para toda a comunidade, fortalecendo a comunhão de intenções e favorecendo uma atenção personalizada às necessidades e ritmos de cada um de seus componentes.

**133.** É claro que o diretor tem a primeira e a última responsabilidade da formação na comunidade, mas isso não significa que ele seja o único responsável. Ele é o garante de todo o processo formativo e da sua coerência carismática salesiana. Acompanha espiritualmente a comunidade de várias maneiras e cada irmão através do colóquio e das intervenções informais. Faz o possível para que o colóquio conserve todo o seu valor como um momento importante e insubstituível de acompanhamento formativo, e como um meio extremamente útil para a construção da comunidade. É muito importante que ele garanta uma verdadeira liberdade de escolha em relação ao acompanhamento espiritual pessoal, ao mesmo tempo em que permanece aberto e disponível para aqueles que desejam escolhê-lo livremente como seu guia espiritual. Ajuda, na medida do possível, o jovem irmão em formação inicial a fazer uma síntese com a fase anterior e preparar-se para a sucessiva. Também garante que os irmãos em formação inicial sejam realmente envolvidos no processo de elaboração ou revisão do projeto formativo da comunidade.

**134.** O confessor oferece o ministério do acompanhamento sacramental, que entra na esfera da consciência. Parece que um número significativo de jovens em formação opta por combinar o



sacramento da Reconciliação com o acompanhamento espiritual. Nesse caso, o confessor deve garantir, com delicadeza, que a relação de acompanhamento espiritual não se reduza a mera formalidade. Em todo caso, uma abordagem que ajuda nesse sentido é distinguir os dois momentos de confissão sacramental e de acompanhamento espiritual pessoal, mesmo quando ocorressem com a mesma pessoa durante o mesmo encontro.

O apreço pelo sacramento da Reconciliação, expresso de vários modos pela pesquisa, é um convite e um desafio. O quanto estamos dispostos a investir na preparação e qualificação dos irmãos para esse ministério? As opções feitas por aqueles a quem é confiada o serviço de autoridade são uma indicação clara da hierarquia de valores que se segue. Se o papel de confessor se torna sinônimo de alguém que “não pode fazer outra coisa”, que tipo de mensagem estamos dando aos nossos irmãos?

**135.** Tanto para o guia espiritual quanto para o confessor, a *Ratio* expressa o forte desejo de que seja um salesiano: “Se um irmão pedir um confessor ou diretor espiritual especial, o superior lhe conceda lembrando, porém, que é da maior conveniência, no tempo da formação inicial, ser salesiano e estável” (FSDB 292). De qualquer forma, o diretor e a equipe dos formadores devem garantir e assegurar a liberdade de escolha, e, sobretudo, imitar o exemplo de Dom Bosco que conquistara a plena confiança dos jovens e dos seus irmãos. No interior dessa relação de confiança recíproca, com respeito e gentileza encontrarão o modo de esclarecer as opções a serem feitas.

**136.** Claramente, é necessário ter uma visão e objetivos compartilhados entre as três figuras do diretor, do acompanhante espiritual e do confessor, e é o diretor quem tem a responsabilidade primária dessa sintonia. Ele a exerce envolvendo, na medida do possível, durante as reuniões da equipe, também quem presta o seu serviço nos outros dois papéis. Os documentos da Igreja atribuem a maior importância a essa unidade.<sup>17</sup>

## 4.8 CONTINUIDADE NO ACOMPANHAMENTO

**137.** O problema da fragmentação do acompanhamento espiritual surgiu em graus variados em nossa pesquisa. Pode ser sin-

<sup>17</sup> Ver, por exemplo: *Optatam totius* 5; *Potissimum institutioni* 32; *Pastores dabo vobis* 66; *Diretrizes sobre a preparação dos educadores nos Seminários* (1993) 29-32; *O dom da vocação presbital*, Introdução da seção 3.



tetizado no fato de um irmão, durante a formação inicial, mudar repetidamente os guias espirituais que o acompanham.

O ideal é ter apenas um guia espiritual ao longo de todas as fases da formação inicial? Não faz parte também do processo de crescimento e maturidade aprender a administrar o desapego e migrar para novas estações e pessoas às quais fazer referência? Isso vale para o acompanhamento espiritual como para outros âmbitos da vida, tanto da parte de quem é acompanhado, como também da parte do próprio guia, que deve estar atento contra a tentação da possessividade.

**138.** Dada essa premissa, ainda é importante garantir a continuidade do acompanhamento formativo. Papel-chave pode ser exercido aqui pelo inspetor, com sua solicitude paterna, e pelo delegado inspetorial para a formação, mediante reuniões e visitas periódicas às casas de formação inicial, mas sobretudo às casas com tirocinantes e irmãos no quinquênio. As reuniões de formadores de várias etapas também são úteis nesse sentido, para garantir uma visão e estilos de formação comuns e, também, a comunicação contínua entre as comunidades e as equipes, ao mesmo tempo em que preservam a discrição e a confidencialidade sobre situações pessoais. Naturalmente, favorece a disposição do salesiano em formação a se abrir com transparência com o guia, apesar das mudanças que acompanham as fases da formação.

**139.** Atenção especial, como já dissemos, deve ser dada às fases do tirocínio e do quinquênio, não por último, com a sábia escolha de comunidades capazes de oferecer um bom nível de acompanhamento. Essa é a responsabilidade direta do inspetor.

Cabe também ao inspetor selecionar, preparar e propor um certo número de irmãos como guias espirituais para a comunidade inspetorial. Também seria adequado propor aos irmãos na formação inicial alguns critérios para a escolha dos guias espirituais: a possibilidade de uma reunião mensal (o que significa que o guia deve estar próximo o suficiente, para permitir a possibilidade de encontros suficientemente frequentes); conhecimento, pelo guia, do carisma salesiano e das características formativas das diversas etapas da formação; a possibilidade de o guia participar pelo menos de algumas reuniões da equipe de formação.



## 4.9 O PAPEL DA COMUNIDADE E DA MISSÃO

**140.** Missão e comunidade são elementos constitutivos da identidade consagrada salesiana e emergem como temas importantes na pesquisa. A relação de acompanhamento espiritual é, pois, intensamente marcada pela missão e pela vida da comunidade.

### ***Acompanhamento espiritual e comunidade***

**141.** Há uma *relação recíproca entre acompanhamento espiritual e comunidade*. Tenhamos presente que entendemos por comunidade não só a comunidade religiosa salesiana, mas também a comunidade educativo-pastoral (CEP). Isso é particularmente significativo na fase do tirocínio.

Um bom itinerário de formação ajuda a viver sempre mais abertos aos outros e mais disponíveis ao dom de si no serviço.

É igualmente verdade que *o ambiente da comunidade tem grande impacto no caminho de cada membro* e em sua abertura e capacidade de tirar o melhor proveito do acompanhamento espiritual. O próprio ambiente físico é educativo: “O oratório de Dom Bosco, critério permanente” (C 40) deve também ser uma fonte de inspiração para a arquitetura e o mobiliário, para o cuidado dos espaços comunitários. A prática do discernimento comunitário (C 66) torna-se escola para formar comunidades sempre mais capazes de discernir. A atmosfera da comunidade religiosa cria confiança e familiaridade, características de todas as relações humanas que a constituem, incluindo a do acompanhamento pessoal. O oposto também é verdadeiro, como pode ser visto sobretudo nas respostas abertas de algumas regiões. Além disso, em todas as áreas linguísticas, como vimos, os jovens em formação pedem que seus formadores vivam próximos, compartilhando sua vida em momentos informais, construindo relacionamentos de amizade e confiança. O acompanhamento comunitário e o acompanhamento pessoal estão dialeticamente relacionados, de modo que, se um sofre, o outro também se recente. É interessante notar que o Sínodo de 2018 teve o cuidado de destacar esse ponto de vista tipicamente salesiano (DF 95-97), como já vimos acima quando foi discutida a originalidade da praxe de Dom Bosco (ver seção 3.4.).

### ***A “cultura da Inspetoria”***

**142.** Devemos deter-nos também na relação que corre entre formação inicial e “cultura da Inspetoria”.



O que se passa com os irmãos numa casa de formação, mesmo quando vivem em comunidades interinspetoriais fora e distantes do território de sua Inspetoria, não é indiferente à vida da mesma. A qualidade da sua experiência formativa e o modo como são acompanhados determinarão a qualidade de vida e a missão da Inspetoria.

O oposto é ainda mais verdadeiro: a cultura da Inspetoria tem uma influência decisiva nos processos de formação. O estilo de vida dos irmãos da Inspetoria como um todo tem inevitavelmente um impacto positivo ou negativo sobre aqueles que estão em formação inicial e olham para os que estão à frente no caminho como exemplo e inspiração.

Consequência imediata é que as “questões da formação”, como o acompanhamento, não podem ser limitadas ou reservadas às comunidades de formação inicial. Se isso acontecer, já é um sinal de que algo não vai bem naquele ambiente de formação, que é a cultura da Inspetoria, entre todos o mais extenso e mais influente.

### ***O grupo de colegas***

**143.** Como pastor e educador de jovens (C 98), o salesiano é chamado a valorizar o grande potencial da experiência de grupo na formação dos jovens. Esse princípio pedagógico geral também é válido no contexto da formação inicial. A experiência de grupo nas fases iniciais da formação tem um grande impacto no itinerário vocacional de candidatos e de irmãos.

Isso também vale em relação ao acompanhamento salesiano pessoal. Os colegas podem incentivar ou desencorajar, de uma maneira que geralmente é mais influente do que a oferecida pelos formadores. Esse é outro elemento crucial no acompanhamento da comunidade e na atmosfera criada na comunidade.

Além disso, não podemos esquecer que no mundo digital de hoje, amigos virtuais nas redes sociais podem ser ainda mais influentes do que companheiros e colegas da comunidade.

Em algumas casas de formação, a interação de pequenos grupos se torna uma forma de acompanhamento espiritual. O grupo cria um ambiente acolhedor e tranquilizante, onde se pode compartilhar o próprio itinerário de fé e os valores fundamentais da vida, para o enriquecimento recíproco de todos. Por sua vez, essa experiência em grupo facilita outras formas de acompanhamento, como o caminho feito com um guia espiritual pessoal.



## ***A questão das grandes comunidades de formação***

**144.** Deve-se dar atenção à situação das grandes comunidades de formação. Mesmo quando essas comunidades **são caracterizadas por um clima** pacífico em seu conjunto, estamos sempre mais convencidos de que a qualidade da interação e do acompanhamento formativo tende a ser muito melhor em comunidades menores. A possível divisão de grandes comunidades naturalmente envolve maiores investimentos em termos de formação do pessoal, e isso nem sempre é fácil. Até certo ponto, no entanto, processos de grupo de vários tipos (grupos de ano de estudo, grupos transversais em relação aos anos de estudo etc.) podem compensar e atenuar as dificuldades encontradas por comunidades excessivamente grandes.

109

### ***Missão e acompanhamento espiritual***

**145.** A atmosfera da comunidade e o envolvimento na missão apostólica são extremamente importantes para o crescimento em aspectos da nossa vida que são *tipicamente salesianos*. Essa é uma área sempre válida de interesse para o caminho do acompanhamento espiritual salesiano, uma vez que o nosso objetivo é crescer como discípulos de Cristo *no caminho traçado por Dom Bosco*. Já vimos que devemos dar mais atenção a essa dimensão, principalmente nas fases de formação após o noviciado (ver seção 4.2 acima).

Além do colóquio pessoal com o diretor e da possibilidade de aproximar-se do sacramento da Reconciliação, a comunidade também oferece outras formas de acompanhamento, como o acompanhamento das experiências apostólicas, o trabalho intelectual na vertente acadêmica e a ajuda que se recebe de especialistas na vertente psicológica.

Sem dúvida, já nas fases de formação inicial precisamos de uma iniciação à participação do espírito e da missão salesiana com os leigos e o envolvimento dos jovens em formação no interior de uma CEP em que os irmãos façam parte do núcleo animador juntamente com os leigos que participam da nossa mesma missão. Os apostolados de fim de semana e aqueles nas férias podem ser extremamente frutuosos quando acompanhados de modo adequado, ou seja, se os formadores forem capazes de ajudar os jovens salesianos a fazer “experiência dos valores da vocação salesiana” (C 98). Formadores e guias estarão particularmente atentos para ajudar os que estão em formação a aprender a encontrar Deus através daqueles a quem são enviados (C 95)



e a discernir a voz do Espírito em todas as experiências, fazendo o melhor uso formativo de cada situação (C 119). Seu serviço de formação seria ainda mais eficaz se pudessem participar de alguma maneira das experiências apostólicas em que os jovens em formação estão envolvidos. Obviamente, o acompanhamento pastoral e espiritual é uma contribuição formativa indispensável para a experiência do tirocínio: sem ela, essa fase formativa corre o risco de ser simplesmente reduzida a uma carga de trabalho a realizar.

### **O estilo de colaboração no acompanhamento salesiano**

**146.** O ambiente formativo saudável e sereno, de estilo familiar, é essencial para o acompanhamento espiritual na vida salesiana. A colaboração e o trabalho em equipe são *conditio sine qua non* para a criação desse ambiente. O processo de formação não deveria e não pode ser efeito do esforço heroico de um indivíduo particularmente talentoso, mas fruto de um trabalho em equipe eficaz. Em um mundo onde o individualismo é tão forte, nossos jovens salesianos precisam saber que trabalhar em conjunto é possível e belo. Eles precisam ver seus irmãos mais adultos vivendo e trabalhando juntos.

Uma das tarefas essenciais é, pois, formar equipes de formação coesas e harmoniosas. Obviamente, não basta escolher um grupo de indivíduos individualmente talentosos e qualificados. Eles devem ser capazes de sintonizar-se e formar juntos uma boa equipe, capazes de melhorar a atmosfera da comunidade e promover uma interação significativa, tanto quanto possível em todos os níveis. A seleção dos formadores e a preparação de equipes de formação capazes de boa coesão é uma tarefa de governo, em nível inspetorial e interinspetorial, de vital importância para a formação.

**147.** O espírito de família é condição fundamental para um bom itinerário vocacional, e é absolutamente a primeira coisa a dar atenção na comunidade. “Dom Bosco queria que em seus ambientes cada qual se sentisse ‘em casa’. A casa salesiana torna-se uma família quando o afeto é correspondido e todos, irmãos e jovens, se sentem acolhidos e responsáveis pelo bem comum. Em clima de confiança mútua e perdão cotidiano, experimenta-se a necessidade e a alegria de tudo compartilhar, e as relações se regem não tanto pelo recurso às leis quanto pelo movimento do coração e da fé. Esse testemunho desperta nos jovens o desejo de conhecer e seguir a vocação salesiana” (C 16).



O diálogo de acompanhamento espiritual pessoal salesiano pressupõe e baseia-se em relações enraizadas no contexto da comunidade. A comunidade inteira e as estruturas de formação oferecem, nesse sentido, um importante acompanhamento informal, complementar e de apoio nos momentos mais formais.

**148.** Se todos os membros da comunidade são responsáveis pelo espírito de família, o diretor é ainda mais responsável pelo papel principal que desempenha na criação de condições para uma experiência positiva de comunidade e no favorecimento de processos de crescimento pessoal (ver Bay 404). Ele sabe da importância do colóquio fraterno, cujo objetivo é o bem do irmão e também o bom funcionamento da comunidade (C 70), e está disponível para isso. Assegura que os irmãos, especialmente aqueles em formação inicial, desfrutam de verdadeira liberdade ao escolher o seu guia espiritual.

**149.** Um bom *vice-diretor* é igualmente valioso em uma comunidade de formação, especialmente se souber apoiar o diretor e encarregar-se dos assuntos de disciplina e organização, liberando o diretor de tais funções para exercer melhor o seu papel de pai, animador e guardião do espírito de família.

**150.** Tanto diretor quanto os demais membros da equipe de formação estão cientes da importância da unidade e coesão da própria equipe e fazem todo o possível para promovê-la. A ausência de unidade interna é suficiente para comprometer todos os outros esforços em favor da formação.

Da importância da equipe segue também o fato de nunca haver em uma comunidade de formação “simples professores”: todo professor também é sempre um formador, devido ao impacto que, de alguma forma, tem na comunidade e, em particular, nos mais jovens. Quem quer que fosse exclusivamente professor e não formador já seria, por esse motivo, desclassificado tanto para a primeira como para a segunda tarefa.

**151.** O diretor e a equipe reconhecem a importância da família de origem dos irmãos. Quanto mais conseguirmos caminhar juntos com a família, tanto mais os itinerários de crescimento, humanos e na fé, adquirem valor e força.



## 4.10 RESPEITAR A CONFIDENCIALIDADE E CRIAR CONFIANÇA

### *Acompanhamento espiritual*

**152.** Na relação de acompanhamento espiritual, é importante criar um espaço onde se possa sentir sempre acolhido e respeitado, para estar à vontade, também no compartilhamento de sentimentos profundos. Manter a confidencialidade é a melhor maneira de garantir um ambiente que ofereça este nível de respeito e a sensação de segurança. “A confidencialidade é um dom que ainda podemos oferecer às pessoas, em um mundo onde restaram tão poucos segredos”.<sup>18</sup>

Sem confiança, não é possível entrar em contato com a verdade da pessoa. A natureza do acompanhamento espiritual é justamente entrar em contato com a verdade interior da pessoa, para ajudar a conhecer-se com sinceridade, com a finalidade de ser aos poucos aquele filho/a que Deus quer que sejamos.<sup>19</sup>

A pesquisa sobre o acompanhamento dá-nos uma clara indicação de que, da parte dos que são acompanhados, a *liberdade* é indispensável para que o acompanhamento seja um caminho na verdade. Da parte dos que oferecem o serviço de guias espirituais, a *confiança* é a condição indispensável.

**153.** Em nosso sistema educativo, acompanhamento não é equivalente a entregar-se a um mestre espiritual em um mosteiro ou santuário. É a casa da formação que serve de bom terreno, no qual se estabelece o clima de confiança, respeito e comprometimento, que se torna o *humus* para que as pessoas possam crescer, florescer e dar frutos.

Os resultados da pesquisa dão a impressão de que muito do que é proposto por várias casas de formação é aceito no nível de adequação comportamental, porque é isso que se pede. O

<sup>18</sup> Richard Gula, *Ethics in Pastoral Ministry* (Mahwah NJ, Paulist Press, 1996) 117.

<sup>19</sup> O discernimento pode ser definido como a arte pela qual o homem entende a palavra que lhe foi dirigida, e nessa mesma palavra reconhece o modo como deve caminhar para responder à Palavra. A atitude de discernimento é, portanto, uma visão progressiva de si mesmo e da história com os olhos de Deus, uma visão de como Deus realiza sua obra em nós e nos outros, e como podemos nos dispor a essa sua ação, a fim de nos envolver intimamente no mistério pascal de Jesus Cristo, deixando sempre mais a Cristo a posse de nós mesmos ‘até que todos cheguemos à plena maturidade’ (Ef 4:13), ‘completando em nós mesmos o que falta à sua paixão em favor do seu corpo que é a Igreja’ (Cl 1,24). Ver Marko Ivan Rupnik, *Discernimento* (Roma, Ed. Lipa, 2004).



quanto seja verdadeira convicção pessoal não é fácil de se dizer. A partir das respostas abertas, especialmente de tirocinantes e estudantes de teologia, vemos a tendência de espiritualizar as coisas, tanto da parte dos formadores quanto de quem está em formação, dando uma espécie de prioridade oficial a coisas espirituais em relação a outros elementos do conjunto do caminho e do programa. As avaliações periódicas são baseadas no que é visível externamente (por exemplo, a presença na meditação). Mas o conteúdo e o impacto dessas práticas só podem ser elaborados num acompanhamento pessoal caracterizado pela liberdade e a confiança.

**154.** Na literatura salesiana clássica, há um texto de força incomparável quando se trata de questões como liberdade e confiança, confiança e abertura: a carta de Roma de 1884. Meditar sobre ela à luz dos resultados da nossa pesquisa pode seja muito esclarecedor.

A carta é a expressão madura da experiência pedagógica e espiritual de Dom Bosco, com uma perspectiva que agora abrange um horizonte mundial. Dom Bosco sabe que está entregando sua herança e seu testamento, sua maneira de ser pai e mestre de jovens. É o mesmo tipo de abordagem que ele havia seguido dez anos antes, quando escreveu as Memórias do Oratório, numa época em que as Constituições da recém-criada Congregação haviam sido finalmente aprovadas e a primeira expedição missionária estava prestes a partir. Ele acredita que retornar ao espírito das origens é a melhor maneira de avançar no futuro. O recente Sínodo sobre a juventude e as diretrizes dirigidas a toda a Igreja mostram com foram proféticas as intuições contidas nessa carta escrita em maio de 1884 e entregue a cada salesiano junto com as Constituições, no dia de sua primeira profissão.

O Papa Francisco fala da mesma “sólida e afetuosa confiança” em relação à vida familiar: “uma família, onde reina uma confiança sólida, carinhosa e, suceda o que suceder, sempre se volta a confiar, permite o florescimento da verdadeira identidade dos seus membros, fazendo com que se rejeite espontaneamente o engano, a falsidade e a mentira” (AL 115). “A formação moral deveria realizar-se sempre com métodos ativos e com um diálogo educativo que integre a sensibilidade e a linguagem própria dos filhos. Além disso, esta formação deve ser realizada de forma indutiva, de modo que o filho possa chegar a descobrir por si mesmo a importância de determinados valores, princípios e normas, em vez de lhes impor como verdades indiscutíveis” (AL 264).



## O colóquio com o diretor

**155.** O colóquio fraterno com o diretor é, em si, protegido por um altíssimo nível de discrição em todos os documentos da Igreja e da Congregação, em linha com o que se pede hoje para muitas profissões de ajuda, como o *counseling*. Baste citar a *Ratio*: “O acompanhamento formativo em seus diversos níveis exige dos que prestam tal serviço... ater-se aos critérios de prudência e de justiça que, segundo os casos, requerem discrição ou absoluto respeito ao segredo profissional e ao segredo sacramental” (FSDB 264). Como disse o Padre Paulo Albera, há uma correlação tão estreita entre discrição e confiança, que apenas um leve relaxamento na primeira causa a perda quase completa e imediata da segunda.<sup>20</sup>

Mesmo as coisas externas, se comunicadas ao diretor durante os colóquios, como por exemplo questões de saúde ou dificuldades pessoais, são consideradas confidenciais, porque cada um tem direito ao próprio bom nome e à sua privacidade. Deixam de ser questões reservadas se o diretor, em seguida, vem a saber no foro externo; contudo, seria oportuno que o diretor comunicasse antes ao irmão interessado que um determinado fato agora é conhecido também por outros, em nível externo.

Ainda, como um dos objetivos do colóquio é o bom funcionamento da comunidade, o diretor sempre tem a possibilidade, com a permissão do irmão, de intervir com base nas informações recebidas.

No entanto, a confidencialidade relativa ao colóquio, como também o encontro com o guia espiritual, não é absoluta, como é o sigilo do sacramento da Reconciliação. De fato, existem circunstâncias graves que podem suspender o dever de confidencialidade, como casos de abuso de menores, homicídio ou suicídio.

<sup>20</sup> “O colóquio é defendido, por sua natureza, por um segredo rigoroso: ‘o diretor abstenha-se atentamente de manifestar a uns os defeitos dos outros, mesmo quando se trata de coisas que ele conhece através de outros meios. Dê, a seus subalternos, prova de que é capaz de guardar segredo a respeito de tudo que os irmãos lhe vêm confiar. Uma pequena indiscrição nesta matéria bastaria para diminuir e talvez destruir inteiramente a confiança que eles, nele, tinham depositado’ (do Manual do Diretor, do Padre Paulo Albera, n. 131). Por razões inerentes ao seu ofício, o diretor pode ser interrogado pelo inspetor a respeito deste ou daquele irmão. Nesse caso o diretor dará as informações com objetividade e grande sentido de responsabilidade. Mas a fonte dessas informações será exclusivamente a conduta externa do irmão interessado e tudo quanto, a respeito dele, outros tenham referido. As confidências do colóquio são tuteladas por um segredo rigoroso: *nihil, nunquam, nulli (nada, nunca, sobre ninguém)*”. (*O Diretor Salesiano*, São Paulo, Editora Salesiana Dom Bosco, 1986) 264.



## Admissões

**156.** Quando se trata de admissões, feita exceção para os casos mencionados antes (n. 155) o princípio formulado pelo CG19 continua válido: “A obrigação do segredo acerca das coisas ouvidas nas contas de consciência é rigorosíssimo. Tratando-se de coisas íntimas, o Diretor é obrigado a não revelar nada, nem direta nem indiretamente, por nenhum motivo, nunca, menos ainda quando se tratar de admissões aos Votos ou às Ordens (GC19 – ACS 24, 114).

Na prática, isso significa que o diretor não pode nem compartilhar as informações ouvidas no colóquio com outros membros do seu Conselho, nem pode usá-las para tirar delas conclusões pessoais quando é o momento de tomar posição. Expressa o próprio juízo exclusivamente segundo as próprias observações e da do seu Conselho.

Se acontecer que, antes das admissões no Conselho local, o diretor acreditar que em consciência alguém não deveria professar ou receber as ordens sacras “tem-se grave obrigação de consciência de dizer com caridosa clareza e seriedade ao interessado que não pode, nem deve – também para o próprio bem – ir para frente” (ACS 281, 43).

Se, mesmo assim, o irmão apresenta o seu pedido, o diretor deve agir no Conselho como com todos os outros casos. Em outras palavras, não pode deixar-se influenciar pelo próprio juízo e pela sua prévia comunicação com o interessado.

## 4.11 RETORNAR AL SISTEMA PREVENTIVO

### *Os diversos modelos de formação*

**157.** Há certa uniformidade e afinidade na maneira como a formação é realizada no mundo todo, e isso deriva da nossa tradição compartilhada, dos esforços feitos para atuar a *Ratio* e da unidade que deriva da animação e do governo em nível mundial. Todavia, devemos admitir, e este é um dos resultados mais óbvios da nossa pesquisa, que também existem grandes diferenças.

Ao traçar as grandes linhas, poderíamos dizer que em algumas áreas a dinâmica da fraternidade é bastante visível e predominante, enquanto em outras persiste certa lacuna entre “superiores” e “sujeitos”, como se pode ver também em coisas relativamente



menores, como a maneira de organizar os lugares no refeitório. O termo “medo” frequentemente retorna em respostas de certas áreas, com uma conseqüente tendência à conformidade exterior (formalismo), em vez de uma verdadeira transformação de motivações, atitudes e convicções. Essas são também as áreas em que, a partir do conjunto das respostas, os jovens em formação pedem insistentemente uma distinção entre o diretor/responsável e o guia espiritual (ver acima 2.3.7), e onde a possibilidade de abrir livremente o coração e dar a confiança sem reservas recebe os valores mais baixos (ver acima 2.3.4); onde enfim a palavra “liberdade” recorre com mais insistência. Infelizmente, é sempre nessas áreas que os encontros pessoais não são muito regulares (ver acima 2.3.5), e onde o colóquio coincide para muitos com acompanhamento espiritual pessoal e se torna uma das práticas prescritas às quais se conformar.

Podemos falar, então, de diversos modelos predominantes ou operacionais de formação, mesmo quando todos teoricamente aderem ao modelo definido e proposto pela *Ratio*

### **O modelo da ‘conformidade exterior’ na formação e seus efeitos**

**158.** O modelo predominante de formação é um elemento-chave no processo de formação e na relação de acompanhamento pessoal; como já dissemos, por predominante entendemos não aquele que é definido como tal, mas que predomina na prática; o importante é que, de fato, é o modelo operacional em ato. De fato, é possível, como todos sabem, dizer uma coisa e fazer outra. É possível jurar lealdade ao sistema preventivo e, no entanto, na prática, caminhar numa direção muito diferente. Na realidade, pode-se seguir uma praxe, enquanto o sistema preventivo exige outra, e, também, pode-se não ter ciência da diferença. Não estar ciente também significa não ter uma linguagem capaz de captar e expressar propriamente o que se está fazendo, continuando a falar em termos de razão, religião e bondade. Isso desencadeia um processo de desvalorização, distorção, diluição, corrupção dessa linguagem e do conteúdo a que nos referimos com esses termos. É uma desvalorização que só pode ser circunscrita a alguns indivíduos. Mas também pode ocorrer em uma escala maior, até que as palavras sejam repetidas e amplificadas, mas o seu verdadeiro significado se foi, desapareceu. E esta é realmente uma situação difícil, quando não apenas alguns indivíduos, mas todo um grupo é afetado pela desvalorização e distorção da tradição carismática.



**159.** Se o modelo predominante de formação visa a *aquisição de um conjunto de comportamentos*, o resultado obtido após um número considerável de anos de formação inicial estará alinhado com o que foi buscado: adaptações comportamentais, com um conjunto de *hábitos* que se tornaram costumes, com a esperança subjacente de que, ao mesmo tempo, tenham sido desenvolvidas motivações interiores correspondentes. Se o modelo estabelecer objetivos de maior profundidade e visar a *aquisição de um conjunto de competências* necessárias para o ministério, o resultado será um grupo de pessoas qualificadas. Se o modelo visar a *transformação da pessoa*, ou seja, a sua transfiguração em Cristo seguindo o caminho traçado por Dom Bosco, o resultado será um grupo de pessoas que assumiram responsabilidade pessoal pelo seu crescimento e que, com toda esperança, continuarão a crescer em Cristo, tanto individualmente como em grupo.

Poderíamos falar de um modelo de formação de cima para baixo, de conformação formal, quando o objetivo é, na prática, a conformidade exterior. Esse tipo de modelo torna-se forte pela autoridade e pelas regras; tende a ser marcado pelo distanciamento entre os que detêm a autoridade e os que estão sujeitos à autoridade. Não é de admirar que fortes elementos de medo e ansiedade estejam presentes entre os formandos.

**160.** Mesmo no interior do modelo vertical de conformação, houve certamente pessoas que cresceram bem e até chegaram à santidade. No entanto, é muito improvável que hoje a simples adaptação comportamental exterior seja uma boa receita para a vida religiosa salesiana. Os ritmos da vida de hoje em nossas comunidades locais consomem rapidamente a fidelidade, quando ela está ancorada apenas em bons hábitos comportamentais. Apenas o que se tornou razão, convicção e motivação profunda é capaz de reger e sustentar a fidelidade, ajudando a encontrar um novo equilíbrio e integrar os desafios e as oportunidades que surgem constantemente. O ritmo de vida de hoje exige muita força interior e uma sólida vida espiritual, como também docilidade para poder discernir a voz do Espírito nos acontecimentos de todos os dias (C 119). Torna-se evidente a importância de um bom itinerário de acompanhamento espiritual pessoal. Trata-se, de fato, do principal meio pelo qual as expressões da nossa vida de oração podem ser verdadeiros itinerários de crescimento pessoal, que continuarão a nutrir-nos independentemente das situações externas que encontraremos. “Somos chamados a formar as consciências, não a pretender substituí-las” (AL 37).



## ***A importância da interioridade e da transformação do coração***

**161.** Um modelo de formação que permanece apenas no nível exterior é profundamente dissonante com a tradição salesiana (ver McDonnell 104-107). Francisco de Sales era cético em relação àqueles que focavam a atenção e a energia no aspecto exterior: “Quanto a mim, jamais fui capaz de aprovar o método de quem, para reformar alguém, começa a partir de fora, pela aparência, pela maneira de vestir, pelos cabelos. Ao contrário, eu sinto que é necessário iniciar a partir de dentro” (OEA III, in McDonnell 98). Ele estava convencido de que “aqueles que têm Jesus em seu coração, logo o terão em todas as suas manifestações exteriores” (OEA III, in McDonnell 98). A espiritualidade salesiana destaca a importância da interioridade: para Francisco, o coração é central. Um dos primeiros objetivos do acompanhamento espiritual salesiano é permitir que os jovens se reconectem com o centro de seu ser, com o próprio coração. Esta primazia do coração é a marca da autenticidade do humanismo cristão de São Francisco de Sales. O caminho espiritual é um caminho interior, um caminho em direção ao coração da pessoa, e o acompanhamento espiritual mira à transformação do coração, à configuração da pessoa a Cristo.

### ***Revisitando o que foi vivido na formação inicial***

**162.** Uma reflexão adicional sobre o modelo de formação é sugerida pelas observações feitas pelos 538 salesianos que oferecem o serviço de acompanhamento. No questionário, eles foram convidados a voltar à sua própria experiência de acompanhamento durante a formação inicial. É surpreendente que muitas das dificuldades destacadas pelos outros entrevistados (do pré-noviciado ao período do quinquênio) sejam semelhantes, também nas porcentagens encontradas em relação aos problemas enfrentados por esses irmãos quando eles mesmos estavam em formação inicial. Isso sugere que algumas tendências são de alguma forma constantes, ligadas às estruturas ou ao modelo de formação.

Se as experiências vividas durante a formação inicial são marcadas por graves limitações (por exemplo, a falta de respeito à discrição e a confidencialidade), é difícil e improvável que as gerações de salesianos que passaram por esses “filtros” tenham as melhores disposições no futuro e preparação para serem bons guias espirituais de seus irmãos mais novos. Exceções sempre são possíveis, como quando alguém é capaz de aprender com as



próprias experiências negativas, mas a tendência mais comum é reproduzir o que se vivenciou.

**163.** Portanto, tomar conhecimento do modelo operacional de formação que se está seguindo é importante e urgente. Trazer à luz o modelo operativo significa poder examiná-lo criticamente e decidir se é necessário alterá-lo.

Em nossa opinião, o modelo de conformação comportamental na formação está muito próximo do sistema repressivo e não pode estar de acordo com o espírito salesiano (ver Constituições, capítulo 2). Precisamos fazer uma avaliação honesta e retornar corajosamente ao sistema preventivo. A recomendação de Dom Bosco ao primeiro jovem diretor salesiano da Congregação, Miguel Rua – *procura fazer-te amar* – está inscrita na cruz que nos é dada no dia da profissão perpétua e pede intensamente que seja praticada, corroborada pela exegese inestimável que é a carta de Roma de 1884. Levá-la a sério pelos diretores, formadores e guias espirituais, mas também por cada salesiano chamado ao serviço de acompanhamento em suas diversas formas, certamente envolverá um caminho de purificação e ascese, que acolhemos como nosso modo cotidiano de abraçar a cruz e colocar-nos na de Cristo.

## 4.12 APRENDER DA EXPERIÊNCIA

**164.** O artigo 98 das nossas Constituições oferece-nos uma metodologia fundamental para a formação: o salesiano “faz experiência dos valores da vocação salesiana”. Este é outro modo de exprimir a centralidade do coração ou da interioridade na tradição de Francisco de Sales.

Aprender da experiência não significa simplesmente acumular experiências. É uma questão de “entrar” nessas experiências e refletir sobre elas em espírito de oração, para discernir nelas a voz do Espírito (C 119). É a principal habilidade, por assim dizer, que faz com que a formação seja permanente. Quando vivemos dessa maneira, realmente vivemos em uma atitude permanente de discernimento (ACG 425 29-31).

**165.** Não é suficiente, então, manter nossos jovens em formação constantemente ocupados, com mil coisas a fazer. O acompanhamento consiste em ajudá-los a focar sua atenção no que está acontecendo no seu interior, no profundo do coração, enquanto vivem as várias experiências, para reconhecer a voz



do Espírito em todas as situações. Tal acompanhamento pode ocorrer na comunidade e também deve ocorrer em pequenos grupos quando a comunidade é grande. Deveria ser o coração e a essência do acompanhamento espiritual. E podemos aprender com a experiência em todos os níveis, porque “há experiência” em todos os lugares: nos relacionamentos, na vida comunitária, no trabalho pastoral, nos trabalhos intelectuais, nas práticas de piedade, na vida de oração e assim por diante. Quando isso não acontece pode-se entender porque muitos dentre nós possam ter “passado através” de algumas práticas de piedade ao longo da sua formação inicial, sem realmente aprender a rezar.

É bom recordar aqui que a pedagogia da oração foi central na proposta educativa de Dom Bosco: “âmbito fundamental de acompanhamento é a formação à oração que, partindo do exercício da presença de Deus e das práticas de piedade, conduz à aquisição do espírito de oração, à união com Deus e ao estado de oração vivido no dia a dia” (Giraud 225).

## 4.13 ACOMPANHAMENTO ESPIRITUAL HOLÍSTICO

**166.** O caminho do verdadeiro crescimento vocacional está na interação harmoniosa de todas as dimensões que fazem parte da história de vida única e não repetível de cada pessoa. Quem acompanha é chamado a sintonizar a sua interação com esse processo em que a vida eclode, é curada e floresce, encontrando os jovens “no ponto em que se acha a sua liberdade” (C 38).

Acompanhar os jovens que pretendem seguir a Cristo na Congregação Salesiana é, então, um processo holístico, em que comunidade e indivíduos estão envolvidos em todos os aspectos da vida cotidiana. O acompanhamento espiritual preocupa-se com a totalidade da pessoa e não apenas com o aspecto “espiritual” entendido de maneira reducionista. Aqui, podemos nos inspirar na “promoção integral” descrita no artigo 31: “Educamos e evangelizamos segundo um projeto de promoção integral do homem, orientado para Cristo, homem perfeito”.

Todas as dimensões do ser humano, portanto, entram no conteúdo do acompanhamento espiritual. O momento do acompanhamento pessoal é, acima de tudo, um espaço de respeito e aceitação, onde a pessoa se sente segura, sendo possível trazer toda a experiência da pessoa: condição física e saúde, vida emotiva no passado e no presente, vida comunitária, vida em grupo e relações interpessoais, o aspecto educativo-intelectual que, em



determinados momentos, faz parte tão importante da formação inicial, a vida de oração em suas expressões comunitárias e em seu aspecto mais íntimo, onde a vida se torna oração, experiências pastorais, e a vocação consagrada salesiana, que permeia tudo o que acabamos de mencionar... Um bom guia torna fácil e espontâneo para quem está à sua frente levar gradualmente a própria experiência de vida à relação de acompanhamento, ajudando-o a descobrir e discernir ali a voz e a ação do Espírito (C 98, 119).

Esta abordagem holística harmoniza bem com o princípio básico proposto pelo Papa Francisco, ou seja, que o tempo é superior ao espaço: “Este princípio permite trabalhar a longo prazo, sem a obsessão pelos resultados imediatos. Ajuda a suportar, com paciência, situações difíceis e hostis ou as mudanças de planos que o dinamismo da realidade impõe. É um convite a assumir a tensão entre plenitude e limite, dando prioridade ao tempo... Dar prioridade ao tempo é ocupar-se *mais com iniciar processos do que possuir espaços*” (EG 222-223).

#### 4.14 AVALIAÇÕES TRIMESTRAIS COMO AJUDA PARA O CRESCIMENTO

**167.** O único objetivo das avaliações pessoais periódicas (escrutínios) é promover o crescimento integral de cada jovem em formação. Por meio deles, o Conselho da casa avalia, incentiva, corrige e fortalece o caminho vocacional de cada pessoa. Idealmente, portanto, essas avaliações devem ser uma ajuda complementar da comunidade em relação ao colóquio com o diretor e no acompanhamento espiritual pessoal. Se bem vivida, a avaliação pode ser uma experiência muito proveitosa. Se, contudo, a avaliação for realizada de forma temerária e imprudente, poderá prejudicar seriamente a relação de confiança entre o irmão em formação e a equipe de formadores.<sup>21</sup>

**168.** As equipes de formação são convidadas a refletir atentamente sobre o objetivo e os métodos de avaliação periódica, a fim de garantir um processo saudável que favoreça realmente a formação e o crescimento dos jovens em suas comunidades. É importante ressaltar que a avaliação não é, por si só, um processo de discernimento vinculado à admissão de um candidato para

<sup>21</sup> 30,3% dos noviços dizem viver o escrutínio como um “juízo sobre si não objetivo, que colhe apenas algo do que faz e não de quem é realmente”. No pós-noviciado este sentimento é ainda mais difuso – 41,6%. Ver *Valutazione della pratica dello scrutinio* in Bay 106, 211, 290, 319.



a próxima fase. As admissões são atos jurídicos que envolvem a Inspetoria e não apenas o Conselho da casa, enquanto o principal objetivo das avaliações periódicas é favorecer o crescimento vocacional daqueles que as recebem, por meio de contribuições qualificadas oferecidas pelos membros do Conselho local. O escrutínio formativo é uma avaliação do caminho do formando. Utilizado na formação inicial para personalizar o caminho formativo, é um meio a ser valorizado pelo diretor e o guia espiritual para o acompanhamento pessoal do formando. Como cada fase formativa tem seus objetivos específicos em relação à dimensão humana, espiritual, intelectual e pastoral, os formadores, e mais precisamente o diretor com o Conselho da comunidade, avaliam o progresso do formando de acordo com esses objetivos. O escrutínio leva em consideração o progresso feito com relação às avaliações anteriores.

**169.** A *Ratio* oferece uma sugestão importante: envolver ativamente o jovem em formação no processo de avaliação. “No período da formação inicial, para avaliar e estimular o processo formativo pessoal, os escrutínios se façam cada três meses. Ponham-se em confronto os objetivos da fase e a caminhada do irmão, verificando a maturidade vocacional em continuidade com as avaliações precedentes. Seja o irmão envolvido na verificação com variadas modalidades” (FSDB 296). Todavia, o que permanece como princípio fundamental é que as avaliações devem referir-se constantemente à “via evangélica traçada nas Constituições Salesianas” (C 24). De fato, fazem parte da assistência dos nossos irmãos salesianos, que invocamos na fórmula da profissão, como auxílio para sermos fiéis no dia a dia. Nossos irmãos em formação inicial devem ser ajudados a compreender que essa assistência no estilo de vida evangélico é parte essencial de nosso crescimento e fidelidade.

## 4.15 ASSUMIR A RESPONSABILIDADE PESSOAL DA FORMAÇÃO

**170.** Não basta ter boas equipes de formadores e guias espirituais bem preparados. Como afirmam as nossas Constituições “cada salesiano assume a responsabilidade da própria formação” (C 99) e deve tomar a decisão consciente e convicta de abrir-se aos seus guias de modo que “se conheça e se deixe conhecer, relacionando-se de modo sincero e transparente com os formadores”.<sup>22</sup>

<sup>22</sup> Ver *O dom da vocação presbital* 129.



A comunidade e os formadores têm o próprio papel importante e sabemos que não existem comunidades e guias perfeitos. Mas nada pode substituir o que é confiado à resposta livre de cada um. Mesmo o melhor guia não será capaz de ajudar alguém que não está pronto para se abrir, compartilhar sinceramente sua experiência e iniciar um processo de crescimento. Da mesma forma, se as motivações básicas da pessoa não são sinceras e a simulação for deliberadamente adotada como uma maneira “para sobreviver”, o dano ao discernimento e ao processo de formação é incalculável e é uma responsabilidade séria assumida pela própria pessoa.

Quando, porém, há plena disponibilidade e prontidão para um completo envolvimento em resposta ao chamado “em diálogo com o Senhor”, então aprendemos “a viver com interesse formativo qualquer situação” (C 119).

**171.** A carta sobre a “fragilidade vocacional” (ACG 385) ajudou a refletir sobre as raízes, as expressões e as causas dessa fragilidade, e sugeriu várias intervenções, muitas das quais são encontradas neste nosso presente documento: atenção à animação vocacional e ao acompanhamento dos que se sentem chamados à vida consagrada salesiana, atenção ao pré-noviciado, uma metodologia formativa personalizada que favoreça o acompanhamento pessoal, o fortalecimento da equipe de formadores e a vida comunitária. A carta “Fidelidade vocação” (ACG 410) convidou cada irmão a revisar a história da própria vocação, reforçar a consciência da sua identidade consagrada, responsabilizar-se pela sua maturidade humana, pela sua vida espiritual, pelo seu empenho apostólico e pela sua formação intelectual, adquirir a mentalidade da formação que é permanente e assumir a própria responsabilidade nessa formação que dura a vida toda. Também evidenciou o papel vital da comunidade local e inspetorial sobre a fidelidade vocacional.

A grande insistência deste documento sobre a qualidade e formação dos formadores e dos guias espirituais não difere de forma alguma da realidade fundamental, ou seja, que toda formação é, em última análise, “autoformação” (PDV 69). Na dinâmica de graça e liberdade que está no centro do crescimento vocacional e na relação de acompanhamento espiritual pessoal, permanece a responsabilidade de cada irmão: ele é o primeiro a ser convidado a responder, todos os dias, ao chamado do Senhor (C 96; ACG 416).



## 4.16 APRENDER QUE O ACOMPANHAMENTO CONTINUA A VIDA TODA

**172.** Todo irmão na formação inicial aprende que a formação é permanente. Aprende que também o acompanhamento espiritual pessoal dura a vida toda.

Nossas Constituições falam da direção espiritual como um dos meios à disposição de todos os irmãos para crescer na castidade: “entrega-se com simplicidade a um guia espiritual” (C 84). Nossos Regulamentos também fazem referência à direção espiritual como um dos elementos da formação permanente (R 99).

**173.** O CG26 e o CG27 convidaram os salesianos (todos!) a uma experiência regular de acompanhamento espiritual. O CG26 pediu que cada salesiano, para fazer do *Da mihi animas cetera tolle* o programa pessoal de vida espiritual e pastoral, “retome ou reforce a prática de fazer-se acompanhar por um guia espiritual que reflita a experiência de Dom Bosco” (CG26 20). O CG27 propôs que, para sermos místicos no Espírito e vivermos com paixão o seguimento de Jesus, comprometemo-nos a “ter um guia espiritual estável e referir-nos a ele periodicamente” (CG27 67.2). Temos nisso um ótimo exemplo em Dom Bosco: ele foi guiado por quase 30 anos por Cafasso, até sua morte prematura aos 49 anos de idade, e, antes dele, por uma série de outros acompanhantes espirituais, a começar pelo bom Padre Calosso.

**174.** O diretório para o ministério e a vida dos presbíteros (2013) fala da necessidade de os sacerdotes procurarem um guia espiritual para si mesmos:

Para contribuir ao melhoramento da sua espiritualidade, é necessário que os presbíteros recebam eles mesmos a direção espiritual, porque «com a ajuda do acompanhamento ou conselho espiritual [...] é mais fácil discernir a ação do Espírito Santo na vida de cada indivíduo». Colocando nas mãos dum sábio colega – instrumento do Espírito Santo – a formação da sua alma, a partir dos primeiros anos de ministério, crescerão na consciência da importância de não caminhar sozinhos pelos caminhos da vida espiritual e do empenho pastoral.<sup>23</sup>

<sup>23</sup> Congregação para o Clero, *Diretório para o ministério e a vida dos presbíteros*, nova edição, Libreria Editrice Vaticana, Cidade do Vaticano 2013, 73. A citação interna é da Congregação para o Clero, *O sacerdote ministério da misericórdia divina. Subsídio para confessores e diretores espirituais* (9 de março de 2011) 98.



Estamos assistindo aqui e nos ensinamentos de Bento XVI e de Francisco, uma expansão do que foi dito em *Vita Consecrata*, em que João Paulo II falara de “um apelo humilde e confiante à direção espiritual” como uma grande ajuda no caminho da fidelidade rumo ao Evangelho, “especialmente no período da formação e em certos momentos da vida” (VC 95).

Portanto, o acompanhamento espiritual pessoal não é entendido apenas como ajuda para administrar as crises; seu propósito é o crescimento contínuo em Cristo. Assim como a formação é permanente, também o acompanhamento espiritual pessoal é permanente.

## 4.15 A URGÊNCIA DE ESCOLHER E PREPARAR GUIAS ESPIRITUAIS

### *Uma boa seleção*

O bom acompanhante é uma pessoa equilibrada, que sabe escutar, uma pessoa de fé e de oração, que se confrontou com as suas próprias fraquezas e fragilidades. Por isso, sabe ser acolhedor dos jovens que acompanha, sem moralismos nem falsas condescendências. Quando é necessário, sabe oferecer também uma palavra da correção fraterna.

A consciência de que acompanhar é uma missão que exige uma profunda radicação na vida espiritual há de ajudá-lo a manter-se livre em relação aos jovens que acompanha: respeitará o êxito do percurso deles, assistindo-os com a oração e regozijando-se com os frutos que o Espírito produz naqueles que lhe abrem o coração, sem procurar impor-lhes a sua vontade nem as suas preferências. De igual modo, será capaz de se colocar ao serviço, em vez de ocupar o centro da situação assumindo atitudes possessivas e manipuladoras que criam, não liberdade, mas dependência nas pessoas. Este respeito profundo será também a melhor garantia contra os riscos de imitação servil e de abusos de todos os tipos (DF 102; ver também CV 246).

Obviamente, tanto salesianos presbíteros como coadjutores podem oferecer o serviço de acompanhamento espiritual, uma vez que o serviço de acompanhamento espiritual não está vinculado à ordenação sacerdotal

Este papel [de acompanhante] não deveria ser circunscrito aos presbíteros e aos religiosos, mas também o laicato deveria po-



der exercê-lo. Todos estes guias deveriam poder beneficiar duma boa formação permanente.<sup>24</sup>

### **Preparação específica**

**176.** Uma cuidadosa seleção não torna menos necessária a preparação específica dos guias espirituais. Quem tem esse dom se beneficia da preparação específica para o seu serviço, da mesma maneira quem tem talento musical pode desenvolvê-lo, graças à própria formação específica que receberá nesse particular campo artístico.

Para poder desempenhar o seu serviço, o acompanhante precisará cultivar a sua vida espiritual, alimentando a relação que o une Àquele que lhe confiou a missão... Será importante que receba uma formação específica para este ministério particular (DF 103, ver também CV 246).

O acompanhamento pessoal salesiano não pode ser improvisado: exige fortes raízes no carisma e, ao mesmo tempo, uma capacidade constantemente atualizada de ouvir as novas gerações, tão expostas à mudança

### **Formação permanente dos formadores**

**177.** Obviamente, aqueles que oferecem o serviço de acompanhamento espiritual devem cuidar de própria formação permanente. Acima de tudo, significa que eles devem ser os primeiros a ser fiéis e dar grande valor ao seu acompanhamento pessoal. Este ponto é tão importante que requer um ulterior desenvolvimento no parágrafo seguinte,

### **Guias que são guiados**

**178.** Como todos os irmãos, aqueles que oferecem o serviço de acompanhamento espiritual precisam ser eles próprios acompanhados.

O Papa Francisco usa a imagem de “guias que são guiados”.<sup>25</sup> A *Evangelii gaudium* é muito clara sobre esse ponto: “Hoje mais do que nunca precisamos de homens e mulheres que conheçam,

<sup>24</sup> CV 246, citando o documento pré-sinodal. Ver também IL 126 e o *Discurso do Santo Padre Francisco aos participantes da plenária da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica*, Sábado 28 de janeiro de 2017.

<sup>25</sup> Francisco, homilia no 19º Dia para a Vida Consagrada, 2 de fevereiro de 2015.



a partir da sua experiência de acompanhamento, o modo de proceder onde reine a prudência, a capacidade de compreensão, a arte de esperar, a docilidade ao Espírito” (EG 171). “*A experiência pessoal de nos deixarmos acompanhar e curar, conseguindo exprimir com plena sinceridade a nossa vida a quem nos acompanha, ensina-nos a ser pacientes e compreensivos com os outros e habilita-nos a encontrar as formas para despertar neles a confiança, a abertura e a vontade de crescer*” (EG 172). O ensinamento do Papa Francisco é retomado no documento final do Sínodo de 2018: “Concluída a fase inicial da formação, é necessário assegurar a formação permanente e o acompanhamento de sacerdotes, consagrados e consagradas, principalmente os mais jovens. Muitas vezes estes últimos veem-se confrontados com desafios e responsabilidades desproporcionados” (DF 100).

### **Supervisão**

**179.** Além do acompanhamento espiritual pessoal, há também a necessidade de supervisão para o serviço de acompanhamento espiritual que se oferece aos outros: “*Será importante que (o guia)... possa beneficiar, por sua vez, de acompanhamento e supervisão*” (DF 103, cursivo acrescentado). A supervisão é necessária porque não se pode esperar que o guia “tenha todas as respostas”, e também para as suas reações e dinâmismos pessoais não criarem obstáculo ao seu serviço de acompanhamento.

A supervisão é realizada normalmente com a ajuda de alguém preparado para essa tarefa, com níveis de qualificação que também são oficialmente testados e reconhecidos. No entanto, a supervisão entre colegas também é útil, com a ajuda ocasional de um especialista. Finalmente, há também um nível de autossupervisão que não é apenas útil, mas que todos aqueles que oferecem acompanhamento espiritual devem aprender a fazer. Comporta a capacidade de ouvir a si mesmo enquanto ouve a outra pessoa (uma consciência cada vez maior de si mesmo) e a boa prática de servir-se do tempo necessário para ponderar pessoalmente as sessões de escuta logo após a sua conclusão.





# Terceira parte

## Escolher





## 5. Caminho a trilhar

### 5.1 SUGESTÕES EMERGENTES

131

**180.** O itinerário interpretativo seguido até aqui faz emergir uma série de opções e sugestões para a ação.

Compreende-se, por exemplo, que uma formação inculturada exige formadores capazes de dialogar com a cultura dos jovens, a partir dos quais também o convite à Congregação a empenhar-se sempre mais para garantir uma comunicação adequada nos idiomas mais usados, como o inglês.

Sem dúvida, devemos evidenciar melhor no acompanhamento espiritual o aspecto da configuração a Cristo, como pessoas consagradas que encontram inspiração em Dom Bosco. Também precisamos investir muito na preparação de formadores e guias espirituais. Além disso, devemos estar particularmente atentos à interação dinâmica entre a comunidade e as dimensões pessoais do acompanhamento espiritual, selecionando e preparando cuidadosamente os diretores e, ao mesmo tempo, garantindo a verdadeira liberdade de escolha do guia espiritual. Além disso, cientes do grande impacto formativo do nosso envolvimento na missão salesiana, somos chamados a selecionar formadores com suficiente experiência pastoral.

Antes de tudo, somos chamados a um profundo respeito pela dinâmica da graça e da liberdade no centro da formação e do acompanhamento espiritual. Aqui queremos ‘partir de novo’ do Sistema Preventivo, que não é apenas pedagogia e espiritualidade, mas também modelo de formação, com profundo respeito à pessoa, e a vontade de acompanhá-la com paciência, em espírito de família, afeto e amizade. Ao mesmo tempo, aqueles que estão em formação inicial são colocados diante da importância absoluta de abertura, sinceridade e transparência em todo o processo de formação e acompanhamento espiritual.



O papel crucial do pré-noviciado na iniciação do acompanhamento pessoal salesiano exige uma atenção contínua a essa fase de formação, principalmente em termos de uma atenta seleção e preparação do encarregado e da equipe de formadores. Ao mesmo tempo, a reflexão sobre o pré-noviciado conscientizou-nos sobre a estreita ligação entre Pastoral Juvenil e formação, com a necessidade de uma renovação contínua da Pastoral Juvenil Salesiana e particularmente dos aspirantados, na variedade de suas formas.

**181.** O exercício da escuta atenta do Espírito que fala por meio de nossos irmãos abre caminho para algumas estratégias amplas. Nós os apresentamos nesta terceira parte, juntamente com sugestões de possíveis linhas de ação que deverão ser concretizadas, contextualizadas e realizadas em nível regional, inspetorial e local.

## 5.2. ESTRATÉGIAS

### 5.2.1 Esclarecer a natureza do acompanhamento espiritual salesiano

**182.** A primeira estratégia é esclarecer a natureza do acompanhamento espiritual salesiano.

O presente documento pode ser considerado uma parcela desse processo, especialmente na segunda parte, onde procuramos ler os sinais vindos das vozes dos nossos jovens candidatos e irmãos em formação inicial e dos salesianos que prestam o serviço de acompanhamento espiritual, à luz do magistério da Igreja e da nossa tradição salesiana.

Todavia, este é apenas o início do caminho. Ainda se deve fazer muito mais através do aprofundamento, assimilação e crescimento nesta importante área de nossa vida e missão, que é o acompanhamento espiritual pessoal salesiano. Certamente precisaremos fazer um investimento generoso de energias para a formação de formadores e guias espirituais.

### 5.2.2 Renovação da animação vocacional e dos aspirantados

**183.** Outra estratégia fundamental é *continuar a renovação da Pastoral Juvenil e garantir que os aspirantados sejam verda-*



*deiramente experiências de discernimento vocacional através do acompanhamento comunitário, de grupo e pessoal. Segundo as “Orientações sobre a Experiência do Aspirantado” (prot. 11/0377 - 27 de julho de 2011) consideramos o cuidado dos aspirantados como uma tarefa conjunta dos dicastérios para a Formação e para a Pastoral Juvenil.<sup>1</sup>*

É muito importante esclarecer a diferença entre recrutamento de vocações, acompanhamento e discernimento vocacional, valorizando o que já foi claramente elaborado pela Congregação e pelos documentos do Sínodo sobre os jovens (*Instrumentum Laboris*, Documento Final e *Christus Vivit*).

133

Como já dissemos (ver acima seção 4.5), há uma relação direta entre a qualidade da Pastoral Juvenil e a animação vocacional e os processos de formação inicial. Quanto mais cuidados forem tomados com o acompanhamento e o discernimento vocacional antes de ingressar no pré-noviciado, melhor será a capacidade dos que estão em formação de se beneficiar do que lhes é oferecido, inclusive o acompanhamento espiritual pessoal. Da mesma forma, quanto melhor a qualidade da formação e o acompanhamento espiritual, mais a Pastoral Juvenil será povoada por salesianos capazes de um bom acompanhamento dos jovens, até a descoberta da sua vocação e a responder-lhe com entusiasmo generoso.

### **Sugestões para linhas de ação contextualizadas nas regiões, inspetorias e comunidades locais**

*1. Estudo e avaliação, pela Pastoral Juvenil inspetorial e pelas comissões para a formação, sobre si e como o acompanhamento pessoal salesiano é realmente parte do trabalho educativo-pastoral comum das obras salesianas.*

*2. Estudo e avaliação, por aqueles que estão mais diretamente envolvidos na Pastoral Juvenil, na animação vocacional e na formação inicial, da animação vocacional em nível inspetorial e regional, à luz do que emerge destas orientações e diretrizes.*

*3. Avaliação do estudo da teologia pastoral e do modo com que as atividades pastorais são realizadas durante a formação específica, à luz deste estudo. A preparação gradual para o serviço de acompanhamento pessoal é um aspecto qualificante da formação específica salesiana.*

<sup>1</sup> Ver Attard e Cereda, prot. 11/0377 de 27 de julho de 2011.



*4. Favorecer a regularidade e a qualidade do acompanhamento espiritual pessoal no aspirantado, mediante itinerários de formação e momentos de avaliação*

### 5.2.3 Adotar o Sistema Preventivo como nosso modelo de formação

**184.** Recomeçar do Sistema Preventivo não é tanto uma estratégia quanto um processo de conversão ou de renovação espiritual. É retornar às nossas raízes carismáticas, especialmente àquele testamento inspirador que Dom Bosco nos deixou na carta de Roma de maio de 1884.

Envolve a migração de um modelo de formação que se concentra na conformidade exterior e nas mudanças comportamentais, para um processo de acompanhamento comunitário e pessoal que reconheça e respeite a dinâmica da graça e da liberdade. Tendências para lamentar-se e fazer julgamentos fáceis devem ser substituídas pela capacidade de valorizar e apreciar os jovens confiados às comunidades e equipes de formação. A formação é questão de iniciar processos, em vez de tentar dominar espaços.

Aqueles aos quais é confiado o serviço da formação são chamados a cuidar de si mesmos e a melhorar e harmonizar a sua personalidade, para ser de ajuda e não obstáculo aos processos educativos. Os que oferecem o serviço de orientação espiritual pessoal devem estar constantemente cientes de que o acompanhamento é um “empreendimento a três” e que devem aprender a desempenhar seu papel secundário de instrutores e guias, a serviço do encontro entre graça e liberdade.

O acompanhamento de pessoas consagradas que seguem a Cristo obediente, pobre e casto vai às raízes das motivações e envolve a totalidade do caminho vocacional em seu presente, passado e futuro. Sem um relacionamento marcado por uma autêntica confiança recíproca, não pode ocorrer o compartilhamento nesse nível profundo e a ajuda que pode ser dada ou recebida será mínima, se não insignificante.

**185.** O Sistema Preventivo também nos chama a viver verdadeiramente o espírito de família. O acompanhamento comunitário, formal e informal, é como o outro lado da moeda em relação ao acompanhamento espiritual pessoal, igualmente essencial. A presença e a proximidade dos que estão em formação são ne-



cessárias para criar um clima de confiança e familiaridade que, em seguida, chega à maturidade no acompanhamento espiritual pessoal. Ele caminha pari passo com o aprendizado de ouvir os jovens, não apenas no relacionamento individual, mas também nas comunidades, inspetorias, regiões e na Congregação, passando da comunicação unidirecional ao diálogo autêntico e do ser formadores que se limitam a ensinar a formadores que também participam de momentos de lazer e trabalho.

## **Sugestões para linhas de ação contextualizadas nas regiões, inspetorias e comunidades locais**

135

*1. Liberdade, responsabilidade, confiança são elementos-chave para qualquer itinerário de crescimento e resposta vocacional. Instrumentos para melhorar a compreensão e o exercício corretos de liberdade, responsabilidade e confiança (cursos, seminários, ajudas...) podem ser oferecidos em particular àqueles que estão no início do caminho – aspirantes, pré-noviços, noviços.*

*2. A comissão de formação e o Conselho inspetorial podem fazer um atento discernimento/avaliação do pessoal salesiano ao qual os candidatos e irmãos em formação inicial podem dirigir-se para o acompanhamento pessoal (proximidade, disponibilidade, preparação, etc.), incluindo nessa avaliação também as comunidades com irmãos em tirocínio.*

*3. Sessões de formação para os diretores e irmãos que atuam no ministério de acompanhamento podem ser organizadas em nível inspetorial ou interinspetorial, com o objetivo de ajudar a compreender bem a diferença entre colóquio com o diretor e acompanhamento espiritual pessoal, para promover cada uma dessas duas preciosas e distintas formas de ajuda ao crescimento.*

*4. As comissões inspetoriais para a formação podem estudar itinerário de avaliação do nível de confidencialidade e respeito da prudência nos processos de acompanhamento pessoal de candidatos e irmãos, e organizar sessões de formação, com a finalidade de promover o valor e a prática fiel da confidencialidade.*

*5. Com a ajuda da comissão para a formação o inspetor pode rever o plano de qualificação inspetorial para os formadores, avaliando as capacidades de relações humanas significativas dos irmãos interessados, e olhando em especial para o modo como eles viveram o tirocínio e o quinquênio.*



*6. Poder-se-iam propor iniciativas em vários níveis (universidade, centros de formação permanente, centros de estudos salesianos, etc.) para refletir sobre a renovação da formação em resposta às mudanças geracionais e contextuais, envolvendo os jovens irmãos em formação inicial.*

## 5.2.4 Assumir a responsabilidade do acompanhamento da comunidade

**186.** Garantir um adequado acompanhamento na formação inicial envolve investir na formação de diretores de casas de formação e comunidades com tirocinantes. Também envolve esforços para garantir que os professores de nossos centros de estudo de filosofia e teologia se conscientizem plenamente de que são sempre, em todos os casos, também formadores.

**187.** Os processos de formação receberiam considerável enriquecimento qualitativo se fossem capazes de incluir de várias maneiras pessoas dos três estados de vida: consagrados, sacerdotes e leigos, garantindo a presença de mulheres e casais (DF 163-164). Naturalmente, a Congregação pede que os irmãos salesianos façam parte das equipes de formação, com preparação adequada para a formação e o acompanhamento espiritual.

**188.** O colóquio com o diretor pode ser redescoberto em todo o seu potencial, como instrumento precioso para a construção da comunidade, ainda mais quando ele se distingue claramente da direção espiritual (ver acima seções 4.7 e 4.9). A paternidade, no entanto, também envolve responsabilidade, e para aqueles que precisam dar passos importantes no discernimento vocacional, o diretor continua a ser um ponto de referência fundamental, como promotor e guarda do carisma em nome de toda a Congregação; ele tem uma responsabilidade direta com cada irmão e sua vocação (C 55).

Por isso, o acompanhamento pessoal salesiano não pode ser reduzido a uma experiência particular. Ele sempre reflete a vida vivida em comunidade e para essa vida orientará todas as pessoas, incentivando um diálogo contínuo com os irmãos e, em particular, com o irmão a quem foi pedido para realizar o serviço de pai da família.

**189.** Como o salesiano não é apenas membro de uma comunidade religiosa, mas também de uma comunidade educativo-pastoral,<sup>2</sup> a experiência de acompanhamento será condi-

<sup>2</sup> O diretor salesiano (2019) 121-123.



cionada, enriquecida e moldada pela interação com os leigos que participam estreitamente da nossa missão educativa e com todos aqueles com quem somos chamados a cooperar. A contribuição dos diversos estados de vida da Igreja é um tesouro precioso, e todos devemos aprender a ser membros da Igreja que é comunhão, em que todo estado de vida tem seu papel e sua tarefa em relação aos outros e a serviço deles. Como membros da comunidade religiosa salesiana, também devemos aprender a desempenhar nosso papel de “ponto carismático de referência” no interior da comunidade educativo-pastoral.

### **Sugestões para linhas de ação contextualizadas nas regiões, inspetorias e comunidades locais**

- 1. Investir na formação dos diretores das casas de formação, compreendidas as comunidades com tirocinantes.*
- 2. Valorizar o mais possível o projeto comunitário e o projeto pessoal de vida, as assembleias comunitárias e as reuniões do Conselho local, como instrumentos importantes de acompanhamento espiritual da comunidade.*
- 3. Dedicar tempo aos encontros de comunidade a fim de refletir sobre a qualidade da vida comunitária e sobre o colóquio com o diretor, como instrumento para construir a comunidade.*
- 4. Criar cursos em nível inspetorial ou interinspetorial para as equipes de formadores do aspirantado, do pré-noviciado e do noviciado, a fim de potencializar as atitudes que contribuem para criar um bom ambiente familiar que, por sua vez, favorece um bom nível de acompanhamento pessoal.*
- 5. Cuidar da iniciação de aspirantes, pré-noviços e noviços ao acompanhamento pessoal e à prática do diário pessoal, através de seminários e com instrumentos pedagógicos adequados.*
- 6. Propor momentos de capacitação para as equipes de formação com a finalidade de melhorar o modo com que são realizadas as avaliações periódicas.*
- 7. Cuidar da iniciação inicial ao trabalho apostólico de quem está em formação nas comunidades educativo-pastorais salesianas.*
- 8. Indicar explicitamente na carta de obediência dos irmãos encarregados do ensino nos centros para o estudo da filosofia e da teologia que são, ao mesmo tempo, professores e formadores.*



## 5.2.5 Garantir a liberdade no acompanhamento espiritual pessoal

**190.** Há vários fatores envolvidos para garantir a liberdade que está no centro do processo de acompanhamento espiritual: a liberdade na escolha do guia espiritual, o modelo de formação que seja expressão do Sistema Preventivo, a personalidade e preparação do diretor ou quem é o primeiro responsável.

Nossas Constituições e Regulamentos além da Ratio, como vimos, são prudentemente cuidadosos em manter aberta a janela da liberdade de escolha, mas a linguagem utilizada tende a dar um acentuado peso à escolha do diretor como guia espiritual: o diretor é “ordinariamente” o guia, proposto não imposto, age como mestre dos noviços... (ver as seções acima 2.3.7 e 4.6). Especialmente nas áreas em que a formação é mais conformadora do que transformadora, isso tende a ser interpretado de maneira incorreta, tanto por aqueles que exercem o serviço de autoridade quanto por aqueles em formação inicial.

**191.** A fim de evitar essas situações, que têm porte incidência na maior parte dos formandos da nossa Congregação, propomos as seguintes modificações da Ratio.

**TEXTO ATUAL:** “Ele é responsável pelo processo formativo pessoal de cada irmão. É também o diretor espiritual proposto, não imposto, aos irmãos em formação” (FSDB 233).

**TEXTO PROPOSTO:** “Ele é responsável pelo processo formativo pessoal de cada irmão. *Se o irmão o desejar, o diretor também pode oferecer o serviço de acompanhamento espiritual pessoal*” (FSDB 233).

**TEXTO ATUAL:** “O Diretor continua a ação do mestre de noviciado. Com sabedoria e bom senso ele anima o ambiente e o caminho da comunidade, acompanha e ajuda os pós-noviços particularmente mediante o acompanhamento pessoal e o colóquio, a *direção espiritual de consciência* e as conferências periódicas” (FSDB 417).

**TEXTO PROPOSTO:** “O Diretor continua a ação do mestre de noviciado. Com sabedoria e bom senso ele anima o ambiente e o caminho da comunidade, acompanha e ajuda os pós-noviços particularmente mediante o acompanhamento pessoal e o colóquio, as conferências periódicas e, se o jovem irmão o desejar, também a *direção espiritual de consciência*” (FSDB 419)



**192.** Esta proposta não muda nada em nossa venerável tradição salesiana. Continua uma verdade que Dom Bosco não era apenas superior, mas também confessor e guia espiritual para seus jovens e seus salesianos. E era assim que ele desejava que seus diretores fossem. É igualmente verdade que, por vontade da Igreja, aceitamos que os diretores não pudessem mais ouvir ordinariamente as confissões de quem era confiado aos seus cuidados, sejam jovens ou irmãos. O diretor salesiano continua, porém, a ser o guia espiritual da comunidade, com uma responsabilidade especial em relação a cada irmão, com quem se encontra regularmente para o colóquio, e quando algum irmão pede livremente que ele também seja seu guia espiritual, assume de boa vontade essa responsabilidade.

Colocamos, portanto, a nossa confiança no Sistema Preventivo, com o desejo de trabalhar para a atuação sempre mais completa dessa admirável cristalização das intuições pedagógicas de Dom Bosco, em que a confiança e a confidência são merecidas, não impostas. Estamos fazendo a migração de um sistema ligado a normas a uma consonância mais forte com o espírito do Sistema Preventivo, expresso com intensidade na carta de Roma.

**193.** O ponto-chave está, portanto, no modo de alterar os modelos operativos de formação, a fim de torná-los bem compatíveis com o Sistema Preventivo, e no modo de tornar ao menos mais provável a presença de formadores e guias capazes de inspirar confiança, respeitando plenamente a liberdade daqueles que lhes são confiados. Devemos incentivar e apoiar processos de animação e formação de formadores e guias espirituais, bem como de bom governo, onde se tomam decisões na escolha de pessoas para a tarefa de formação e guia, e se investe sabiamente em sua preparação.

Essa é a estratégia central para enfrentar o difícil e debatido problema da fusão de papéis, da sobreposição entre autoridade e acompanhamento espiritual, que pode levar ao medo, à conformidade exterior e, em geral, ao esvaziamento do verdadeiro significado e fecundidade dos processos de formação e, em particular, de acompanhamento espiritual.

**194.** Obviamente, garantir a liberdade de escolha do guia espiritual é apenas um lado da moeda. Se a pessoa em formação não decide ser aberta e transparente com o seu guia, o processo de acompanhamento espiritual pessoal fica viciado por dentro e se torna inútil. Na dinâmica da graça e da liberdade, a responsabilidade de cada pessoa nunca é subtraída ou diminuída (ver acima a seção 4.16).



**195.** A livre escolha do guia espiritual no pré-noviciado é um ponto particularmente delicado, como já dissemos (ver acima a seção 4.4). Antes de tudo, devemos garantir que o genuíno espírito de família e a prática do Sistema Preventivo prevaleçam nos nossos pré-noviciados, sobretudo com uma cuidadosa atenção na composição das equipes de formação e com a preparação prévia dos formadores e, em particular, do encarregado dos pré-noviços. Em uma atmosfera de confiança recíproca, é possível ganhar a confiança dos jovens, garantindo-lhes uma liberdade básica na escolha do seu guia. O inspetor e o delegado inspetorial para a formação farão a sua parte sobre o papel delicado e crucial do responsável, especialmente no que diz respeito ao discernimento vocacional. Um ponto correlato para garantir a liberdade de escolha do guia espiritual é garantir que os membros da equipe dos formadores sejam especificamente preparados para o acompanhamento espiritual e que haja entre eles ao menos um confessor que não participe do Conselho local.

**196.** O guia espiritual deve ser escolhido entre os formadores da equipe da comunidade, e deve ser necessariamente um salesiano? Também neste caso, o princípio básico é o mesmo: é melhor confiar mais na qualidade salesiana dos formadores e da comunidade do que em uma regra ou diretriz. No entanto, também é importante garantir dois outros elementos: que o guia escolhido seja alguém familiarizado com o nosso carisma e espiritualidade e que possa ser encontrado regularmente. Numa relação caracterizada pela confiança e confiança recíprocas, o diretor sabe como dialogar e discernir com o irmão em formação também sobre a escolha do seu guia espiritual.

### 5.2.6 Reforçar a figura e o papel do diretor

**197.** Já dissemos que o diretor continua a ser o responsável pelo acompanhamento formativo, comunitário e pessoal, e que ele tem uma responsabilidade particular pela vocação de cada irmão (C 55). Ainda mais, o peso carismático salesiano próprio da figura do diretor deve ser ainda mais valorizado, pedindo dele que seja, com sua equipe de formadores, real e plenamente os salesianos que professaram ser. Garantir uma liberdade genuína na escolha do guia espiritual não pode resultar em rebaixar os padrões na escolha dos diretores. A orientação a seguir é exatamente oposta: todos os nossos diretores, e com maior razão os das comunidades de formação, são chamados a exercer a sua paternidade e autoridade de modo que os irmãos sejam levados a abrir-lhes o coração, como acontecia com Francisco de Sales e com Dom Bosco.



O inspetor e o delegado inspetorial para a formação são encorajados a apresentar com clareza aos irmãos na formação inicial a figura, o papel e as responsabilidades do diretor, garantindo a verdadeira liberdade de escolha do guia espiritual. Os que oferecem o serviço de acompanhamento espiritual, por sua vez, sempre podem sugerir, especialmente em momentos mais relevantes para o discernimento vocacional, que conversem com o diretor e/ou o inspetor.

## **Sugestões para linhas de ação contextualizadas nas regiões, inspetorias e comunidades locais**

141

*1. Os inspetores são chamados a escolher como diretores das comunidades de formação irmãos exemplares pela sua vida de fé e com suficiente experiência pastoral salesiana, capazes de autêntico diálogo com os jovens irmãos e comunicar vitalmente o ideal salesiano (C 104). Garantam para eles uma preparação adequada, a fim de favorecer maximamente uma relação de confiança recíproca com os formandos.*

*2. O diretor permanece como guia espiritual da comunidade, animando-a com conferências, boas-noites, encontros, a redação do projeto comunitário, etc.*

*3. O inspetor e o diretor empenham-se para que a dimensão carismática da formação seja adequadamente vivida e conservada.*

*4. Quando solicitado por um irmão, o diretor oferecerá de boa vontade o serviço de acompanhamento espiritual pessoal.*

*5. O diretor convoca periodicamente as reuniões da equipe de formação, incluindo também quem presta o serviço de guia espiritual, de modo a garantir a unidade da formação e dar espaço para a participação nas dificuldades e nos desafios no campo da formação e do acompanhamento.*

*6. Conhecendo a importância da presença salesiana, o diretor estará atento a não assumir compromissos que o levem a ficar com frequência ausente da comunidade.*

*7. O diretor fará o possível para estar disponível ao colóquio pessoal com os irmãos, em particular aqueles em formação inicial (C 70, R 49 e R 79).*



## 5.2.7 Preparação de formadores e guias espirituais

**198.** A formação e a preparação de guias espirituais e formadores (diretores de casas de formação e equipes de formadores, diretores de comunidades com tirocinantes e irmãos do quinquênio, confessores) é claramente uma estratégia de importância fundamental para fortalecer e melhorar a qualidade do acompanhamento espiritual pessoal. Já vimos que o Documento Final do Sínodo sobre os jovens insiste na necessidade de uma formação específica de guias espirituais (DF 103 e acima, seção 3.13). Poderíamos ler as três propostas do n. 164 do Documento Final, dirigidas não apenas aos que estão em formação, mas também aos próprios formadores: (1) formação de guias espirituais feita conjuntamente entre leigos e sacerdotes; (2) inclusão no currículo de cursos e experiências de pastoral juvenil; (3) inserção gradual na vida e nas atividades de comunidades educativo-pastorais. Quem exerce o papel de guia ou acompanhante deve desenvolver a capacidade de exercê-lo com autoridade, mas não de modo autoritário; deve superar toda tendência ao clericalismo; ser capaz de trabalhar em equipe; ter uma sensibilidade particular em relação aos pobres, transparência de vida e, novamente, vontade de ser por sua vez acompanhado (DF 163).

**199.** Embora o tema da afetividade e do desenvolvimento humano possa não ter emergido explicitamente nestas Orientações e Diretrizes, o ponto central deste documento é oferecer as condições que permitirão aos que estão em formação falar livremente sobre o que trazem em seus corações, também sobre a afetividade, a sexualidade e os relacionamentos. Nos últimos seis anos, o dicastério para a formação estimulou as regiões a elaborarem programas de educação à sexualidade, à afetividade e à castidade consagrada. Obviamente, os programas por si só não são suficientes; precisamos de formadores capazes de aplicá-los e, acima de tudo, de formadores capazes de criar espaços onde os que estão em formação possam ficar à vontade, sentir-se seguros e ter a coragem de abrir o diálogo mesmo sobre o que é mais íntimo e pessoal. O desafio à Congregação não é tanto falar sobre afetividade e maturidade humana, mas criar as condições para que esse crescimento possa realmente acontecer.

Durante muito tempo, focamos a nossa atenção sobre os formandos; agora estamos aprendendo a fechar o círculo, voltando nossa atenção recíproca também aos formadores, na convicção



de que a formação acontece na relação entre os que estão em formação e os formadores, na interação entre aspectos pessoais e comunitários, e onde esse “nós” encontra a sua casa no Nós de Deus.<sup>3</sup>

## Sugestões para linhas contextualizadas de ação nas regiões, inspetorias e comunidades locais

143

**1.** *Promover processos e iniciativas em nível de Congregação, regiões e inspetorias para a formação de formadores com os seguintes objetivos e finalidades:*

- *dar atenção à interioridade dos formadores, no plano humano e espiritual, e à sua capacidade de diálogo, para serem mais bem preparados a relacionar-se com a dimensão afetivo-humana e com a cultura dos formandos, sempre mais multicultural e digital;*

- *apoiar a aquisição de competências e habilidades dos formadores para serem capazes de ajudar a crescer no conhecimento de si e no “aprender da experiência”, de modo a discernir nela a voz do Espírito (C 98, 119);*

- *ajudar os formadores a terem uma percepção holística do acompanhamento espiritual, capaz de chegar à totalidade da pessoa na sua dimensão física, emotivo-afetiva, comunitária, intelectual, pastoral e espiritual, preparando-os assim a serem acompanhados e acompanhar;*

- *aprender a administrar a afetividade em si mesmos, para serem de ajuda aos jovens a eles confiados.*

**2.** *Promover na inspetoria a cultura da formação inspirada no Sistema Preventivo, com atenção aos seguintes aspectos:*

- *a unidade das equipes de formadores com o diretor;*

- *a necessidade para todos os irmãos, especialmente os formadores e quem presta o serviço de acompanhamento pessoal, de terem os próprios guias espirituais, seguindo o exemplo do mesmo Dom Bosco, o recente magistério eclesialístico (incluído o Sínodo sobre os jovens) e os Capítulos Gerais 26 e*

<sup>3</sup> Expressão extraordinária de J. Ratzinger, “On the Understanding of ‘Person’ in Theology,” *Dogma and Preaching: Applying Christian Doctrine to Daily Life*, ed. Michael J. Miller (San Francisco: Ignatius Press, 2011) 195.



27 (ver acima a seção 4.15); este pode ser um ponto específico de avaliação com os membros da equipe de formação durante a visita canônica;

- ideias claras e convicções sobre a descrição relativas a vários contextos: o sacramento da Reconciliação, o acompanhamento espiritual pessoal, o colóquio com o diretor, o acompanhamento psicológico;

- distinção entre avaliações periódicas e procedimentos seguidos para as admissões, refletindo sobre a finalidade e as modalidades das avaliações, envolvendo os formandos no processo de avaliação;

- garantir que os formadores e os guias espirituais disponham de tempo suficiente para o acompanhamento.

**3.** Algumas opções envolvem diretamente o nível de decisão nas inspetorias:

- escolher os formadores que tiveram uma boa experiência da prática do Sistema Preventivo no tirocínio (ver C 115), mais do que concentrar-se principalmente naqueles que tiveram bons resultados nos estudos filosóficos e teológicos;

- indicar os melhores guias para as fases iniciais (aspirantado, pré-noviciado), de acordo com a natureza muito delicada e ao mesmo tempo decisiva dessas fases.

**4.** Solicitar que o curso de formação para formadores, de quatro meses, na UPS seja oferecido também em inglês, preferivelmente no primeiro semestre.

### **Escola salesiana de acompanhamento**

**200.** Na área da formação de guias espirituais, uma linha importante de ação-chave em nível de Congregação é criar uma escola salesiana de acompanhamento pessoal, em sinergia com o que está sendo feito nas várias regiões. O objetivo é ativar processos e oferecer instrumentos para ajudar irmãos e leigos a serem especialistas na arte do acompanhamento pessoal espiritual salesiano. As modalidades devem levar em consideração a variedade dos contextos em que o carisma salesiano está em ação, garantindo que aqueles que se qualificam nessa área se tornem propagadores do dom recebido em seu ambiente de origem.

Esta escola será conduzida em várias línguas e pretende valorizar plenamente o potencial carismático dos lugares santos salesianos.



Planos de qualificação inspetorial para a preparação de guias espirituais

**201.** Pede-se aos inspetores e aos *curatorium* das casas de formação interinspetoriais para prepararem cuidadosamente os irmãos (e outros) para o serviço de acompanhamento espiritual. Isso significa preparar guias espirituais, confessores e também diretores. Essas opções e decisões são cruciais, com efeitos de longo prazo: incidem fortemente na identidade salesiana e na maneira como realizamos a nossa missão. Portanto, não são apenas os jovens em formação inicial que se beneficiam, mas também todos os irmãos da inspetoria. Não deveríamos mais ouvir esta reclamação: “Não sei a quem recorrer para ter um guia. Não há irmãos preparados”.

Pede-se aos inspetores, na própria inspetoria e nos *curatorium*, que redija e atualize periodicamente os planos de qualificação que incluam a preparação de irmãos para o serviço de acompanhamento espiritual.

**202.** Os estatutos dos *curatorium* devem ser revistos para garantirem a contribuição de todas as inspetorias participantes na seleção e preparação de formadores, professores e guias espirituais. Por “inspetorias participantes” entendam-se as inspetorias que fizeram, opção declarada em seu diretório inspetorial por uma determinada casa de formação. Tais opções não excluem a possibilidade de enviar irmãos a outras casas de formação, onde não há a obrigação de participar do *curatorium* e contribuir com pessoal para a equipe de formadores.

### ***Procedimento a seguir para a nomeação dos diretores das casas de formação e dos mestres dos noviços***

**203.** Sugerimos que o Reitor-Mor e seu conselho promulguem uma linha normativa segundo a qual *os diretores das casas de formação e os mestres de noviciado serão nomeados apenas se tiverem uma preparação preliminar para o serviço de formação a que são chamados*. O formulário de designação deve indicar esse requisito.

### ***Projetos formativos e processos de formação***

**204.** Através de organismos como as comissões regionais de formação, o dicastério para a formação iniciará um processo de estudo e atualização dos projetos locais de formação, a fim de garantir a inclusão de processos pedagógicos adequados para o crescimento na fé e no carisma.



## 5.2.8 Fazer com que o acompanhamento espiritual seja permanente

**205.** Se a formação é permanente, também o acompanhamento pessoal é permanente (ver acima seção 4.16). Todos os salesianos são, pois, convidados a ter um guia espiritual estável e a fazer tesouro do acompanhamento espiritual pessoal regular.

Se o acompanhamento pessoal é necessário durante a formação inicial, é ainda mais necessário quando a concluímos, pois, a partir desse momento estamos expostos a situações de vida muito mais exigentes, com grande responsabilidade pela vida e pelo crescimento de muitas outras pessoas. Assim como hoje a supervisão é imprescindível para ajudar as profissões, o acompanhamento pessoal é para nós a maneira normal de crescer em nossa vocação, qualquer que seja a tarefa apostólica específica que nos foi atribuída. Mais uma vez, a experiência do nosso Fundador é extremamente significativa. A presença do Padre Cafasso foi muito mais importante e relevante para a vida e a missão de Dom Bosco após a sua ordenação sacerdotal em 1841 do que na sua formação inicial. Vai nessa mesma direção o encorajamento dirigido pelo Papa Francisco a todos os sacerdotes na carta que lhes endereçou no dia 4 de agosto de 2019, 160º aniversário da morte de São João Maria Vianney:

“Gostaria de vos encorajar a que não negligenciásseis o acompanhamento espiritual, tendo um irmão com quem falar, confrontar-se, debater e discernir, com plena confiança e transparência, a propósito do próprio caminho; um irmão sábio, com quem fazer a experiência de se saber discípulo. Procurai-o, encontrai-o e gozai a alegria de vos deixardes cuidar, acompanhar e aconselhar. É uma ajuda insubstituível para poder viver o ministério, fazendo a vontade do Pai (cf. Hb 10, 9) e deixar o coração palpitar com «os mesmos sentimentos, que estão em Cristo Jesus» (Fl 2, 5). Fazem-nos bem estas palavras de Qohélet: «É melhor dois do que um só (...). Se caírem, um ergue o seu companheiro. Mas ai do solitário que cai: não tem outro para o levantar» (4, 9-10)”.

Apesar da insistência da Igreja e da Congregação, o acompanhamento espiritual pessoal após o período de formação inicial ainda é um tesouro a ser descoberto e apropriado por muitos irmãos e comunidades. O trabalho de conscientização a esse respeito deve ser cuidadosamente planejado e realizado nos níveis inspetorial e regional. Acima de tudo, um número crescente de salesianos deve ser iniciado e adequadamente preparado para



este ministério, lembrando que a primeira indispensável escola é a nossa experiência de acompanhados, a nossa determinação de ser “guias que são guiados”.

## 5.2.9 Contextualizar as estratégias

**206.** O nosso estudo sobre o acompanhamento pessoal salesiano nos deu uma percepção muito fiel da diversidade que há na Congregação. Essa diversidade implica em que as estratégias sugeridas acima sejam contextualizadas em nível de regiões e inspetorias. É precisamente nesses níveis que serão traçadas linhas de ação concretas e atribuídos responsabilidades e prazos.

147

### **Sugerimos, então:**

1. aprofundar os resultados da pesquisa sobre o acompanhamento pessoal salesiano em nível regional e inspetorial;
2. estudar as atuais *orientações e diretrizes sobre o acompanhamento* pessoal salesiano na ótica da contextualização e atuação;
3. compartilhar e fazer um intercâmbio de reflexões e planos de ações para promover o acompanhamento pessoal salesiano entre grupos de inspetorias e fases de formação no interior da mesma região;
4. dialogar com os centros regionais de formação permanente a fim de elaborar planos para a formação dos formadores, alinhados com as reflexões e os planos de ação relacionados com o acompanhamento;
5. envolver delegados inspetoriais de formação, comissões inspetoriais de formação e equipes de formadores, para garantir uma reflexão sistemática sobre estas orientações e diretrizes em todas as comunidades, e serem desenvolvidos com os jovens candidatos e irmãos em formação. Atenção especial deverá ser dirigida às comunidades interinspetoriais, às comunidades com irmãos no tirocínio e no quinquênio, e especialmente às comunidades de formação específica, que estão mais próximas da passagem da formação inicial à plena inserção nas comunidades educativo-pastorais da inspetoria.

**207.** Entretanto, só a animação não é suficiente; há necessidade também de um bom governo. Apresentamos aqui várias sugestões para o serviço de governo que já surgiram.



**Em nível mundial:**

1. A proposta de um novo procedimento para a nomeação dos diretores das casas de formação e dos mestres de noviciado (ver acima seção 5.2.7).

**Em nível interinspetorial:**

2. Reforçar os *curatorium* para garantir a seleção, a preparação e o empenho de longo prazo dos formadores, guias espirituais e professores.

**Em nível inspetorial:**

3. Criar planos de qualificação para garantir uma seleção de longo prazo e a preparação de formadores, guias espirituais e professores.

4. Garantir a criação de equipes de formadores que sejam qualitativa e quantitativamente significativos e capazes de trabalhar bem em equipe.

5. Atribuir irmãos em tirocínio e os do quinquênio somente às comunidades onde for possível garantir um bom acompanhamento.

6. Garantir que os delegados inspetoriais para a formação e suas comissões realizem o seu trabalho de reflexão, planejamento, acompanhamento da formação inicial e pós-inicial; garantir o trabalho de equipe e coordenação em rede com o Inspetor e seu conselho, com outros delegados inspetoriais, a coordenação regional para a formação e o conselheiro geral para a formação.







# Conclusão

**208.** O nosso estudo concentrou-se no acompanhamento pessoal salesiano durante a formação inicial, com ênfase especial no acompanhamento espiritual pessoal, tendo em vista que o acompanhamento pessoal inclui outras formas de acompanhamento, como o sacramento da Reconciliação, o colóquio com o diretor, o acompanhamento psicológico, intelectual, litúrgico e pastoral, como também as avaliações periódicas ou escrutínios.

Dada a nossa tradição particular, era inevitável que o estudo também esclarecesse sobre o colóquio com o diretor e a sua peculiar relação com o acompanhamento espiritual pessoal.

O estudo também indicou um nível muito elevado de apreço pelo sacramento da Reconciliação e certa insatisfação pelo acompanhamento da comunidade e as avaliações periódicas. Não entrou, porém, nas áreas de acompanhamento psicológico, intelectual, litúrgico e pastoral, embora tenham surgido observações sobre as “práticas de piedade”, como a Eucaristia, a meditação e a liturgia das horas.

**209.** O fato de a Congregação, mediante dois de seus dicastérios, ter optado por focalizar a atenção durante dois sexênios sobre o acompanhamento espiritual pessoal na Pastoral Juvenil e nos processos de formação, bem como a colaboração entre os dois dicastérios, que levou à elaboração do presente texto de *orientações e diretrizes*, é por si só representativo de um momento muito importante da nossa história. Providencialmente, o Sínodo sobre *Os Jovens, a fé e o discernimento vocacional* ocorreu precisamente durante este período, e, com grande vantagem, houve um diálogo frutuoso entre os dois processos.

Podemos fazer nossas as palavras do Papa Francisco: devemos aprender do Sínodo um método, ou melhor, um estilo de ser Igreja:



Os frutos deste trabalho já estão a “fermentar”, como faz o sumo das uvas nos barris depois da vindima. O Sínodo dos jovens foi uma boa vindima e promete um bom vinho. Mas gostaria de dizer que as primícias desta Assembleia sinodal deveriam estar precisamente no exemplo de um método que se procurou seguir, desde a fase preparatória. Um *estilo sinodal* que não tem como objetivo principal a redação de um documento, que, contudo, é precioso e útil. Mas mais do que o documento, é importante que se difunda um modo de ser e trabalhar juntos, jovens e idosos, na escuta e no discernimento, para chegar a opções pastorais correspondentes à realidade.<sup>1</sup>

**210.** Certamente o Espírito está nos convidando, como Congregação, a redescobrir aquela joia da proposta educativa de Dom Bosco, que é o acompanhamento espiritual, em toda a sua riqueza e originalidade, onde estão presentes juntamente a comunidade, o grupo e a dimensão pessoal, numa tensão fecunda e dinâmica. Que os nossos esforços para possuir este tesouro, preparar-nos para este serviço e dar os passos necessários em termos de animação e bom governo, frutifiquem segundo os tempos de Deus pelo bem dos jovens e de todos aqueles que participam da missão de Dom Bosco no grande movimento que nele tem sua origem.

Que Nossa Senhora, a *Pastorinha*, seja nossa mãe e mestra. Possa o nosso Pai Dom Bosco nos inspirar com sua vida e seu exemplo; e todos os membros da nossa família possam interceder por nós, a começar do nosso grande e venerado patrono, Francisco de Sales, cujo 400º aniversário de morte celebraremos em 2022.

---

<sup>1</sup> Cf. Ângelus de 28 de outubro de 2018.







# Apêndice: algumas questões e alguns pontos para reflexão

## Cap. 1 – O ESTUDO SOBRE O ACOMPANHAMENTO PESSOAL SALESIANO

A. A pesquisa sobre o acompanhamento pessoal salesiano comprovou o quanto os jovens em formação estão prontos à contribuição para a melhoria dos processos formativos, compartilhando opiniões e propostas, quando são escutados.

**Que processos de envolvimento dos jovens em formação já estão em ação em nossa inspetoria? Que outros passos podem ser dados nessa direção?**

B. O crescimento da Congregação nos anos futuros como número de irmãos será forte, sobretudo na África e na Ásia. A qualidade do futuro dessa parte sempre mais majoritária da Congregação será igual à qualidade da formação oferecida em cada inspetoria.

**Cresce, na cultura e no quadro de valores da nossa inspetoria, a convicção de que o investimento formativo é o mais urgente e importante “trabalho salesiano” em vista do nosso futuro, com o mais forte impacto que qualquer outro sobre a missão juvenil que nos é confiada?**

Duas expressões diretas do valor que se dá à formação na cultura inspetorial são: [1] Quanto se investe em formação, qualificação dos irmãos e áreas de especialização. [2] Qual o equilíbrio na relação entre qualificação de irmãos e expansão para novas presenças.

**Estamos dispostos a fazer um sério discernimento sobre as opções que se fazem nessas duas frentes e, se necessário, mudar as nossas estratégias?**



C. A pesquisa evidencia a multiplicidade de culturas da Congregação com uma nítida prevalência da língua inglesa como veículo cultural de comunicação.

**Qual é a qualidade da interculturalidade na sua inspetoria? Quanto a aprendizagem das línguas está se tornando parte da missão-formação que a inspetoria promove e realiza sobretudo com os jovens irmãos?**

D. A grande maioria dos jovens em formação pertence à geração dos “nativos digitais”, com um bom grupo nascido depois de 2000. Quem se dedica à formação deveria estar entre os mais especializados na atualização necessária para o diálogo com as novas gerações, cujos paradigmas culturais e linguísticos são decididamente diferentes das gerações precedentes.

**Nossas equipes de formação estão prontas para esse processo de atualização constante? Que passos podem ser propostos para favorecer esse tipo de inculturação hoje?**

E. Os jovens em formação mais do que destinatários são os primeiros protagonistas do seu itinerário de crescimento.

a. O espírito de família e o dinamismo característico da nossa missão tornam particularmente válida a contribuição apostólica dos jovens salesianos.

b. Eles estão mais próximos das novas gerações, capazes de animação e entusiasmo, disponíveis para novas soluções.

c. A comunidade, encorajando e orientando essa generosidade, ajuda o seu amadurecimento religioso-apostólico (C 46).

**A nossa comunidade inspetorial está pronta e é capaz de envolver os jovens irmãos também nos processos de discernimento e decisão sobre a vida das comunidades e da missão da inspetoria, que será entregue a suas mãos? Quanto são ativamente protagonistas das opções fundamentais que regulam a vida das comunidades de formação?**



## Cap. 2 – TEMAS EMERGENTES

A. Um dos apelos mais fortemente presentes na pesquisa, em todas as fases da formação inicial e em todas as regiões, é o de maior proximidade, presença, diálogo, familiaridade entre formadores e formandos.

**Isso serve de estímulo para uma séria e detalhada revisão do modo como as equipes de formação na inspetoria, inclusive as comunidades com tirocinantes, estão ou não atuando em sintonia com a familiaridade, coração do sistema preventivo (carta de Roma de 1884), no modo ordinário de interagir entre formadores e jovens em formação?**

157

B. A pesquisa indica que há uma clara distinção entre acompanhamento espiritual e colóquio com o diretor, tanto no modo de entender as duas formas de diálogo, como pela clara preferência a distinguir as pessoas a quem se referir para um e outro tipo de relação.

**Como ativar uma reflexão atenta e profunda sobre o acompanhamento espiritual e o colóquio com o diretor nas casas da inspetoria, à luz do que emergiu da pesquisa e é indicado pelo presente documento de orientações e diretrizes?**

C. O fato de oitenta por cento indicar o pré-noviciado como tempo em que inicia o itinerário de acompanhamento pessoal leva a rever com atenção a vida das comunidades na inspetoria em duas direções.

**[1] O que se oferece no aspirantado e no pré-noviciado a cada candidato é uma boa iniciação para o acompanhamento pessoal, sabendo que da forma como se vive essa primeira experiência dependerá muito o modo de viver o acompanhamento também nas fases sucessivas?**

**[2] O acompanhamento pessoal e o discernimento vocacional constituem parte integrante da Pastoral Juvenil em nossas obras educativas? Podemos ativar uma séria revisão neste sentido com o delegado para a Pastoral Juvenil e com quem está mais diretamente envolvido na pastoral juvenil e na animação vocacional?**



O “fator tempo” em especial pode ser objeto de atenção, visto que muitas vezes se faz referência na pesquisa ao fato de os salesianos “não terem tempo para dedicar-se à escuta, porque muito ocupados em outras atividades”.

D. Um risco que emerge repetidamente na pesquisa é o do conformismo, quando os formandos se adaptam às exigências que lhes são feitas, não por serem movidos interiormente pelo amadurecimento de convicções, mas porque há um forte elemento de controle e, não raramente, de medo. Corre-se, então, o risco de que também os aspectos mais vitais do itinerário formativo, como a vida de oração, sejam condicionados por um formalismo que esvazia o seu valor a partir de dentro. Esse risco é mais forte onde é maior a sobreposição dos papéis de autoridade e de acompanhamento.

**Isso incentiva uma corajosa revisão, com o envolvimento dos jovens, sobre a autenticidade e sinceridade de envolvimento nos processos formativos, examinando não só a resposta de quem está em formação, mas também e ainda mais o tipo de abordagem com que se animam e guiam as comunidades.**

E. Emerge da pesquisa um alarmante sinal na vertente da confidencialidade, que parece ser um tanto frágil, sobretudo em algumas fases da formação inicial.

**É preciso fazer um sério exame dessa frente, levando em conta todas as comunidades, para corrigir erros e criar os pressupostos necessários que favoreçam um autêntico clima de confiança, ponto inicial indispensável para o acompanhamento pessoal salesiano e a sua eficácia.**

F. As avaliações trimestrais são uma forma de acompanhamento comunitário. A pesquisa evidencia muitos elementos de dificuldade nessa frente.

**Propõe-se uma revisão do modo como são propostos e vividos esses instrumentos nas casas de formação da inspetoria (comunidades com tiorcinantes incluídas), a fim de poder melhorar a sua qualidade e eficácia.**

É importante que a revisão seja feita com o envolvimento dos próprios jovens, cujo crescimento é a única razão que motiva o exercício dos escrutínios trimestrais.



## Cap. 3 – INSPIRAÇÕES QUE NASCEM DA NOSSA TRADIÇÃO

A. A reflexão sobre a praxe do acompanhamento espiritual em Dom Bosco ajuda a compreender como a atenção ao ambiente comunitário e de grupo e a abordagem pessoal sejam ambos fundamentais para o crescimento.

**Como favorecer nas casas da inspetoria a harmonia fecunda entre clima comunitário e relação pessoal, em vista do crescimento de cada um, formadores e formandos?**

159

B. Viver o sistema preventivo no acompanhamento significa dar o melhor de si na qualidade das relações.

**Como ajudar educadores e formadores a renovarem a qualidade do sistema preventivo na relação com todas as pessoas, inspirada no respeito pelo outro, na capacidade de escuta, “participando com amor paterno e materno do crescimento do indivíduo”, em colaboração com os demais?**

C. A dimensão mistagógica é fundamental para a aplicação do sistema preventivo, ou seja, uma profunda vida de fé e de oração, que está na base do serviço educativo e pastoral que se confia a cada um.

**Este é o horizonte de fundo que se respira e que anima a ação formativa dos irmãos na inspetoria? Como reavivar constantemente essa dimensão fundamental que une espiritualidade e serviço formativo?**

## Cap. 4 - À ESCUTA DO ESPÍRITO

A. Os jovens no encontro anterior ao Sínodo traçaram a identidade do acompanhante que foi retomado integralmente pelo Papa Francisco na *Christus Vivit*, nº 246: «Estes acompanhantes deveriam possuir algumas qualidades: ser um cristão fiel comprometido na Igreja e no mundo; manter uma tensão contínua para a santidade; não julgar, mas cuidar; escutar ativamente as necessidades dos jovens; responder com gentileza; conhecer-se; saber reconhecer os seus limites; conhecer as alegrias e as tribulações da vida espiritual.



Uma qualidade de primária grandeza é saber reconhecer-se humano e capaz de cometer erros: não perfeitos, mas pecadores perdoados. Acontece frequentemente que os acompanhantes são colocados num pedestal e por isso, quando caem, provocam um impacto devastador na capacidade que os jovens têm de se comprometer na Igreja. Os acompanhantes não deveriam levar os jovens a serem seguidores passivos, mas sim a caminhar ao seu lado, deixando-os ser os protagonistas do seu próprio caminho. Deveriam respeitar a liberdade do processo de discernimento de um jovem, fornecendo-lhe os instrumentos para realizar adequadamente este processo. O acompanhante deveria confiar sinceramente na capacidade que cada jovem tem de participar na vida da Igreja. Por isso, deveria cultivar as sementes da fé nos jovens, sem pressa de ver os frutos do trabalho que vem do Espírito Santo. Este papel não deveria ser circunscrito aos presbíteros e aos religiosos, mas também o laicato deveria poder exercê-lo. Todos estes acompanhantes deveriam poder beneficiar duma boa formação permanente».

**Este pode ser um ótimo roteiro para a reflexão na inspetoria sobre o perfil que o acompanhante salesiano é chamado a ter hoje, tanto para a missão no interior da Pastoral Juvenil como nas comunidades de formação inicial.**

B. A abertura à diversidade de culturas, situações, gerações, histórias de vida é uma atitude que parte da interioridade mais do que de uma adequação exterior.

**Onde, na inspetoria, emergem de modo mais acentuado as diversidades e como se responde a elas? (Boas práticas, elementos de fragilidade, aspectos que exigem alguma mudança)**

C. “A centralidade espiritual do acompanhamento pessoal” pede para ser “balanceada por uma densidade carismática de igual peso e valor”. “A natureza religiosa e apostólica da vocação salesiana determina a orientação específica da nossa formação” (C 97).

**São estes os fundamentos em que é baseada a formação na inspetoria, nos quais também se orienta o acompanhamento pessoal? Como reforçar esta visão espiritual e intensamente salesiana tanto nos guias como nos jovens em formação inicial?**

D. A qualidade da Pastoral Juvenil determina os processos de formação.



**Propor uma revisão conjunta da Pastoral juvenil e da Formação em relação à animação vocacional, para avaliar se o que vem sendo atuado está em sintonia com o que há anos o Quadro Referencial já propõe para a animação vocacional, intrínseca e essencial para à Pastoral Juvenil em todas as suas expressões (QdR 152; 248-249). Atenção especial deverá ser dada às experiências de aspirantado, avaliando-as também à luz da carta sobre o Aspirantado de Attard e Cereda (julho de 2011).**

E. Pré-noviciado.

**Na inspetoria, é dado ao pré-noviciado um peso e importância semelhante ao que se dá ao noviciado, como requerido pela Ratio, em especial no que se refere à escolha do encarregado e da equipe que colabora com ele (FSDB 345)? Qual é o envolvimento de leigos no itinerário formativo dos pré-noviços?**

F. Graça e liberdade. Esta parte das orientações (121-132) é como que o fundamento teológico do acompanhamento salesiano.

**Mais que se limitar a uma pergunta, propõe-se um processo de reflexão e estudo, participação e diálogo, para verificar em conjunto com as equipes de formadores e com os grupos de jovens em formação a sintonia com estas verdades de fundo que nutrem os processos de acompanhamento. Abre-se assim o caminho para processos e itinerários de uma conversão gradual.**

G. Diretor, acompanhante, confessor.

**Como são compreendidas e valorizadas estas três figuras nas comunidades em relação ao acompanhamento? Que preparação é proposta para estes ministérios? Onde se registra alguma fragilidade sobre esses papéis na inspetoria, como remediá-los neste momento e num planejamento de longo prazo?**

H. O acompanhamento da comunidade e da equipe de formação.

**Propõe-se uma revisão corajosa tanto da parte dos formadores como dos formandos sobre o**



**efetivo peso formativo das comunidades e equipes como são atualmente (ex.: SWOT analysis).**

I. A carta de Roma de 1884.

**Propõe-se retomá-la como paradigma daquilo que confiança e abertura, confiança e familiaridade significam no acompanhamento pessoal salesiano, através de uma “lectio salesiana” e de momentos de partilha sobre esse texto fundamental da nossa tradição.**

J. Os modelos de formação.

**Mais do que uma pergunta, propõe-se uma reflexão tranquila e atenta dessa parte do documento (156-163) com uma avaliação [1] do modelo vivido na própria formação, [2] do modelo em que atualmente se inspira [3] e da percepção do modelo que os jovens em formação têm.**

K. O escrutínio como oportunidade de renovação.

**Enquanto se verifica e repensa a modalidade como são feitos os escrutínios, pode-se ativar um processo conjunto que levará tanto à melhoria desse instrumento como também à renovação da relação entre equipe e jovens em formação.**

L. Propõem-se dois níveis de revisão da formação dos formadores.

**[1] Como a comissão inspetorial para a formação e o Conselho inspetorial fazem o discernimento para a escolha do pessoal para a formação, a sua preparação específica e a formação permanente dos formadores.**

**[2] Esquipes locais de formação e formador: verificar a própria abertura à supervisão, isto é, a ser “um guia que, por sua vez, é guiado” (175-178)**

*NOTA: a terceira parte (ESCOLHER) está toda orientada para propostas operativas, com uma série de “Sugestões para linhas de ação contextualizadas nas regiões, inspetorias e comunidades locais”. É supérfluo, portanto, propor questões que favoreçam a contextualização das orientações na inspetoria.*







# Bibliografia es colhida

## Documentos da Igreja

165

Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica. *Para vinho novo odres novos. Do Concílio Vaticano II a vida consagrada e os desafios ainda abertos. Orientações*, Roma 2017.

Congregação para o Clero. *O dom da vocação presbiteral: Ratio fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*. Roma 2016.

Francisco. *Exortação apostólica pós-sinodal Amoris Laetitia* sobre o amor na família, Roma 2016.

Francisco. *Exortação apostólica pós-sinodal Christus vivit*, Roma 2019.

Francisco. *Exortação apostólica Evangelii gaudium sobre o anúncio do evangelho no mundo atual*, Roma 2013.

Francisco. *Exortação apostólica Gaudete et exsultate* sobre o chamado à santidade no mundo contemporâneo, Roma 2018.

João Paulo II. *Exortação apostólica pós-sinodal Vita consecrata* sobre a vida consagrada e a sua missão na Igreja e no mundo, Roma 1996.

XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos 2018. *Os Jovens, a Fé e o Discernimento Vocacional*, Documento Final.

XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos 2018. *Os Jovens, a Fé e o Discernimento Vocacional*, Instrumentum Laboris.

## Literatura Salesiana

Attard, Fabio e Miguel Ángel García, ed. *O acompanhamento espiritual: Itinerário pedagógico e espiritual em chave salesiana a serviço dos jovens*, Brasília: Editora Dom Bosco, 2015.



Albuquerque Frutos, Eugenio. “São Francisco de Sales como diretor espiritual: Práxis pastoral na direção espiritual do Bispo de Genebra” 28-47.

Buccellato, Giuseppe. “A experiência da direção espiritual vivida por Dom Bosco nos anos do Colégio Eclesiástico de Turim (1841-1844)” 141-194.

Finnegan, Jack. “Acompanhamento espiritual. Os desafios do pós-moderno e do pós-secular no Ocidente contemporâneo” 233-272.

Giraud, Aldo. “Direção espiritual em São João Bosco. Características peculiares da direção espiritual oferecida por Dom Bosco aos jovens” 195-211.

Giraud, Aldo. “Direção espiritual em São João Bosco. Conteúdos e itinerários do acompanhamento espiritual dos jovens na práxis de Dom Bosco” 212-230.

McDonnell, Eunan. “A direção espiritual em São Francisco de Sales. Linhas fundamentais do método espiritual e pedagógico na perspectiva salesiana” 94-133.

Struś, Józef. “A pessoa do diretor espiritual segundo São Francisco de Sales” 48-93.

Attard, Fabio e Francesco Cereda. “Orientações sobre a Experiência do Aspirantado” Prot. 11/0377, de 26 de julho de 2011.

Bay Marco. *Giovani salesiani e accompagnamento. Risultati di una ricerca internazionale*, Roma: LAS, 2018.

Cereda, Francesco. “A fragilidade vocacional. Início de uma reflexão e propostas de intervenção”, ACG 385 (2004) 35-54.

Grech, Louis. *Salesian Spiritual Companionship with Young People Today inspired by the Thought and Praxis of St John Bosco*, Malta, Horizons, 2018.

*A Formação dos Salesianos de Dom Bosco: Ratio fundamentalis institutionis et studiorum*, 4ª edição, 2016.

Dicastério para a Pastoral Juvenil Salesiana, *A Pastoral Juvenil Salesiana. Quadro referencial*, Roma: Editora S.D.B: Brasília 2014.









PRO NOBIS

A  
DON BOSCO

MCMXV



